

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



Os Alemães em Aljezur –
Casos de *Lifestyle Migration*

Kia Herbers

Tese orientada pela Prof.^a Doutora Maria Alexandra Lousada e
coorientada pela Prof.^a Doutora Jennifer McGarrigle
especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre
em Cultura e Sociedade na Europa

2017

Resumo

Em Portugal, o estudo da *lifestyle migration* ainda está pouco explorado e pouco se sabe sobre porquê e como os migrantes do norte da Europa vivem no país. Este trabalho tem como objetivo traçar uma imagem da migração alemã em Aljezur, o concelho do Algarve que tem o maior número de residentes estrangeiros a nível nacional. Com base na análise de 26 entrevistas a alemães que se encontram, maioritariamente, na idade ativa, este estudo qualitativo adotou um enquadramento analítico que tem em conta as vidas dos migrantes antes, durante e depois do processo de migração. O resultado é um contributo académico que reflete a diversidade existente dentro do contexto da *lifestyle migration* e a complexidade dos padrões da migração alemã em Aljezur.

Palavras-chave: *lifestyle migration*, Portugal, Algarve, integração

Abstract

The study of lifestyle migration in Portugal is still mostly unexplored and little is known about why and how migrants from northern Europe live in Portugal. This work aims to trace an image of the german migration in Aljezur, a municipality in the Algarve with the largest number of foreign residents of the country. Based on the analysis of 26 interviews with germans who are mostly in the active age, this qualitative study adopted an analytical framework that takes into account the lives of the migrants before, during and after the migration process. The result is an academic contribution that reflects the diversity that exists within the context of lifestyle migration and the complexity of german migration patterns in Aljezur.

Keywords: lifestyle migration, Portugal, Algarve, Integration

ÍNDICE

1. Introdução _____	4
2. <i>Lifestyle Migration</i> _____	9
2.1 Uma revisão da literatura _____	9
2.2 Definir <i>lifestyle migration</i> _____	10
2.2.1 O processo da <i>lifestyle migration</i> . O <i>feedback</i> _____	13
2.2.2 Os <i>lifestyle migrants</i> _____	15
2.2.3 <i>Lifestyle migration</i> e o turismo _____	19
2.2.4 <i>Counterurbanization</i> e o Mundo Rural _____	20
2.3 O processo de integração _____	21
3. Apresentação da pesquisa _____	26
3.1 A região de estudo: Aljezur _____	26
3.1.1 A população autóctene e os migrantes _____	30
3.1.2 A atratividade e o (des) emprego _____	32
3.2 A metodologia _____	33
3.3 A entrevista _____	35
3.4 Os entrevistados _____	36
3.5 A tipologia _____	40
4. Os resultados da análise _____	45
4. 1 O processo migratório _____	45
4.2 A escolha do lugar _____	59
4.3 Viver do quê? _____	69
4.4 Integrar ou não integrar _____	82
4.4.1 A língua _____	82
4.4.2 As relações sociais _____	87
4.4.3 A integração individual e coletiva _____	91
5. Conclusão _____	98
6. Bibliografia _____	103

1. Introdução

A crescente globalização não teve apenas impactos económicos e tecnológicos; também o ser humano se adaptou à nova mobilidade e às possibilidades que esta lhe proporciona. No contexto do espaço europeu e especialmente no espaço da União Europeia (UE), a livre circulação de pessoas e a noção de espaço integrado facilita, como nunca antes, a migração intraeuropeia. Unem-se neste espaço países para os quais se viaja sem haver a obrigatoriedade de atravessar fronteiras físicas e que, não obstante as diferenças culturais, históricas e geográficas, não só usufruem de uma moeda única que simboliza a união, como adotaram uma direção e um plano comum que, apesar de ainda ter muitos desafios pela frente, tem como objetivo comum tornar as legislações dos países e os direitos dos cidadãos cada vez mais sincronizados.

No entanto, atualmente a Europa encontra-se na maior crise desde a 2ª Guerra Mundial e os valores propagados desde a instauração da UE em 1957 parecem afundar, a pouco e pouco, em areias movediças. À crise económica de 2008 juntou-se, em 2015, a presente crise dos refugiados¹. A Europa está sujeita a submeter-se a estas duas provas que não só abalaram fortemente a estrutura política e social do continente, como também criaram cada vez mais disparidades entre os cidadãos e os valores em que acreditam. Cada vez mais se sente a insatisfação dos cidadãos europeus². Uma das provas mais marcantes dessa insatisfação é a recente saída da Grã-Bretanha da UE, que foi decidida por um referendo nacional. Este exemplo demonstra como a pertença à UE é um fator facilitador de movimentação intraeuropeia mas que, da mesma forma, não poderá ser encarada como um dado adquirido. Nunca nenhum país tinha saído da UE e uma das consequências diretas desta saída será um recuo e uma legislação mais restritiva da entrada de migrantes na Grã-Bretanha. O país considera impor uma paragem de entrada de imigrantes, tanto da UE, como dos restantes países, seguindo desta forma uma das reivindicações mais prementes dos apoiantes do Brexit. De acordo com o OECD³, “while over the course of the 1990s some EU Member States had explicitly adopted the concept of multiculturalism to understand

¹ http://europa.eu/rapid/press-release_SPEECH-15-5498_de.htm (07.11.2016)

² <https://www.thepressproject.gr/article/95966/European-Citizens-Discontent-with-EU> (07.11.2016)

³ <http://www.oecd.org/migration/mig/15516956.pdf> (24.07.2016, pp.7)

relations between different population groups within their country, over the past couple of years, and especially since 11 September 2001, an emphasis on loyalty to a particular national identity has returned.”

Assim, transformações sociais, instabilidades políticas e económicas afundaram a Europa numa crise identitária em que discursos sobre possíveis saídas da Zona Euro, discursos sobre autonomias políticas e económicas de cada país ou até sobre um retorno às fronteiras intraeuropeias fazem parte da atualidade e são uma consequência direta da insatisfação social em que a Europa se encontra atualmente.

No entanto, e apesar de que a Europa “is not a homogeneous social space, but rather a complex and stratified social phenomenon that may produce very different and seemingly contradictory forms of international migration (A. Amelina *et. al.*, 2016: 7), presentemente, a lei da livre circulação de pessoas ainda prevalece e impulsiona o movimento de pessoas dentro da UE, incentivando ativamente a migração intraeuropeia.

Dentro do contexto deste trabalho, iremos analisar o processo migratório de indivíduos europeus que não optaram por emigrar porque foram impelidos a emigrar mas sim porque quiseram emigrar e, neste contexto, iremos conceitualizar este tipo de migração, que tem vindo a receber cada vez mais atenção académica por ostentar razões precisamente contrárias à noção “comum” de migração.

Enquanto a noção de migração é geralmente definida por movimentos de espaço sul-norte e rural-urbano e é maioritariamente conduzida por motivações económicas, a migração que será objeto deste estudo define-se por movimentos inversos, isto é, desloca-se de norte para sul (ou norte-norte) e, na maior parte, de meios urbanos para um meio rural (Spalding, 2013: 68-69) e - e este é o denominador comum da *lifestyle migration* - os *atores* têm o privilégio de escolherem de forma voluntária o local onde se irão estabelecer de acordo com os seus sonhos e aspirações.

De acordo com Sardinha (2013: 157), “for the last half-a-century, Portugal has been a destination for lifestyle and sun-searching migrants originating from Northern and Central Europe”. O Algarve é conhecido como sendo um dos maiores destinos turísticos de Portugal e, “a nível nacional, a população de nacionalidade estrangeira

tem maior representação relativa no Algarve”⁴. Após análise dos resultados do Censos de 2011, o concelho algarvio de Aljezur destacou-se como o concelho com o maior número de estrangeiros residentes a nível nacional. Apesar de que a comunidade do Reino Unido ultrapassou em números a comunidade alemã do concelho na última década, a análise das faixas etárias evidencia que a imigração inglesa é maioritariamente de indivíduos reformados (*retirement migration*), enquanto os migrantes alemães se encontram, na sua grande maioria, nas faixas etárias da vida ativa e, como tal, têm um maior impacto na sociedade. Posto isto e, tendo em conta que, de acordo com a análise dos períodos intercensitários de 1981 a 2011, a comunidade alemã foi - dos países do Norte da Europa – a maior comunidade de estrangeiros em Aljezur até aos anos 2000, o objetivo principal deste estudo é traçar uma imagem da imigração alemã no concelho de Aljezur, no Algarve.

Neste sentido, este trabalho debruça-se sobre duas questões pertinentes:

1. Por um lado, entender como se desenrolou o processo migratório dos imigrantes alemães em Aljezur, isto é, quais as motivações que levaram à emigração e como se desenvolveu e concretizou o processo de decisão, especialmente a decisão da escolha do lugar (*locational choice*). Adicionalmente, analisaremos os imaginários pré-construídos dos migrantes e as negociações necessárias para lidar com o eventual contraste que esses imaginários representam em relação à realidade em que se encontram.
2. Por outro lado, analisar o processo de integração e, dentro desse processo, de integração analisar várias perspetivas: os meios de vida adotados pelos migrantes, a importância que o migrante confere à língua como meio de integração, a integração dos migrantes tendo em conta as suas relações sociais e se a forma como a noção de integração é retratada em discurso coincide com as atitudes do migrante.

Para explorar estas questões de pesquisa foi adotada uma abordagem metodológica qualitativa que teve como base 26 entrevistas realizadas a alemães residentes em Aljezur. Foi escolhida uma abordagem qualitativa porque a individualidade expressa em cada um destes percursos é uma das características fundamentais no estudo da *lifestyle migration*. Korpela (2014b: 27) refere em

⁴ Fonseca, M., Ormond, M., Malheiros, J., Patrício, M., Martins, F. (2005). Reunificação Familiar e imigração em Portugal, ACIME, Lisboa, pp. 91

Understanding Lifestyle Migration que “the current era is often called the age of individualism: individuality is expected, even demanded, of us. Within this discourse, *lifestyle migrants* seem to be ideal subjects”. Além da especificidade de cada percurso individual inerente a este caso de estudo, só há muito pouca literatura sobre *lifestyle migration* em Portugal, sendo que se justifica uma abordagem qualitativa para tentar traçar uma imagem profunda e transversal deste tipo específico de migração, em que a perspetiva do migrante tem um peso significativo.

A grande maioria dos entrevistados estabeleceu-se naquele concelho entre os anos 80 e a presente d. Além disso, foi realizada uma observação sistemática das relações dos entrevistados com o meio e a comunidade em que se inserem e foram interpretados conhecimentos adquiridos ao longo de vários anos, dada a estreita relação e o contacto pessoal do pesquisador com a comunidade alemã deste concelho.

Para definir melhor o desenvolvimento, em primeira linha temporal, desta migração, foi criada uma tipologia, que permite sublinhar as diferenças entre estes processos relativamente às motivações, à integração e à atitude que o migrante tem e teve para com o seu percurso migratório. Assim, em relação aos imaginários, às expectativas e à vida atual em que se inserem, o grupo de entrevistados foi subdividido em três grupos: os ideologistas, que vieram na década de 80, os despreocupados, que vieram na década de 90, e por último, os surfistas, que vieram nas décadas de 2000 e 2010. Além disso, os entrevistados foram também categorizados em dois outros subgrupos que já Eimermann (2014) tinha identificado no seu estudo sobre os holandeses na Suécia: os planeadores e os espontâneos, sendo que os planeadores, tal como o nome indica, planearam a vinda e grande parte dos passos tomados de forma prospetiva e prudente, ao contrário dos espontâneos que se tornaram migrantes quase por acaso e se deixam levar por acontecimentos imprevistos.

A primeira parte deste trabalho dedica-se à teoria que fundamenta os temas abordados. Desta forma, no segundo ponto é apresentada uma revisão da literatura da *lifestyle migration*. É aprofundado o processo de *lifestyle migration*, e o papel das redes sociais, nomeadamente, como se desenvolve, quais são os seus atores ou como se relaciona com o turismo. A seguir é apresentada uma breve definição de integração no contexto da *lifestyle migration*.

A segunda parte deste trabalho tem como base a parte empírica. No terceiro ponto é apresentado o local de estudo, o concelho de Aljezur. É dada especial ênfase à análise censitária da população e às características geográficas, além de a relacionar a atratividade do concelho com a taxa de desemprego. Em seguida, é apresentada a metodologia usada, tal como o processo de elaboração e execução da entrevista. São também apresentados os entrevistados e as tipologias desenvolvidas de acordo com as suas características e com base nos dados resultantes da análise das entrevistas. No último capítulo da segunda parte serão apresentados os resultados da análise qualitativa, subdivididos em quatro temas principais que serão utilizados para estruturar os resultados empíricos desta secção. Por fim, o último capítulo é a conclusão. Na conclusão serão sumarizados os resultados e será projetada uma proposta para um estudo futuro de forma a complementar os resultados obtidos no presente trabalho.

2. Lifestyle migration

2.1 Uma revisão da literatura

O conceito de migração sofreu alterações profundas na medida em que no séc. XIX e XX migração implicava ser um movimento permanente de uma nação para outra e que se definia basicamente por *labour* e *settlement migrants*. No séc. XXI assistiu-se a uma viragem deste conceito. “The twenty-first century, by contrast, is seen as an era of fluidity and openness in which changes in transportation, technology, and culture are making it normal for people to think beyond borders and to cross them frequently” (Urry, citado de Castles, 2016: 20). Principalmente no contexto europeu e das migrações intraeuropeias, esta fluidez passou a simbolizar a facilidade com que cidadãos migram de um país para o outro, com cada vez menos restrições e fronteiras, tanto geográficas como burocráticas.

Foram Benson e O'Reilly que, em 2009, marcaram o estudo da migração atual propondo o termo “*lifestyle migration*” para englobar vários tipos de mobilidades tais como, por exemplo, “*retirement migration, leisure migration, counterurbanisation, second home ownership, amenity-seeking and seasonal migration*” (Benson e O'Reilly, 2009b: 609/2). As autoras referem que, apesar de diferentes, todos estes movimentos têm em comum a procura por um estilo de vida melhor mas que nenhum deles, por si só, consegue explicar a amplitude do fenómeno e, neste sentido, Benson e O'Reilly explicam a necessidade de encontrar um termo que englobe todas as gradações deste fenómeno relativamente novo:

As a result of their restricted scope, to date none of these conceptualizations has succeeded in uniting the various elements of what we believe is a wider phenomenon or thereby addressing its full complexity. We are therefore using lifestyle migration as a conceptual framework, through which to examine both the similarities and differences within this growing trend as well as to begin to draw attention to its location in wider structural and historical forces and its local and global impacts (2009a: 2).

É verdade que sempre houve pessoas que mudaram de lugar impulsionadas pelo sonho de encontrar felicidade noutra sítio. Porém, há uma variedade de transformações sociais atuais que levaram a um rápido e acentuado crescimento deste fenómeno. De facto, é de grande importância para o estudo das migrações não esquecer de ter em conta o peso que certas transformações sociais poderão ter

sobre uma nova corrente migratória ou até sobre a estagnação de uma corrente migratória já existente. Tal perspectiva permite uma avaliação mais abrangente e profunda sobre motivações e processos de decisão, que vai além dos discursos diretos dos migrantes.

A social-transformation perspective in migration research would attempt to relate the analysis of recent migration and mobility patterns to fundamental changes in social, political, and economic orders (Amelina *et al.*, 2016: 4).

Continuando, os autores afirmam que uma das características interessantes neste conceito de transformação social é que se afasta do conceito de desenvolvimento e aceita qualquer tipo de alteração como uma *transformação*, em vez de usar uma retórica de progresso, com frequência adotada nos países desenvolvidos. Algumas destas transformações são, por exemplo, a globalização, o avanço das tecnologias, a massificação do turismo, a facilidade de trabalho móvel, a crescente mobilidade e a individualização (Benson e O'Reilly, 2009a: 3). "There is qualitative and quantitative evidence that such privileged forms of mobility and migration have recently experienced a significant increase in terms of scale, scope and intensity worldwide" (Janoschka e Haas, 2013: 1).

2.2 Definir *lifestyle migration*

Como se define este tipo de migração? A definição proposta por Benson e O'Reilly (2009b:2) é uma das definições mais citadas na literatura sobre *lifestyle migration* e tem, por assim dizer, um estatuto de definição-mor:

Lifestyle migrants are relatively affluent individuals of all ages, moving either part-time or full-time to places that, for various reasons, signify, for the migrant, a better quality of life. (...) The migrants seek the greater good in life, however that might be perceived. Lifestyle migration is thus a search, a project, rather than an act, and it encompasses diverse destinations, desires, and dreams.

Esta definição é tanto assertiva como vasta. Por um lado, reflete a imensidão de vertentes e ângulos que este tipo de migração em si carrega e, por outro, define, no ponto, a essência deste tipo de migração, que se caracteriza por uma procura por algo que preencha a vida de forma mais satisfatória, mas que, no fundo, é uma

procura por algo subjetivo. E é esta subjetividade que nos leva ao cerne deste fenómeno. Este movimento não tem só a ver com uma mudança de vida, de lugar, de comunidade, de país. Esta procura por algo melhor, algo que satisfaça mais, tem o seu início na procura do indivíduo por autorrealização, pela satisfação e realização do indivíduo, ou como Benson e O'Reilly afirmam "*lifestyle migration* is about escape, escape from somewhere and something, while simultaneously an escape to self-fulfilment and a new life – a recreation, restoration or rediscovery of oneself, of personal potential or of one's 'true' desires" (2009a: 4). De acordo com Giddens, houve uma evolução na construção da identidade. Já não têm de ser cumpridos tantos requisitos tradicionais e culturais, o que por sua vez leva a uma maior liberdade na construção da própria identidade e, portanto, "we have no choice but to choose how to be and how to act" (Giddens, 1994: 75, *apud* Torkington, 2010). Neste contexto, a escolha do lugar onde se vive faz parte da construção dessa identidade. Nas palavras de Benson e O'Reilly:

Each and every one of these mobile individuals presents migration as a route to a better and more fulfilling way of life, especially in contrast to the one left behind. This way of life can be distinguished from that sought by other migrants, such as labour migrants, refugees and asylum-seekers, in its emphasis on lifestyle choices specific to individuals of the developed world; migration for these migrants is often an antimodern, escapist, self-realization project, a search for the intangible 'good life' (2009a:1).

O objetivo do estudo da *lifestyle migration* é entender melhor este fenómeno com todas as nuances que lhe são inerentes, isto é, não só analisar os processos de migração e de decisão, como também analisar o desenvolvimento do processo através de mecanismos sociais, analisar as vidas, os imaginários e idealizações dos migrantes nos períodos do pré- e pós-migratório, tentar entender os processos de autorrealização e as estratégias de negociação, tal como, os graus de integração.

E, apesar de ser uma área de estudo relativamente recente, este fenómeno foi desencadeando interesse académico num vasto leque de ciências, tais como, por exemplo, na antropologia social, na sociologia, nas ciências políticas, nos estudos do turismo, no planeamento urbano e na geografia humana (Janoschka e Haas, 2013), o que faz com que atualmente já exista um *corpus* de literatura considerável sobre o tema. A amplitude e a diversidade deste fenómeno global exprime-se na diversidade de estudos que têm sido conduzidos, tais como: sobre os ingleses na

França (Benson, 2009, Lawson, 2017), o turismo residencial em Espanha (Gustafson, 2009; Huete, 2009 e 2012), os ocidentais na Índia (Korpela, 2010), os holandeses na Suécia (Eimermann, 2014 e 2015), os *lifestyle migrants* em Portugal (Sardinha, 2015; Torkington, 2011), os *lifestyle migrants* nos Estados Unidos (Hoey, B. 2009). Atualmente, o discurso académico (Benson, 2015) reflete a necessidade de alargar o foco para diferentes direções. Em 2009, Benson e O'Reilly escrevem:

Cases of lifestyle migration can only be fully understood, therefore, by examining the decision to migrate within the context of the migrants lives before migration, but also by taking into account the particularities of their lives following migration. (2009b: 12).

Será precisamente este enquadramento analítico que será adaptado ao presente trabalho. Como tal, é um trabalho cuja análise se estende durante um longo período de tempo e que tem em conta não só a vida atual como também a vida anterior à migração.

Nas secções anteriores foram exploradas as definições e as motivações que caracterizam a *lifestyle migration*. Na secção que se segue é apresentada uma reflexão sobre os mecanismos sociais que geram e perpetuam a migração em si.

A migração é sempre um processo social. Em qualquer fase da migração, o contacto e as informações disponibilizadas por outras pessoas desempenham um papel de extrema importância. Assim, as relações sociais que os migrantes mantêm com todos os contactos que possam de alguma forma contribuir para o processo de migração são designados “rede social”. De acordo com Massey (1993), pessoas que mantêm contactos com outras pessoas que já tenham passado por algum tipo de experiência de migração, atual ou passada, têm uma maior probabilidade de emigrarem no futuro. É assim que também funciona o mecanismo do *feedback*. Há evidências de que uma das maiores influências na decisão de emigrar, e para onde emigrar, são os relatos e as informações transmitidas por outros (Epstein e Gang, 2004).

Posto isto, a seguinte secção debruçar-se-á sobre o *feedback* enquanto mecanismo social de importância significativa para o desenvolvimento sustentável da corrente migratória e, além disso, poderá elucidar sobre o desenvolvimento interno de todo o processo de migração.

2.2.1 O processo da *lifestyle migration*: A rede social e o *feedback*

The story of the pioneers setting off on an adventure into distant places, building new lives and then calling on people back home to join them has been told in many different ways over generations (Bakewell *et al.*, 2016:1).

De acordo com os autores, este processo já foi exaustivamente estudado no campo da migração; no entanto, não foi dada a devida atenção a como este processo se desenvolve. De facto, o *feedback* é um mecanismo que visa explicar como o processo inicial se foi desenvolvendo. Também Eimermann refere no seu trabalho, principalmente na relação entre turismo e migração, “after migration, these migrants invite friends and relatives and may induce a subsequent cohort of migrants” (2014: 61).

Neste trabalho iremos analisar com mais atenção a rede social e o processo de *feedback* e tentar categorizá-lo de acordo com as tipologias propostas por Bakewell *et al.*, 2016.

A questão inicial que poderemos colocar será, a que se refere o *feedback* no estudo da migração? Bakewell, Kubal e Pereira definem *feedback* como “the social mechanism that operates to create links across time and space between the migration of migrants who come at a certain time and those that follow after them” (Bakewell *et al.*, 2016:108). Além disso, os autores referem que “a noção de *feedback* surgiu através da procura de propriedades sistemáticas e de mecanismos sociais que pudessem explicar as várias dinâmicas dos movimentos migratórios” (traduzido de 2016: 4). Desta forma, o *feedback* poderá ser entendido como o mecanismo que originou um movimento posterior a um movimento anterior e que, tal como o movimento anterior, se desloca de A para B, dentro de um espaço temporal posterior.

Além disso, “é necessário ver além das simples correlações que poderão indicar a possibilidade de uma relação entre uma variável independente (tal como, migrantes que já estejam presentes) e um resultado visível (como por ex., novos migrantes que chegam)” (traduzido de 2016: 4 e 1 respetivamente). Os autores referem que será necessário não só definir o movimento em si como também desmascarar os mecanismos sociais que criam estas relações que se estendem através de espaços geográficos e temporais. Aqui será importante frisar o papel destes mecanismos sociais que, de acordo com os autores, têm sido ignorados

sucessivamente no estudo da migração. Grande parte da literatura sobre *feedback* relaciona o *feedback* com as redes sociais dos migrantes e pouca importância dá a outros fatores menos óbvios mas que igualmente moldam os padrões de migração, tais como as transformações sociais. De acordo com os autores, na literatura sobre migração a noção de *feedback* está usualmente relacionada com movimentos migratórios de trabalhadores pouco qualificados (low-skilled labour migrants); porém, em contraste, iremos demonstrar que estes processos se desenrolam igualmente entre migrantes com um privilégio relativo.

Outro termo recorrente no estudo do *feedback* foi proposto originalmente por Myrdal (1957) e reintroduzido por Massey e é “*cumulative causation*” (Massey, 2010; de Haas, 2010). *Cumulative causation* designa um princípio em que várias mudanças são desencadeadas por um único evento e a teoria visa explicar “why once a migration flow begins, it continues to grow” (Fussel and Massey, 2004:151). Adicionalmente, “the idea that migration induces changes in social and economic structures that make additional migration likely”. Assim sendo, no estudo da migração este termo explica como a migração entre localidades se pode tornar num processo autossustentável (Bakewell *et al.* 2016). A teoria defende que enquanto a experiência migratória cresce com a comunidade pioneira, a probabilidade de que outros membros da comunidade iniciarão um novo movimento migratório, que se poderá distinguir em termos de espaço e tempo, aumenta consideravelmente. De acordo com os autores, proporcionalmente ao crescimento da migração crescerão também as redes sociais e os contactos, de tal forma que se tornam em um processo autossustentável, mesmo independentemente das condições estruturais em que foram formados inicialmente.

Isto, no entanto, não quer dizer que, assim que a corrente migratória se iniciou, se torna num processo infundável. A corrente migratória tem tendência a estabilizar ou até recuar, mesmo quando as redes sociais estão bem desenvolvidas. Outro aspeto interessante é que tipo de *feedback* os migrantes passam entre si. De acordo com Bakewell *et al.* (2016: 9), estudos anteriores têm vindo a reconhecer que a maior parte dos migrantes só dificilmente transmite os lados negativos das suas experiências e que, na verdade, a tendência é de embelezar as experiências vividas. Neste sentido, de Haas (2010) refere que há de facto pontos fracos na tentativa de teorizar os processos de *feedback*.

Outra questão interessante que se coloca no estudo do *feedback* é entender de onde este surge. “While family and friends often play a major role in facilitating migration, Van Meeteren and Pereira draw attention to the significance of other sources of information and assistance from institutions such as employers and embassies, and also the internet” (Bakewell *et al.*, 2016: 12). Os empregadores e embaixadas desempenham um papel muito reduzido no presente estudo, mas a Internet e outros meios de comunicação desempenharam um papel importante no desenvolvimento desta corrente migratória. A análise da questão sobre como chegaram a Aljezur, sobre quem lhes tinha facultado esta informação, onde obtiveram o impulso levou à conclusão de que não foram só as redes sociais que promoveram o *feedback*. Houve, por exemplo, vários registos de casos que vieram através de anúncios de jornais, o que se poderá incluir no termo “*broadcast feedback*” e desta forma demonstra que o *feedback* presente nos meios de comunicação constitui uma ferramenta importante no desenvolvimento do fluxo migratório.

Além do mecanismo que fundamenta a sustentabilidade de uma corrente migratória são os autores quem desempenha o maior papel. Quem são então estas pessoas que mudam de vida e de país em busca de algo imaterial?

2.2.2 Os *lifestyle migrants*

Há evidências empíricas de que a definição popular de emigrante, principalmente num contexto europeu, não engloba diretamente migrantes do norte da Europa. De acordo com Torkington (2010: 100), quando se fala de migrantes em Portugal geralmente fala-se de africanos ou asiáticos, de brasileiros ou de migrantes da Europa do Leste. Raramente se fala de migrantes do norte da Europa. A autora continua sublinhando que os imigrantes que correspondem à definição mais popular divergem dos *turistas* que cá *residem* e que, como Benson e O’Reilly frisam “do not compete for jobs, nor tend to be racialised as other immigrants (2009: 609/2). Estes imigrantes *privilegiados*, por sua vez, sofrem porque não querem ser intitulados de turistas. “(...) Research subjects often articulate their actions, adamantly stating the fact that they were not tourists and actively demonstrating the ways in which they differ from the, albeit idealised, image of the tourist” (Benson, 2015: 12 e Torkington, 2010) e como veremos ao longo deste estudo, poderão surgir, nos imaginários dos

migrantes, tensões no que diz respeito ao sentimento de pertença e de aceitação por parte da comunidade acolhedora. Janoschka e Haas referem que “local population and local politicians may consider second home owners and residential tourists as outsiders and even invaders” (2013: 5). Tendo em conta que “second home owners and residential tourists” geralmente não estão integrados na sociedade acolhedora ou inseridos na vida ativa do país como migrantes permanentes, no presente estudo iremos constatar que, de facto, apesar de que a comunidade alemã mantém poucos contatos sociais com a comunidade acolhedora, a integração profissional dos entrevistados – quase todos trabalham por conta própria – funciona na medida em que há uma aceitação mútua e, adicionalmente, alguns dos migrantes entrevistados até desempenham papéis ativos na vida política e associativa da comunidade.

O’Reilly (2014) apresenta três tipos de *lifestyle migrants*. Os *Bourgeois Bohemian* que procuram destinos espirituais ou artísticos e vivem na expectativa que estes lugares lhes proporcionem experiências culturais únicas. Em seguida, os *Residential Tourists*, como é, por exemplo, o caso dos ingleses em Espanha; na sua grande maioria, são migrantes que associam a migração a sol, mar e praia; a autora refere que estes migrantes tentam prolongar as suas férias comprando propriedades em lugares onde costumavam passar férias e que houve grandes investimentos imobiliários para atrair este tipo de imigrantes para regiões concretas. A terceira tipologia apresentada pelas autoras é a dos *Rural Idyll*; na sua grande maioria, estes migrantes procuram uma vida mais desacelerada, mais tranquila, em contacto com a natureza e, a nível individual, procuram um lugar onde se possam encontrar; em qualquer destas tipologias, o lugar escolhido reflete a motivação da migração, sendo que a simbologia do lugar reside primeiramente no imaginário do migrante e em parte poderá chocar com a experiência real que o migrante vive após emigrar.

De uma forma global, migração é um fenómeno “class-specific” e mais seletivo que outrora. De acordo com Castles (2016: 20):

(...) national border controls and international cooperation on migration management have become highly restrictive. Most people have neither the economic resources nor the political rights needed for free movement. Only 3 % of the world’s population are international migrants.

Neste sentido, é usado frequentemente o adjetivo *privilegiado* para

caracterizar migrantes que têm a possibilidade de optar por emigrar de livre vontade.

Janoschka e Haas (2013) propõem definir este tipo de migração como uma mobilidade privilegiada que toma lugar algures numa relação contingente de dois polos, nomeadamente o turismo e a migração (este tipo de migração é, de acordo com os autores, privilegiada porque não é impulsionada por fatores económicos, mas sim, acontece de livre vontade). No entanto, recentemente, a definição de migrante privilegiado (Benson e O'Reilly, 2009, Janoschka e Haas, 2013) foi reformulada para uma definição de migrante com privilégio relativo. Se antes a noção de *lifestyle migration* estava estritamente interligada com a ideia de poder económico e consumo, este privilégio poderá também ter consequências negativas tanto para o migrante como para a nova comunidade em que se insere (Benson, 2015; Eimermann, 2015), enquanto este privilégio a que nos referimos não diz necessariamente respeito a um privilégio económico (muitas vezes os *lifestyle migrants* são indivíduos que tentam escapar à sua situação relativamente precária e se estabelecem em países onde conseguem manter um nível de vida superior com mais facilidade), mas sim a um privilégio relativo (Benson, 2015). A autora refere que este privilégio não é absoluto, mas sim relativo, e que esta relatividade significa que estes migrantes podem muito bem não pertencer a um grupo privilegiado nos seus países de origem mas que este dito privilégio tem mais a ver com as condições estruturais e a facilidade que têm em perseguir certos estilos de vida e que, ao contrário do que se pensava, a precariedade e o privilégio poderão coexistir na vida destes migrantes. Por outras palavras, nem sempre tudo é perfeito no paraíso e também no paraíso existe a necessidade de subsistir.

É, por exemplo, no estudo de Eimermann (2014) sobre os holandeses na Suécia que se torna evidente que estes movimentos migratórios nem sempre são fáceis, nem só a nível de identidade e de inclusão social, como também no que diz respeito à realização profissional e à solvabilidade. Neste estudo, Eimermann compara discursos ambivalentes dos migrantes da vida pré- e pós-migratória dos mesmos. Neste sentido, a ambivalência simboliza a tensão que existe entre a realidade e a imaginação (O'Reilly e Benson, 2009a). Eimermann subdivide o grupo de migrantes em “os planeadores” e “os espontâneos”, uma tipologia que se assemelha à tipologia usada no presente estudo, sendo que as características do comportamento destes dois grupos apresentam grandes similaridades com o

presente trabalho. O autor chega à conclusão de que os migrantes que planeiam a migração de forma mais consciente e cuidadosa são menos afetados por sentimentos ambivalentes face a um possível retorno. Outro aspeto interessante neste estudo é que de certa forma contracenam com ele é a atitude ou o imaginário que envolve a percepção do idílio rural. Tendo em conta a localização geográfica de Aljezur e a natureza intocada em que se insere, o presente estudo apresenta características semelhantes à tipologia definida por O'Reilly e Benson, nomeadamente nos migrantes em busca do *Rural Idyll* e os *Bourgeois Bohemian*. Eimermann fez uma distinção e analisou tanto os lugares de saída/partida como as características do lugar escolhido e chega à conclusão de que estes imaginários, referentes ao idílio rural, funcionam como *pull-factors* no período anterior à migração e como *keep-factors* depois da migração.

Tendo em conta que dentro do estudo da migração a *lifestyle migration* representa só uma pequena parte, O'Reilly (2014: 1) formula uma definição em que nos explica o que os mesmos *não* são nem fazem:

Lifestyle migrants are not people driven to move by poverty or hardship; they are not aiming to benefit from the better position in the country they move to, but often from the fact its a poorer economy. They are not moving within the context of paid work, as corporate expatriates (although they may need to work to fund the lifestyle they seek); they are not seeking asylum or refuge. Lifestyle migrants are often retired, self-employed or flexible workers, and usually creative individuals shaping new lives for themselves.

Vários autores remetem para a relação dos *lifestyle migrants* e o consumo. "Many of the previous studies on this search for a better life emphasise its links to consumption" (Benson e O'Reilly, 2009b:8). Porém, como Janoschka e Haas referem (2013: 3), "consumption does not exclusively mean the purchase of goods. It is also related to rather intangible services and (...) to the consumption of produced places and natural landscapes", nomeadamente as amenidades. Em contraste, estudos recentes (Eimermann, 2014 e 2015) apontam para uma nova imagem destes imigrantes, que, além de consumidores, são também produtores, sendo que, como Benson (2015: 12) refere:

(...) while the recognition of consumption within migration has been one of the unique contributions of *lifestyle migration* research to the broader field of migration studies, it is important not to overlook the

possibility that consumption narratives might co-exist with or be made possible by production.

2.2.3 Lifestyle migration e o turismo

Na literatura encontram-se inúmeras referências à relação entre turismo e *lifestyle migration* (Benson e O'Reilly, 2009a, 2009b; Janoschka e Haas, 2013;). “The search for a better way of life and the ideology of escape [are] themes similarly present in discussions of travel and tourism” (Benson e O'Reilly, 2009b: 12)

Porquê esta relação com o turismo? Os dois fenómenos podem, em parte, estar interligados quando “migrants develop a taste for a particular way of life while on holiday in an area, and subsequently decide to migrate, encouraged by their imaginings of the place as offering a better lifestyle” (Benson e O'Reilly, 2009). O turismo basicamente abre as portas ao mundo, “constrói e vende os ideais” (traduzido de Benson e O'Reilly, 2009b) e, com a popularização do mesmo e a cada vez maior acessibilidade e mobilidade, estes ideais construídos tornam-se em ideais possíveis, em escolhas de *lifestyle*. Neste sentido, há lugares turísticos que se tornam em lugares de migração, tal como é o caso do Algarve (maioritariamente o Algarve da costa sul). Porém, há que ser feita a distinção entre estes dois movimentos que, de acordo com Torkington, se podem distinguir em termos de tempo e de comportamento. A autora afirma que, em primeiro lugar, a distinção temporal tem a ver com o tempo que se permanece num determinado lugar, sendo que na migração este tempo será maior que no turismo, mas que ainda assim não há definições concretas sobre o quanto este tempo deverá ser para passar de turismo para migração. Em segundo lugar, a distinção comportamental tem a ver com as atitudes para com o lugar onde se vive, nomeadamente com a atitude perante a residência e o processo de inserção (Torkington, 2010: 101). – e, a meu ver, neste segundo ponto deverá ser incluída a atitude perante a integração, sendo que existem turistas que falam, por exemplo, melhor a língua e que já vêm há tantos anos que têm mais contactos com a população local que os estrangeiros residentes.

Benson (2015: 11) afirma que „the link between consumption and migration that lies at the core of conceptualisations of lifestyle migration (see for example Benson and O'Reilly 2009; Knowles and Harper 2009), leads to its common misrecognition as a form of tourism“. Em contraste com o estudo dos estrangeiros

residentes no Algarve de Torkington (2010), para a grande maioria dos migrantes do Algarve da costa sudoeste, o que poderá ter começado de forma leviana, baseado em ideais imaginários, torna-se num quotidiano com as tarefas e dificuldades inerentes a qualquer outro quotidiano em que pelo menos os mínimos terão de ser garantidos, como por exemplo, a casa de família, um rendimento adequado às necessidades, a decisão sobre onde as crianças frequentam a escola.

2.2.4 Counterurbanization e o mundo rural

Outro movimento que poderá explicar melhor o desenvolvimento deste fenómeno e, no caso do presente trabalho, a migração dos alemães em Aljezur, é um movimento inverso à urbanização, nomeadamente o *counterurbanisation* (McIntyre, 2011; Benson e O'Reilly, 2009b).

Traditionally it has been urban centers, particularly major cities and industrial areas, which have attracted immigrants and provided the first points of settlement. (...) However, settlement patterns have taken on a fresh dimension, as recently, new arrivals have shown a tendency to locate in rural, as opposed to urban, areas. (International Migration and Rural Areas, 2009)

Num movimento *counterurbanisation*, a população sai das cidades para se estabelecer em meios rurais. De acordo com Benson e O'Reilly “there are various motivations that might drive people to move to rural areas, including house prices, overcrowding, retirement and the green movement”, sendo que a maior motivação para sair das cidades é a procura do idílio rural - the *Rural Idyll* –, um imaginário construído em que se vive a vida de forma desacelerada e em contacto direto com a natureza. É no idílio rural que são vividos os imaginários inerentes a este movimento em que se tem mais tempo, mais espaço, em que os filhos crescem em segurança, em que a vida é mais tranquila, mais sossegada. Tal como Benson e O'Reilly indicam, os migrantes que optam pelo idílio rural têm atitudes “antimodernas” e “antiurbanas”, características que são mencionadas frequentemente ao longo das entrevistas do presente estudo, especialmente pelos migrantes que vieram para Portugal na década de 80.

Se antes, a migração para as cidades era essencial para garantir o emprego e a subsistência, este movimento tem vindo a inverter-se em parte também devido ao

avanço das tecnologias. Hoje em dia já não é obrigatoriamente necessário viver na cidade para trabalhar, vários fatores relacionados com a crescente globalização, tal como a informação em massa, as tecnologias de comunicação e, obviamente, a Internet, conseguiram tornar o mundo mais acessível e mais unido, até nos lugares mais remotos - até no idílio rural.

No presente trabalho focamo-nos em migrantes que, na sua grande maioria, trocaram a cidade pelo campo, e que, como menciona Hoey (2009:32, O'Reilly), têm a ver com a relocação romantizada de lugares rurais enquanto ricos em amenidades, lugares onde frequentemente passaram as suas férias, e que é descrita pelo autor como um projeto moral relacionado com o “começar de novo” e o “encontrar-se a si mesmo” através de uma ligação consciente com um determinado lugar rural.

2.3. O processo de integração

Enquanto na secção anterior foi aprofundada a literatura e a temática do processo migratório, nesta secção iremos refletir sobre o processo de assentamento e de integração.

Antes de começarmos a definir termos será necessário elucidar que esta secção diz respeito, dentro do estudo da migração, só à *lifestyle migration*. No estudo da migração “comum”, os conceitos de assentamento e de integração referem-se maioritariamente a processos que requerem uma luta e uma força de vontade por vezes extremas por parte do migrante para que a integração na sociedade de acolhimento suceda. No que diz respeito à integração, por exemplo, seriam apresentados indicadores de integração tais como o acesso ao mercado laboral ou o acesso à naturalização, a igualdade de direitos, sempre relacionando estes com o desprivilégio inerente ao estatuto de migrante. No entanto, estes são indicadores que neste caso específico não são temas relevantes. Põe-se a hipótese de que, apesar de que a integração estrutural é importante na medida em que garante a participação profissional dentro da comunidade de acolhimento, não seja tão premente (Lawson, 2017; Drake e Collard, 2007). A integração é vista mais como um processo social que confere aceitação dentro da comunidade.

A palavra “integração” provém do latim, da palavra *integrare*, que significa “tornar inteiro, ou fazer um só”.

Na sociologia, o estudo da integração é um dos mais discutidos, tanto no enquadramento teórico como também nos estudos empíricos. Isto reflete-se também na variedade de outros termos intimamente relacionados com integração, nomeadamente a assimilação, a acomodação, inclusão, aculturação, etc. A importância do estudo destes conceitos deve-se à complexidade do processo que envolve a inserção de indivíduos em comunidades que lhes são desconhecidas, sendo que este processo não só requer atitudes da comunidade recém-chegada como também da comunidade que acolhe. Desta forma, tanto em debates académicos como na política, a integração de imigrantes nos respetivos países de acolhimento é entendida como uma condição essencial para um entendimento mútuo e com o mínimo de conflitos possíveis, e é algo que se exige tanto da comunidade autóctone como da comunidade de imigrantes.

Migration to a country has the effect that the size and the composition of the population of the receiving country and society are changed and that the newcomers have to relate to the people and institutions that are already there, and vice versa.⁵

Para além do debate terminológico, há também divergências quando se tenta definir a palavra “integração”, isto é, o que significa “estar integrado”. Lawson (2017) menciona que, dentro do estudo da *lifestyle migration*, na perspetiva dos migrantes a ideia de integração poderá divergir substancialmente da noção académica. Neste estudo iremos focar-nos na análise da noção de integração vista da perspetiva do migrante. Assim, é o discurso dos entrevistados que moldou, durante o processo de codificação das entrevistas, o que será entendido como integração e, como já foi mencionado antes, a integração relevante para este caso de estudo é a integração social que diz respeito ao desenvolvimento das relações sociais que os migrantes estabelecem entre si e com a comunidade de acolhimento.

Ao longo deste capítulo iremos em primeira linha apresentar uma definição do termo para, em seguida, apresentar os indicadores de integração que foram retirados da análise das entrevistas.

No contexto de *lifestyle migration*, uma definição geral de “integração” poderia ser a de H. Esser que a define como “a coesão de partes dentro de um todo sistémico, sendo que numa primeira etapa tanto faz no que baseia esta coesão”

⁵ Integration And Integration Policies - Imiscoe Network Feasibility Study - Efms Intpol Team
<http://www.efms.uni-bamberg.de/pdf/INTPOL%20Final%20Paper.pdf> p.8 (26.12.2016)

(Traduzido de H. Esser, 2000: 261). Desta forma, Esser define integração como a relação que se estabelece entre as partes e o ambiente em que se inserem, tendo em conta que aqui é possível atingir vários graus diferentes. Lawson (2017: 59) explora o conceito de integração dentro do contexto da *lifestyle migration* e defende que integração é um sistema de valores socialmente formado e, além disso, imposto por contextos interculturais. Este é um dos pontos essenciais no estudo da integração, sendo que a palavra “imposição” frisa a necessidade que os migrantes têm de se sentir integrados e demonstra como o processo de integração pode gerar conflitos, nomeadamente na discrepância existente entre a forma como a integração é vista nos imaginários dos migrantes e como é realmente vivida pelos mesmos. “Studies of *lifestyle migration* across diferente contexts show how migrants themselves espouse a moral obligation to be seen as integrated” (Lawson, 2017:60) Enquanto para uns estar integrado significa ser reconhecido na rua, outros eventualmente só se sentem integrados quando dominam a língua do país de acolhimento ou quando têm um emprego que lhes permita fazer parte da sociedade ativa.

Integration thus is not a linear, curvilinear or in any other pattern “necessarily” progressing process leading to a certain outcome. The process may have very different outcomes.⁶

De facto, tal como Lawson (2017) descreveu no seu trabalho, os migrantes entrevistados para este estudo demonstram que há um peso social que lhes confere a noção de que deveriam integrar-se (no presente estudo é frequentemente mencionada a proficiência linguística) e que este peso lhes confere sentimentos de culpa quando o grau de integração desejado não é satisfatoriamente alcançado. Na verdade, tal como a autora refere, também neste estudo se evidencia que, apesar de haver integração até um certo nível, na maior parte das vezes ela é superficial. Poderá pôr-se a hipótese de que a estreita relação existente entre a *lifestyle migration* e o turismo tem como consequência um desenvolvimento atípico do processo de integração, sendo que num primeiro instante os migrantes têm de negociar a mudança entre a realidade enquanto turistas, que não necessita particularmente de integração, e a nova realidade de residentes do novo país, em que integração é um processo que possibilita a interação e a aceitação.

⁶ Integration And Integration Policies - Imiscoe Network Feasibility Study - Efms Intpol Team
<http://www.efms.uni-bamberg.de/pdf/INTPOL%20Final%20Paper.pdf> (21.08.2016)

De acordo com a análise feita às entrevistas, foram escolhidos quatro pontos principais em que os migrantes sentem necessidade de se integrarem ou em relação aos quais, de forma natural, se foram integrando ao longo do tempo: as relações sociais com a comunidade de acolhimento, os hábitos e costumes da comunidade de acolhimento que os migrantes foram assimilando ou os hábitos e costumes do seu país de origem que foram perdendo, a proficiência linguística e, num último ponto, o envolvimento na sociedade civil. Adicionalmente aos aspetos frisados pelos entrevistados, consideramos também a integração estrutural e as estratégias usadas pelos migrantes para garantir os seus meios de subsistência.

A língua, sendo uma das maiores barreiras de comunicação, tem um peso especialmente grande na concretização deste processo (ver também Benson, 2011; Lawson, 2017; Drake e Collard, 2008). É através da língua e da comunicação que esta possibilita que se criam laços, que se criam amizades e se mantêm contactos profissionais. Um migrante que não aprende a língua do país de acolhimento só dificilmente se irá integrar. No entanto, nem sempre a integração é algo que o migrante persegue ativamente, ou que até os membros da comunidade de acolhimento desejem (Lawson, 2017). Há também casos em que a comunidade migrante está de tal maneira bem organizada e unida que, na verdade, nem é obrigatoriamente necessário aprender a língua fluentemente, basta aprender o básico para poder comunicar superficialmente em situações do quotidiano, tal como nos correios ou no supermercado.

Tal como Benson (2011) e Lawson (2017) concluem, a questão da integração no contexto de *lifestyle migration* pode ser um peso para o migrante. Por um lado, o migrante tem a noção de que se deveria de integrar mas vê a integração mais como uma questão de aceitação e de reconhecimento do que como uma necessidade e, por outro lado, a noção de integração requer negociações, sendo que as idealizações geralmente divergem bastante da prática na vida real. De acordo com Lawson (2017), integração na *lifestyle migration* é usada como uma estratégia de autoidentificação positiva, algo que serve de barómetro para medir o nível de aceitação dentro da comunidade e que também serve para diferenciar uns migrantes de outros, nomeadamente os que se integram e os que não se integram, tendo em consideração que esta noção de integração é subjetiva.

Depois desta parte teórica, em que foram apresentadas as definições e a

revisão da literatura dos temas e termos abordados no presente trabalho, será apresentada a seguir a parte empírica. Aqui serão apresentados todos os elementos da pesquisa de campo realizada, nomeadamente, serão apresentados a região de estudo, a metodologia, a entrevista e os entrevistados, assim como os resultados da análise da entrevista.

3. Apresentação da pesquisa

3.1 A região de estudo: Aljezur

Aljezur é um concelho do Algarve, localizado na costa sudoeste de Portugal, no distrito de Faro e insere-se no Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina⁷. Aljezur é tanto um concelho como uma vila, que é a sede homónima do concelho. Ao longo do trabalho mencionarei Aljezur (o concelho) e Aljezur (a vila), sendo que irei distinguir ambos respetivamente com um (C) e um (V). Diz-se que existe o Algarve da costa sul e existe o “outro Algarve”, que muitas vezes já é, erroneamente, designado por Alentejo. Aljezur faz parte deste “outro Algarve”, quase alentejano sendo que, de facto, se subjugou a uma divisão administrativa mas tem características notórias da costa alentejana.

O município de Aljezur subdivide-se em cinco freguesias: Aljezur, Rogil, Carrapateira, Bordeira e Odeceixe. O concelho estende-se por 323,5 km² e tem, segundo os Censos de 2011, 5 884 habitantes. Toda esta área define-se por uma fauna e flora bem preservadas, com uma linha costeira muito popular entre os praticantes de desportos aquáticos, mas também como destino turístico, atraindo tanto estrangeiros como autóctones. Devido ao facto de se encontrar inserido num Parque Natural, não é permitida a construção de edifícios ao longo da costa, preservando-se desta forma uma Natureza na sua grande maioria ainda intocada. O interior do município, que a norte faz divisa com o Alentejo, a leste com o município de Monchique e a Sul com Lagos e a Vila do Bispo, caracteriza-se por ser uma região pouco habitada, envolta de vales e montanhas, com plantações de eucalipto, sobreiros e mata selvagem.

⁷ <http://www.icnf.pt/portal/ap/p-nat/pnsacv> (02.07.2016)

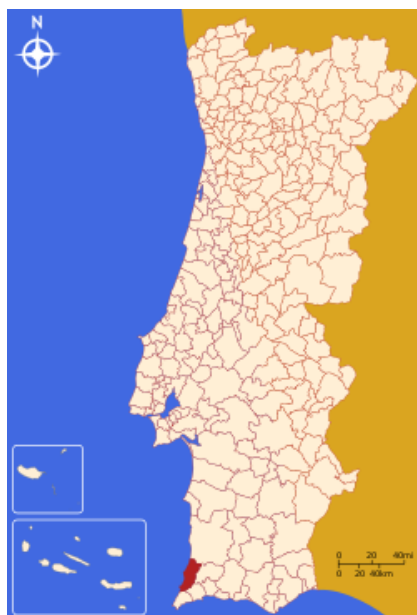


Fig. 1: Mapa de Portugal com indicação dos municípios e delimitação do município de Aljezur a vermelho.



Fig. 2: Mapa do Algarve com a delimitação dos municípios existentes.

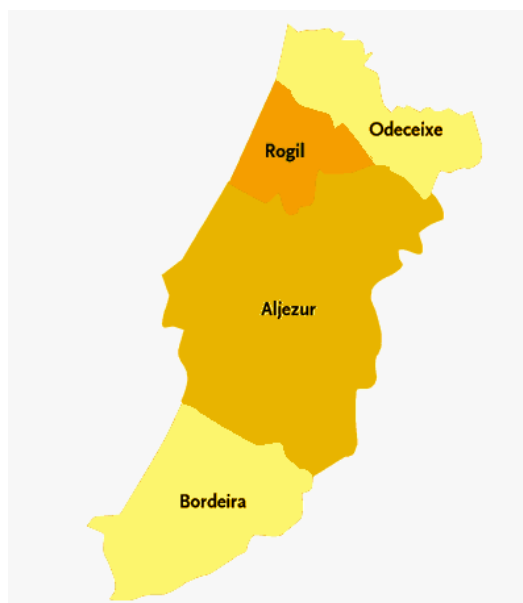


Fig. 3: Mapa do concelho de Aljezur com as freguesias delimitadas

O concelho de Aljezur conta com 40 km de orla costeira, constituída por inúmeras praias, sendo que Aljezur foi, a nível nacional, o município com o maior número de praias pré-finalistas no concurso 7 Maravilhas Praias de Portugal⁸ e contou com uma praia vencedora na categoria de praia de arribas. No interior, grande parte da área é coberta por mata selvagem (sobreiros e esteva), que lhe confere uma paisagem e um cheiro específico e raro. Tal como o Lot, um departamento na França estudado por Benson (2011), Aljezur é tanto um destino turístico como um lugar para viver e é igualmente caracterizado pela ruralidade e pela natureza intocada, quase agreste, sendo que assim se distingue claramente dos destinos apreciados pelos migrantes da costa sul do Algarve, descritos por Torkington (2010).

Apesar de o município de Aljezur registar a maior proporção da região [do Algarve] de edifícios construídos entre 2006 e 2011 e de este aumento se refletir numa transformação acentuada da paisagem e num crescimento urbanístico de impacto visível, a densidade populacional de Aljezur é, com 16,4⁹ habitantes por km², a segunda mais baixa do Algarve. Este contraste é também visível na dinâmica do concelho e, mais precisamente, na dispersão dos habitantes e dos migrantes pelo concelho. Em algumas áreas do concelho, nomeadamente freguesias e regiões

⁸ <http://www.praiasaljezur.com/#/home> (14.04.2016)

⁹ INE, Anuário Estatístico da Região do Algarve 2001 (24.06.2016)

específicas, como por exemplo, o Vale da Telha ou as Alfambras, formam-se pequenas aldeias ou pequenos aldeamentos; porém, a maior parte do concelho caracteriza-se por casas dispersas com espaço e terrenos entre elas. Tirando a época alta, não há uma sensação de *overcrowding*, mas sim a sensação de que, em Aljezur, o tempo parou. A autoestrada (A22) termina cerca de 20 km antes de Aljezur. Desta forma, qualquer tipo de compras mais específicas e vários assuntos burocráticos têm de ser, obrigatoriamente, resolvidos fora de Aljezur. Para pais com crianças com necessidades especiais há apoios; porém, muitas vezes não são suficientes e os pais veem-se obrigados a fazer viagens regulares, por vezes diárias, até Lagos (30 km), ou, em casos extremos, até Faro (110 km).

No verão, a população de Aljezur aumenta significativamente devido ao turismo. No entanto, a época alta tem vindo a diminuir consideravelmente e, enquanto na década de 90 a época alta se estendia de princípios de julho a fins de setembro, atualmente a época alta restringe-se de meados de julho a 31 de agosto. Há restaurantes e bares que abrem exclusivamente para esta época e, assim que os turistas (tanto portugueses como estrangeiros) regressam para as suas terras, cerram as portas. Deste modo, a oferta recua significativamente nos meses de inverno. Resumindo, a vida em Aljezur varia consideravelmente ao longo do ano e para muitos não é fácil adaptar-se a oscilações sociais e económicas tão extremas, apesar de que, na maior parte dos casos, e ironicamente porque o verão é a época do ano em que há mais rendimentos, o verão também é a época do ano que a maior parte dos migrantes dispensa, sendo que a escolha pela *countryside solitude*, como Sardinha (2013) menciona, é construída no imaginário da solidão rural e na sensação de que estamos a sós, envoltos de natureza e de paz e sossego. É, de facto, a quietude e o sossego em combinação com o clima ameno que atraem a maior parte dos migrantes que aí residem. As dificuldades inerentes a lugares remotos como Aljezur é são circunstâncias que estes migrantes aceitam conscientemente.

Neste sentido, é possível traçar similaridades com o estudo de Sardinha (2013) sobre *lifestyle migration* no interior-norte de Portugal. Tal como neste caso e em contraste com o estudo apresentado por Torkington, os migrantes em Aljezur não se concentram só em uma área; muito pelo contrário, foi identificada uma grande dispersão geográfica ao longo de todo o concelho. Mais ainda, analisando

esta dispersão chega-se à conclusão de que estas dispersões não são aleatoriamente escolhidas, mas sim adaptadas às expectativas e aos estilos de vida aspirados pelos migrantes e seus aglomerados. Este facto indica que o concelho de Aljezur, em termos de estilo de vida, tem uma oferta bastante diversificada.

Tal como Benson e O'Reilly¹⁰ referem quando afirmam que identificaram diferentes tipos de *lifestyle migrants*, que curiosamente divergem de acordo com os lugares escolhidos pelos mesmos, não será erróneo tentar diferenciar entre os migrantes do Algarve da Costa Sul, identificados por Torkington, e os do Algarve da Costa Sudoeste. De acordo com Torkington, os migrantes *lifestyle* do Algarve da Costa Sul são o que Benson e O'Reilly definiram como *Residential Tourism*. O Algarve do Sul é mais atraente para este tipo de migrante. Aqui os hotéis são construídos à beira da praia, que assim se pode alcançar facilmente a pé. Os condomínios são fechados e têm segurança, a autoestrada cria uma ligação direta com o resto do país e, especialmente, com o aeroporto. Há centros comerciais nos quais estão representadas marcas nacionais e internacionais e nota-se que houve uma preocupação especial em adaptar a oferta não só às necessidades inerentes que vêm com a localização geográfica, como também ao tipo de público/cliente. Além disso, na costa Sul a temperatura do ar e do mar são significativamente mais elevadas que em Aljezur e o mar só raramente tem ondas. Geralmente o mar da Costa Sul é um mar calmo e seguro, com pouco interesse para surfistas.

3.1.1 A população autóctone e os migrantes

A nível nacional, o município de Aljezur é o que tem a maior percentagem de população estrangeira. De acordo com os Censos de 2011 esta percentagem situa-se nos 21,7%, sendo, também, o município onde se registou o maior crescimento de população estrangeira relativamente à população da região, nomeadamente de +12,7pp.

Enquanto em 1991, segundo os Censos, viviam 103 alemães em Aljezur (2,1%), em 2011 este número quase triplicou para 354 residentes alemães (6,0%). Há, no entanto, algumas irregularidades no que diz respeito às fontes: de acordo com os dados estatísticos do SEF, vivem 274 pessoas de nacionalidade alemã no município de Aljezur (4,65%). Interessante será também frisar que a população

¹⁰ <https://karenoreilly.wordpress.com/lifestyle-migration/> (16.05.2016)

migrante do Reino Unido conseguiu ultrapassar a população alemã em Aljezur no período intercensitário de 2001 a 2011.

Tendo em conta que a população inglesa só se estabeleceu em Aljezur há relativamente pouco tempo (de acordo com os Censos somente residiam 29 ingleses em Aljezur em 2001, contra 305 alemães e, em 2011, residiam 387 ingleses e, como já foi referido, 354 alemães, isto significa um aumento estrondoso da população inglesa que em 10 anos aumentou 13 vezes) e que 269 dos 387 ingleses que residem em Aljezur têm mais de 50 anos, sendo que nas faixas etárias que se seguem, nomeadamente dos 15 até aos 54 anos de idade, existem significativamente mais alemães que ingleses. Penso que se poderá pôr a hipótese de que aqui, sim, trata-se de *retirement migration*. Friso este facto para evidenciar que a migração alemã estudada nesta pesquisa de campo faz parte de uma comunidade que na sua grande maioria se encontra na idade ativa e que apresenta características tanto produtoras como consumidoras.

Da mesma forma e de acordo com o Pré-Diagnóstico do Concelho de Aljezur⁴, de 2005, o crescimento populacional do município deve-se em primeira linha ao saldo migratório:

O crescimento efetivo do concelho em 5,6% deve-se ao crescimento migratório (16,2%), pois o crescimento natural é negativo (-9,2%), acabando por constituir um fator positivo, o facto do posicionamento periférico do concelho conseguir, ainda assim, funcionar como polo de atração. Em relação ao saldo migratório do concelho de Aljezur, regista-se um saldo positivo de 133 indivíduos, o que face aos restantes dados demográficos, merece o devido destaque enquanto fator positivo para o concelho. É de registar que dos 281 indivíduos imigrantes, 170 são provenientes de outro concelho e 111 são provenientes do estrangeiro.

A hipótese que coloco analisando estes dois números divergentes é a de que existe um número significativo de alemães em Aljezur que não estão regularizados ou recenseados. Existe, por um lado, a questão dos “turistas residentes” (*residential tourism*): pessoas que começaram por visitar Portugal esporadicamente, gostaram, porventura compraram uma casa e passam grande parte do ano no Algarve, mas vivem oficialmente nos seus países de origem. Por outro lado, existe uma grande comunidade alemã em Aljezur que vive de forma isolada no interior do concelho,

⁴ <http://www.cm-aljezur.pt/NR/rdonlyres/957959F1-4665-4123-BA66-B6EB13B6780C/0/RedeSocialAljezurPrediagn%C3%B3stico.pdf> (24.06.2014)

muitas vezes sem eletricidade, nem água potável, nem saneamento e, geralmente, sem qualquer registo de sua existência. Põem-se aqui várias questões, quer a nível de trabalho de campo como também enquanto análise do comportamento migratório. Como encontrar estas pessoas? Será que estão dispostas a participar deste estudo? Quais os seus estatutos, os seus planos? Estão regularizados? E, se não, porquê? Comparo aqui a situação dos migrantes ingleses do Algarve relatada por Torkington à situação dos alemães: de acordo com os dados de 2005 estão registados no Algarve 20.000 ingleses, sendo que, de acordo com a Embaixada Britânica, o número exato é de por volta de 60.000 a 70.000 (2010:107-108). Não só é surpreendente como estes números divergem, como é também sinal de que existe algum tipo de lacuna na legislação do recenseamento ou nas leis de permanência num país. Posto isto, ponho a hipótese de que o número de alemães em Aljezur é, na realidade, maior que o número indicado pelos Censos de 2011.

Analisando os dados da imigração dos alemães proponho-me a formular mais uma hipótese: o crescimento significativo dos alemães em Aljezur estagnou. Num estudo posterior, será interessante analisar o motivo desta estagnação.

3.1.2 A atratividade e o (des)emprego

Desde 1975 e com o fim da ditadura, que historicamente falando só terminou recentemente, que a composição dos residentes de Portugal e mais especificamente de Aljezur tem vindo a mudar gradual e constantemente. Principalmente numa região rural, como Aljezur o é, inserida num parque natural e sem indústria relevante, os migrantes que aqui se estabelecem chegam com uma idealização de uma vida desacelerada, mais saudável e, principalmente, inserida num meio rural. Coloca-se a questão de como é que os migrantes garantem a sua subsistência num meio rural como Aljezur; a nível profissional, qual a atratividade que um meio rural tem para oferecer? Há empregos ou setores económicos que possibilitem a concretização profissional? Vimos que, citando Benson e O'Reilly, estes migrantes chegam à procura da “boa vida”. Mas será que nesta “boa vida” não será também necessário trabalhar para subsistir? O'Reilly refere no Policy Brief que os *lifestyle migrants* “are not moving within the context of paid work, as corporate expatriates (although they may need to work to fund the lifestyle they seek)”.

Neste sentido, será interessante analisar a atratividade profissional que o concelho de Aljezur tem para oferecer e comparar estes dados às motivações dos migrantes alemães e à vida que levam atualmente. É verdade que o turismo como setor económico tem vindo a ganhar cada vez mais importância.

O Algarve registou nos últimos 30 anos profundas mudanças ao nível da economia que transformaram a estrutura regional baseada na agricultura, pesca e indústria transformadora dos produtos do setor primário, numa região onde uma especialização produtiva se baseia em atividades direta ou indiretamente ligadas ao setor do turismo nacional e internacional (Fonseca *et al.*, 2013:145).

Mesmo assim, de acordo com os Censos de 2001, Aljezur, juntamente com Monchique, classificou-se como sendo uma das regiões do Algarve com menor taxa de atratividade, sendo que deteve uma taxa de 6,1%. Em 2011, de acordo com o Instituto Nacional de Estatística¹¹ nos Censos de 2011, Aljezur, Albufeira, Silves, Portimão, Lagoa e São Brás de Alportel foram os municípios com maiores taxas de atração da região do Algarve, com valores superiores a 12%.

Comparando estes dados às taxas de emprego, põe-se a questão sobre o que torna o concelho de Aljezur tão atrativo. Em 2011, Aljezur deteve uma das taxas de emprego mais baixas da região do Algarve, com 38,6%.

Já que a maior parte dos migrantes alemães em Aljezur se encontra na idade ativa, o que torna Aljezur atrativo para esta comunidade? Quais os seus meios de subsistência? Estas são algumas das questões analisadas ao longo deste trabalho.

3.2 Metodologia

No âmbito deste estudo foi usada uma análise qualitativa (Denzin *et al.*, 1994) que poderá elucidar este fenómeno social em maior profundidade. Desta forma, poderão ser analisados processos e motivações que com uma análise quantitativa não seria possível capturar. Foram, por exemplo, colocadas questões abertas que demonstram a intencionalidade e a atitude do migrante perante certos processos e que eventualmente não correspondem à definição académica ou política dos mesmos. A questão sobre a integração reflete isto de forma explícita. Também a questão sobre as motivações que levaram à migração permite uma análise mais profunda quando se relaciona esta com os relatos da vida no período pré-migratório.

¹¹ INE. Censos 2011. Resultados definitivos do Algarve.

E, finalmente, o envolvimento direto com o objeto de estudo e todo o processo da entrevista permite uma análise mais concisa dos discursos, que não só dá indicações sobre o estilo de vida e a vida atual, como também sobre eventuais incoerências entre o que os entrevistados relatam e o que realmente transmitem.

A parte empírica deste trabalho baseia-se numa pesquisa de campo realizada entre abril e setembro de 2015, em Aljezur, Portugal. Ao todo, foram conduzidas 26 entrevistas, sendo que duas delas foram feitas a casais. Para me preparar para a fase principal de entrevistas viajei duas vezes a Aljezur, entre abril e junho de 2015. Estas foram, como explico abaixo, a segunda e a terceira fase. Em seguida permaneci no local - na quarta fase - de julho a setembro, portanto, três meses consecutivos no local de pesquisa.

O trabalho de campo tinha sido previamente definido, sendo que estipulámos a metodologia aplicada, corrigimos e acrescentámos e/ou apagámos questões das entrevistas e definimos um espaço de tempo baseado nos resultados de uma entrevista-piloto.

Como mencionei em cima, esta pesquisa dividiu-se em quatro fases: a primeira consistiu na leitura da literatura metodológica e a elaboração do guião da entrevista. Na segunda fase comecei a entrar em contacto com os primeiros entrevistados. Os entrevistados foram escolhidos de forma a haver um equilíbrio de género (feminino e masculino) e a que abrangessem as décadas analisadas por ano de chegada. Alguns dos entrevistados já conhecia pessoalmente, outros foram me indicados pelos entrevistados utilizando uma amostragem de *snowball* (Biernacki e Waldorf, 1981; Snijders, 1992), em que, tendo em conta que só dificilmente seria possível estabelecer contacto com o objeto de estudo, os entrevistados me indicavam potenciais outros entrevistados. O primeiro contacto com os entrevistados foi estabelecido, na maior parte dos casos, por telefone. Antes de perguntar se aceitariam fazer a entrevista, apresentei ao entrevistado um breve resumo do meu foco de pesquisa e o objetivo do estudo. Os possíveis entrevistados foram informados de que a entrevista iria ser gravada e de que servia de recolha de dados para uma dissertação de mestrado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e que eventualmente, mais tarde, o material iria ser reutilizado. A maior parte dos entrevistados aceitou fazer a entrevista sem demonstrar hesitações. Houve alguns que optaram por declinar, em grande parte por causa da questão da

exposição da vida pessoal e devido a questões de legalidade dentro do país.

Seguiu-se uma terceira fase, em que comecei com as entrevistas, mas em que ainda adaptei ligeiramente a metodologia à experiência adquirida para intensificar e melhorar a última e quarta fase em que, por fim, foram conduzidas 20 das 26 entrevistas.

Não posso deixar de sublinhar a minha relação pessoal com Aljezur e com este tema, sendo que eu própria sou filha de migrantes alemães que se estabeleceram no final da década de 70 em Aljezur e portanto passei a minha infância e adolescência toda em Aljezur. O meu percurso académico tem sido motivado pela minha infância bilingue e pelo contacto constante com estas duas culturas. Ao longo do estudo estive consciente dos efeitos que a minha proximidade com os objetos de estudo poderia ter; no entanto, cheguei à conclusão e achei indícios de que o estatuto de *insider* dentro de um tema poderá também ser usado para aprofundar o tema de outra forma.

One of the benefits of being positioned as ‘insider’ within a study is that it provides the researcher with additional insight and knowledge of the community being studied (Sudbury 1998).

Não foi, portanto, da minha parte, necessária uma aclimatização intensa com o lugar de pesquisa, pois é a minha terra natal e conheço bem a região e a dinâmica social que ali se desenrola. Aprendi, no entanto, e não há como negar isso, que muito mudou desde 1999 - o ano em que deixei Aljezur. Não só a vila se desenvolveu em termos de infraestruturas e em termos políticos, a migração também sofreu alterações em termos de faixas etárias, de idealização e socialização do migrante. Este conhecimento e a noção desta nova imagem do migrante em Aljezur foram essenciais para o desenrolar das entrevistas.

3.3. A entrevista

O processo de elaboração da entrevista começou com leitura específica sobre como elaborar uma entrevista e sobre que tipo de entrevista seria o mais adequado para um estudo qualitativo (Alshenqeeti, 2014; Kvale 1996). As entrevistas foram conduzidas seguindo o padrão de entrevistas mistas, isto é, semiestruturadas e foram, inicialmente, conduzidas próximas ao guião previamente definido e gradualmente adaptadas não só à situação, como também ao desenrolar

da entrevista e também, a cada entrevistado. Desta forma, a experiência obtida fluía diretamente para as entrevistas seguintes. As entrevistas tiveram a duração média de 80 minutos e foram, com raras exceções, conduzidas ou no local de trabalho ou na casa, isto é, num ambiente privado dos entrevistados. Optei conscientemente pelo gravador de voz, em vez de filmar e gravar a entrevista, para criar um momento mais intimista e impedir que o entrevistado se sentisse intimidado pela câmara.

A entrevista divide-se em cinco áreas de pesquisa, nomeadamente, as condições de vida no país de origem, o processo de emigração, a vida atual no país de acolhimento e a escolha do lugar, e os planos futuros. As entrevistas foram todas conduzidas em alemão e transcritas em alemão. Os excertos usados foram posteriormente traduzidos para o português. Todas as traduções foram feitas por mim. Ao todo, foram recolhidas por volta de 150 páginas de material/transcrições.

A análise das entrevistas começou já durante o período de entrevista e foi aprofundada durante todo o processo de transcrição. Foram adotados os princípios de codificação de Saldanha (2009) que numa fase mais intensa, já depois da transcrição, levou à definição das categorias através dos códigos anteriormente extraídos do texto.

Depois de apresentar o processo de elaboração da entrevista e da codificação da mesma serão apresentados os entrevistados e a tipologia desenvolvida ao longo deste trabalho.

3.4. Os entrevistados

Todos os entrevistados têm a nacionalidade alemã e residem em Aljezur, Portugal. Estes representam os dois principais critérios de seleção. Foram entrevistadas 14 mulheres e 12 homens que emigraram para Aljezur nas décadas compreendidas entre 1980 e 2010. A idade dos entrevistados compreende-se entre os 30 e os 75 anos. Teve-se o cuidado de tentar equilibrar homens e mulheres e de incluir indivíduos que tenham emigrado em diferentes espaços temporais.

Segue-se uma tabela com uma breve apresentação dos 26 entrevistados, por ordem das datas das entrevistas. Os nomes nela apresentados não correspondem aos verdadeiros, de modo a manter a sua privacidade.

	Sexo Ano de nascimen- to	Primeira visita	Ano da Migração	Compra da casa	Qualificações	Profissão em DE	Profissão atual	Língua PT (0 a 10)	Filhos
1.	♀ Bettina 1961	1989	1992	Casa alugada	Curso técnico (estética)	---	Pintora	6	2
2.	♂ Daniel 1983	2013	2015	Casa própria 2015	Ensino superior	Arquiteto	Arquiteto	7	---
3.	♀ Johanna (entre 1960 e 1970)	1983	1993	Casa alugada	Curso técnico	Cabeleireira	Cabeleireira	6	2
4.	♂ Josef 1955	1978	1980	Casa própria	Curso técnico	Empre- endedor	Diretor de uma empresa	6-7 fala, não escreve	3
5.	♂ Bruno 1945	1982	1983	Casa própria 1983	Doutoramento	Professor	Reformado	6-7	3
6.	♀ Anaís 1979	(1992) 2003	2012	Casa própria	Ensino superior	Empregada Produkt- fotografie	Continua a trabalhar p a mesma empresa – e ajuda o marido	5	1
7.	♀ Luísa 1971	1993	2005	Casa própria	Ensino superior (desporto)	Turismo	Turismo <i>Surf</i>	4	2
8.	♂ Ludwig 1949	1996	2005	2005	Ensino superior	Funcionário do estado	Reformado	0	2 (em DE)
9.	♀ Heide 1971	1996	2005	2005	Curso técnico	Funcionária administrativa	-----	3-4	----
10	♀ Jana 1981	2012	2014	----	Ensino superior + Curso técnico	Designer e prof. de Pilates	Professora de Pilates	Já falava (Brasil)	----
11	♂ Urs (entre 1960 e 1970)	2004	2013	Casa alugada	Ensino superior	Estudou desporto	Aluga quartos e oferece terapia para as costas	2-3	----

12	♀ · Beatrix 1955	1980	1981	Casa própria	Curso técnico		Medicina alternativa	---	4
13	♂ · Stefan 1969	Fim dos anos 80	1992	Casa alugada	Tirou um curso de circo em PT	Curso técnico de serralheiro	Artista circense	8	---
14	♀ · Anna (entre 1940- 1950)	1974	1981	Casa própria 1981	Ensino superior	-----	Conta própria	----	2
15	♂ · Jonas (entre 1960 e 1970)	1992	1994*	1994	Cursos técnico	Técnico	Conta própria	7-8	1
16	· Max (und Mia*) 1935	1966 1980*	1984	Casa própria 1985	Ensino superior	Assessor de imprensa	Reformado	---	Sim
17	♀ · Ada (entre 1950 e 1955)	1984	1984	Casa própria 1984	Ensino superior	Médica	Médica	Fala bem	3
18	♀ · Sarah 1981	2011	2011	Casa própria 2013	Ensino superior	Estudante	Serviços	3-4	2
19	♂ · Felix 1964	1990	1999	Casa própria 2000	Ensino superior Curso técnico	Serralheiro e estudante	Diversos trabalhos	6-7	----
20	♀ · Laura 1965	2003	2006	Casa alugada	Ensino superior	Contabilista	Diversos trabalhos	2	----
21	♀ · Lena (entre 1935 e 1950)	1967	1982	Casa própria 1982	Curso técnico	Herdeira	Herdeira	2	Sim (em DE)
22	♀ · Sandra (entre 1980 e 1990)	2007	2012	Casa alugada	Ensino superior	Estudante	Fisioterapeuta Massagista	5	---

23	♂ Till (Entre 1950 e 1955)	1980	1980	Casa própria 1980	Ensino superior	----	Tradutor	8	3
24	♂ Marco 1950	1975	1989	Casa própria	Curso técnico	eletricista	- restauração - hotelaria - empregado	7-8	Sim (em DE)
25	♀ Kim (entre 1970 e 1980)	1996	2012	Casa alugada	Ensino superior	Não trabalhava	Responsável pela educação dos filhos	---	4
26	♂ Sven (entre 1945 e 55)	1992	1994	Casa própria 1994	Curso de marinheiro	Marinheiro	Marinheiro (6 meses/ano)	3	Sim (em DE)

Em contraste com a constatação de Torkington (2010) sobre a homogeneidade dos migrantes do norte da Europa no Algarve, os imigrantes da Alemanha que se estabeleceram em Aljezur divergem significativamente da descrição dada pela autora dos *lifestyle migrants* do seu estudo. Ao contrário do que a autora descreve, mais de metade dos imigrantes em Aljezur ou falam a língua portuguesa bem ou, quando não o sabem demonstram interesse em aprendê-la; e os que não sabem porque lhes falta a aptidão ou a perseverança sentem vergonha por não falarem a língua. Além disso, não vivem todos em áreas ou tipos de habitação comuns; na verdade, o concelho de Aljezur é o segundo maior concelho do Algarve e os imigrantes distribuem-se de forma bastante dispersa por todos os recantos do concelho. Também não se poderá dizer que se assemelham todos, a não ser pelo facto de serem facilmente reconhecidos porque são estrangeiros e a fisionomia natural os identificará sempre como estrangeiros. Os alemães de Aljezur provêm de diferentes classes sociais, com diferentes estilos de vida, diferentes aspirações e solvabilidades e como tal têm estilos de roupa diferentes uns dos outros. Em relação às qualificações profissionais, a grande maioria dos entrevistados frequentaram algum tipo de especialização profissional, quer seja um curso técnico ou um curso superior. Desta forma, a maior parte dos entrevistados já vieram para Portugal com formações profissionais. De entre os 26 entrevistados,

destacam-se um marinheiro, um palhaço, um ex-presidente da câmara, um diplomata, vários operários, licenciados em desporto, medicina, homeopatia, psicologia ...

3.5. A tipologia

Em linha com a heterogeneidade da migração alemã para Aljezur foi desenvolvida uma tipologia que se diferencia, em primeira linha, pelo fator temporal e, em seguida, pelas atitudes e os imaginários inerentes ao processo de migração. Estas diferenças foram constatadas depois de analisar todo o processo migratório, tanto o período pré-migratório como o pós-migratório.

1. Os **ideologistas (T1)**: são os migrantes que vieram na década de 80. Têm uma forte motivação ideológica, muitos são académicos e, na sua grande maioria, compraram casa e encararam a migração como algo permanente. Optaram por um recuo consciente de comodidades, abdicaram de luz elétrica, água corrente, saneamento. Poderá dizer-se que são antiurbanos, antimodernos, antinucleares e anticonsumistas. Valorizavam mais o tempo que o dinheiro e, em grande parte, sonhavam em viver em comunidade e da autossubsistência. São planeadores, quase todos planearam a vinda e atualmente veem em Aljezur e em Portugal a sua casa.
2. Os **despreocupados (T2)**: são os migrantes que vieram na década de 90. Muitos eram trabalhadores, com cursos profissionais. São migrantes que vieram por acaso ou de férias e que acabaram por ficar. Não tinham planos alguns sobre como viver cá ou por quanto tempo permaneceriam. Não apresentam uma conexão tão permanente com o lugar como os ideologistas. Alguns compraram casa mas muitos vivem em casas alugadas.
3. Os **surfistas (T2)**: são migrantes que vieram depois de 2000. São jovens, citadinos, empreendedores e, na sua grande maioria, unidos pela paixão pelo *surf*. Referem que precisam de “espaço para respirar”, de se “sentir” melhor. Aqui é notória a frequente utilização do sentimento na avaliação de todo o processo de migração, quer quando se referem à motivação para sair do país de origem, quer quando se referem à escolha do lugar ou por

quanto tempo permanecerão. De momento estão em Portugal mas poderão facilmente emigrar mais uma vez. É uma mobilidade levada ao extremo e que se reflete num desapego emocional para com o lugar. É um nomadismo moderno. Este grupo é bastante ativo profissionalmente, a maior parte vive do turismo. Movimentam-se maioritariamente dentro da comunidade estrangeira, com pouco contacto direto com a população autóctone.

Em seguida é apresentado o mapa do concelho de Aljezur onde estão assinaladas as áreas de assentamento dos alemães que, como o mapa indica, divergem de acordo com a tipologia desenvolvida.

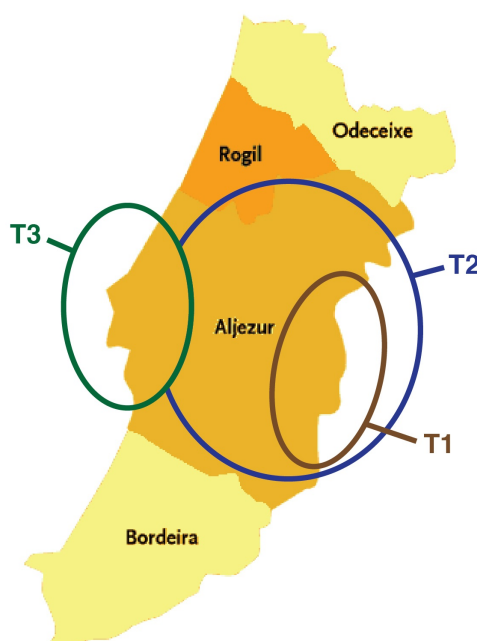


Fig. 4: Mapa do concelho de Aljezur com as freguesias e as áreas delimitadas de acordo com os hábitos de assentamento dos migrantes.

Os migrantes da T1 estabeleceram-se mais nas regiões interiores do concelho, como por exemplo a Cerca dos Pomares, o Monte Novo, ou toda a área interior até à fronteira com o concelho de Monchique. Esta região caracteriza-se por ter sido e em parte ainda o ser, uma região isolada e de acesso difícil, sem rede de eletricidade ou saneamento. Quando os migrantes da T1 vieram, ao longo dos anos

80, havia ruínas aleatoriamente espalhadas pelos montes e algumas aldeias inteiras que tinham sido abandonadas há muito tempo. Aqui o êxodo rural era e ainda é visível e as condições eram favoráveis a quem vinha à procura de uma vida longe do consumo, longe da modernidade, longe do urbano.

Em contraste, os migrantes da T2 não estão exatamente restritos a uma só região. Os migrantes da T2 podem estar misturados com os da T1, mas só muito pouco se estabelecem na região da T3. São migrantes que se dispersam com mais facilidade.

Por último, os migrantes da T3, isto é, os que vieram após o ano 2000, radicaram-se nas regiões litorais do concelho e, nomeadamente, aproveitaram e repovoaram uma das suas regiões mais controversas, o Vale da Telha¹².

O Vale da Telha é um loteamento localizado entre a praia do Monte Clérigo e a praia da Arrifana, com urbanizações relativamente modernas e uma localização privilegiada por se encontrar muito perto do mar. Os planos iniciais do Vale da Telha entraram em decadência ao longo dos anos 90 e a imagem que restou do plano urbanístico foram vivendas e terrenos abandonados e a urbanização em si transmitia uma sensação de isolamento e de decadência. Tanto quanto tinha sido impressionante ver a edificação de vivendas modernas numa região descampada, foi igualmente impressionante ver a decadência das mesmas. Foi só ao longo dos anos 2000 e agora mais na década de 2010 que o Vale da Telha assistiu a um renascer autêntico. Grande parte das vivendas foi renovada e comprada por estrangeiros e portugueses. A infraestrutura tem vindo a melhorar gradualmente e também as regiões adjacentes como o Espartal e a Arrifana têm vindo a crescer significativamente. Matt D'Arcy, um residente inglês de Aljezur, relata sobre a história do Vale da Telha¹³:

It started to decline and go downhill in the early 90s, building coming to a standstill, roads beginning to break up. The rapid decline was very sad. But the fortunes of Vale da Telha, having ebbed, began to flow once more as the area became what one British resident (ie. Matt D'Arcy, your writer!) recently dubbed: "The Plateau of Perfect Peace." John Morgan acrescenta que: "The turnaround and the climb back up to the Vale da Telha we see now is down to the British. There were a few Brits already here but more began arriving albeit only in small

¹² http://comprova.org/wp-content/uploads/2013/08/Dedu%C3%A7%C3%A3o-de-acusa%C3%A7%C3%A3o-por-parte-do-MP-para-julgamento-por-Tribunal-Colectivo-Proc-59203.02TAEVR_1.pdf (07.07.2016)

¹³ <http://amovate.com/index.php/2011/05/history-of-vale-da-telha/> (07.07.2016)

numbers from around 1996, seeing the potential of the place rather than the reality of the decline. They began to come in greater numbers around the Millennium. But from 2005 or so there was a big acceleration in numbers; house building not only increased dramatically but increased in quality and the trickle became a flood. The word spread and suddenly Vale da Telha became a viable option for people in the UK looking either for a retirement home in the sun, a holiday home or just a holiday destination”.

O que Sardinha (2013: 175) descreve em relação à região do interior de Portugal, aqui se desenrolou em regiões litorais.

Of course, what many of the native peoples perceive of the Portuguese central interior – as a geographical area where opportunities to achieve a better livelihood are non-existent – many from outside these regions see opportunities for a less expensive, more tranquil lifestyle away from the mad rush of urban living.

O êxodo rural afetou fortemente esta região do Algarve e foram inclusive abandonadas aldeias inteiras inseridas no concelho. Atualmente os preços imobiliários já não se comparam aos preços praticados nas décadas de 80 e 90 e são nitidamente mais elevados que nas regiões do interior de Portugal.

Retomando, o Vale da Telha oferece à onda de migração mais recente (T3) exatamente o que procura para satisfazer os seus imaginários. As casas têm um standard mais alto, há uma grande comunidade de estrangeiros pré-existente, o que facilita o acesso a informações e a ajuda mútua, a infraestrutura tem vindo a melhorar, há vários restaurantes e bares, nomeadamente mais do que em Aljezur (V). Pode-se dizer que é no Vale da Telha que se concentra, na sua grande maioria, a comunidade de *retirement migration* com a qual a comunidade de surfistas, de certa forma harmoniza sendo que se sente atraída pelo mesmo tipo de amenidades, opta por um isolamento consciente da comunidade autóctone, apresenta um escasso domínio da língua portuguesa e mantém uma ligação relativamente desligada de Aljezur propriamente dito, enquanto lugar de residência permanente.

Como Janoschka e Haas¹⁴ (2013: 69) afirmam “Lifestyle migrants as

¹⁴ Janoschka, Michael; Durán, Rafael. *Lifestyle migrants* in Spain. Contested realities of political participation in Haas, Heiko e Janoschka, Michael. (2013) Contemporary Geographies of Leisure, Tourism and Mobility, Volume 41. Contested Spatialities, Volume 4 1. Migration and Residential Tourism. Routledge.
<https://books.google.pt/books?id=cZuAAAAAQBAJ&pg=PA69&lpg=PA69&dq=integration+of++lifestyle+migrants&source=bl&ots=fEJ2m8agi0&sig=BXcyTv0g278ojEjet6Y5PS48XUc&hl=pt-PT&sa=X&ved=0ahUK>“consumption does not exclusively mean the purchase of goods. It is also related to rather intangible services and

integrates and integral political power”, dois dos entrevistados fazem parte da vida política em Aljezur, um deles até foi candidato à presidência da Câmara Municipal. A situação atual em Aljezur não é de todo igual à do caso descrito pelos autores de Alicante, que tem por volta de 330 000 habitantes, em que imigrantes e os autóctones realmente dividem a esfera política entre eles e em que, por exemplo, toda a documentação oficial é disponibilizada em cinco línguas. A mobilização política nestes casos poderá, no entanto, ser interpretada de acordo com a tipologia estabelecida por Janoschka e Haas. Segundo os autores, a maior mobilização eleitoral de *lifestyle migrants* acontece em três áreas diferentes. Em primeiro lugar, quando os imigrantes sentem que desempenham um papel-chave na tiragem eleitoral e são considerados parte do governo local, sendo que isto acontece principalmente em aldeias, tal como Aljezur. Em segundo lugar, quando os migrantes são considerados uma parte indissociável da paisagem política do local e, em terceiro lugar, quando os migrantes se consideram a si próprios como forças políticas independentes. No presente caso, a envolvimento política direta só diz respeito a dois elementos; no entanto, temos que dar a importância devida a esta integração política e reconhecer que não só provém de interesse pessoal das partes, como também reflete a disponibilidade da autarquia local em reconhecer cidadãos estrangeiros como integrantes políticos.

4. O resultado da análise das entrevistas

Em seguida iremos apresentar a análise qualitativa das 26 entrevistas realizadas. Os temas principais que se foram desenvolvendo ao longo da análise das entrevistas ganharam substância e nome durante o processo de codificação.

A parte empírica foi dividida em quatro partes. Foram identificados quatro temas principais que serão utilizados para estruturar os resultados empíricos desta secção.

A primeira destas quatro partes tem uma função introdutória, sendo que em primeiro lugar oferece uma ideia geral sobre a heterogeneidade dos entrevistados, analisa se já havia uma pré-disponibilidade para imigrar e, por último, ilumina os motivos que levaram ao processo de decisão. A segunda parte debruça-se sobre a escolha do lugar, *locational choice*. Dentro deste contexto, as questões mais aprofundadas são o *como* e o *porquê*, como foi encontrado o lugar, como foi o primeiro contacto e porquê foi tomada a decisão, que tipo de negociações foram feitas. A terceira parte analisa o discurso dos entrevistados em relação a como tencionavam subsistir em Aljezur, apresentando os imaginários do pré-migratório e como se desenvolveram esses planos na vida actual. A quarta e última parte analisa a integração do migrantes: se se sentem integrados, como se sentem em relação à comunidade acolhedora, se dominam a língua e qual a importância que esta tem no processo de integração.

4.1 O processo migratório

Quem são os entrevistados – porque migraram?

With more people from various cultural and national backgrounds and diverging personal motivations involved, a growing variety of lifestyle mobilities can be observed (Janoschka e Haas, 2013:1).

De facto, os imigrantes alemães em Aljezur apresentam percursos de vida tão distintos uns dos outros que não é possível definir um denominador comum no que toca ao período pré-migratório. De outro modo, a *lifestyle migration* em si difere de caso para caso. Podem ser os holandeses na Suécia, os ingleses na França, os americanos no México, os ocidentais na Índia, qualquer destas “uniões” irá apresentar características diferentes apesar de apresentar denominadores comuns. Além de duas culturas diferentes, são também muitos indivíduos diferentes que se

distinguem entre si, em relação às atitudes, às expectativas, aos imaginários. Neste sentido, um dos grandes desafios é a definição teórica de migração face a tanta complexidade e diversidade de experiências relatadas e vividas (Castles, 2016: 27).

A diversidade presente na *lifestyle migration* está evidente nas motivações dos entrevistados. No entanto, antes de analisarmos as motivações será considerado um aspeto primordial do processo de decisão. Ao contrário do que se assume que a migração é um ato planeado, as experiências vividas pelos entrevistados sugerem que muitas das vezes a migração é um ato pouco ou nada planeado e que poderá ocorrer num período de transição.

Enquanto muitos dos entrevistados mencionavam que sempre tiveram vontade de emigrar (geralmente os planeadores), outros realçavam que nunca sequer tinham ponderado deixar o seu país de origem (os espontâneos). Será interessante questionar quais as diferenças no processo migratório visto que a abordagem inicial destes dois grupos foi literalmente oposta.

Os seguintes excertos falam de um desejo inerente de emigrar, algo que já acompanhava os entrevistados há anos e, paralelamente, demonstram que havia um objetivo relativamente bem delineado: viver perto do mar.

Eu sempre quis emigrar. Desde que era adolescente tinha a sensação que tinha de sair da Alemanha [risos]. (...) O meu marido e eu sempre quisemos viver perto do mar. Kim (2012)¹⁵

Eu antes já queria emigrar. Não porque não tivesse gostado de alguma coisa na Alemanha, ou porque estava insatisfeito, não, não era nada disso. Simplesmente sempre tive uma ânsia de emigrar. E o mar – esse sempre foi o meu sonho. Stefan (1992)

Eu nunca me senti como alemão e desde jovem que sempre quis ir embora da Alemanha. O meu sonho era ser marinheiro. Marco (1989)

Todos estes entrevistados queriam emigrar e sabiam de antemão que características o país escolhido deveria ter. Assim, é natural que estes processos tenham sido cautelosamente planeados. Há uma vontade que em seguida é acionada por amenidades e imaginários eventualmente vividos em contexto de férias. De facto, a luz, o clima, a temperatura e o mar poderão são considerados como símbolos intrínsecos da emigração de países do norte para países do sul e da procura pela vida melhor (*the better life*). Tal como Benson refere (2009b: 5):

¹⁵ Data referente ao ano da emigração para Portugal.

“coastal lifestyle migration emphasises escape, leisure, relaxation and tourism as a way of lifestyle”.

O facto de que estes indivíduos agarraram num imaginário recorrente e mudaram, por conta própria, o rumo das suas vidas demonstra a capacidade que o Homem tem em se livrar de padrões de pensamento e de amarras sociais e viver de acordo com as suas expectativas. Aqui torna-se interessante que o Indivíduo se apercebe e usa a capacidade que tem de optar e de escolher o seu próprio rumo. Kant dizia aquando da “libertação” do Homem da Igreja, sobre o Iluminismo, que “o Iluminismo é a saída do homem da sua menoridade de que ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de se servir do entendimento sem a orientação de outrem”¹⁶. O facto de que estes migrantes tomam a sua vida pelas rédeas, que mudam de país, de destino, faz com que se sintam fortes e autodeterminados. Kant continua dizendo que “tal menoridade é por culpa própria, se a sua causa não residir na carência de entendimento, mas na falta de decisão e de coragem em se servir de si mesmo, sem a guia de outrem”. Neste sentido, o processo migratório é descrito por alguns como algo libertador. Não só em relação aos pais, ao Estado, ou ao trabalho, mas sim como uma libertação de amarras interiores, de convenções sociais. A sensação de ter o poder de mudar a vida, de ter o direito de escolher onde se vive, em que cultura, em que ambiente – sendo que o foco aqui reside inteiramente em aspetos imateriais.

Torna-se também evidente o individualismo mencionado por Beck and Beck-Gernstein (2001)¹⁷. De acordo com os autores, a Individualização consiste em transformar a identidade humana, de algo que era um dado adquirido para algo que é uma tarefa e como qualquer tarefa, carrega em si um movimento proativo, com responsabilidades e consequências. O processo migratório em si já carrega uma determinação do Indivíduo, uma agilidade, uma força – quando se emigra sem haver razões prementes (aparentes), pode-se dizer que o Indivíduo realmente tomou as rédeas da própria vida pela mão, como os autores dizem: “lead a life of one’s own” (2001: 22) e desta forma provam que têm o privilégio que apesar de nem sempre ser

¹⁶ Tradução de Artur Morão: http://www.lusosofia.net/textos/kant_o_iluminismo_1784.pdf (10.03.2016)

¹⁷ Beck-Gernsheim, Elisabeth; Beck, Ulrich (2002). *Individualization: Institutionalized Individualism and its Social and Political Consequences*. SAGE Publications. London.

um privilégio monetário, poderá muito bem ser somente o privilégio de se poder optar. Um privilégio opcional.

Outros, por sua vez, nunca sequer tinham ponderado sair do seu país de origem.

Sarah é um exemplo interessante de como um processo migratório se desenvolve de tal forma espontânea que, por assim dizer, nem os sujeitos envolvidos se apercebem de que estão, de facto, a emigrar.

Nada disto foi planeado (...), tudo se foi desenrolando à nossa frente, não tentamos ficar aqui, de modo algum. Foi-nos tudo apresentado assim de bandeja. Então, queres agarrar esta chance? Okay ... Chegámos aqui de autocaravana. Estávamos de viagem. Eu antes vivia em Wales, porque o meu marido é inglês, é de Wales. Três meses depois do meu primeiro filho nascer arrancámos com a autocaravana. Na verdade estávamos só de viagem, só queríamos conhecer a Europa, mas depois de chegarmos aqui, já não nos fomos embora. As coisas foram simplesmente acontecendo. (...) Vivemos dentro da autocaravana durante três anos. Sarah (2011)

De todos os entrevistados, Sarah e o marido são o exemplo mais extremo de um percurso nada ou quase nada planeado. A leveza com que Sarah fala do futuro, que até hoje permanece incerto, faz lembrar a página em branco de um livro que ainda não foi escrito. As decisões que este casal tomou basicamente só foram reconhecidas como possibilidades no momento em que a decisão já estava a ser tomada, ou no momento em que a oportunidade lhes foi apresentada. Sarah conta tudo isto com um sorriso enorme e um brilho nos olhos. Os dois filhos pequenos dormiam enquanto fazíamos a entrevista e o marido orientava os trabalhadores na obra que estava a decorrer na casa que haviam comprado.

Luísa conta que já tinha estado em Portugal várias vezes quando era mais jovem e juntamente com a mãe visitava uma amiga desta. A primeira vez em Aljezur foi durante uma viagem que fez de bicicleta do Porto a Faro. Lembra-se de que gostou do lugar, mas de que na altura nunca lhe teria passado pela cabeça que um dia iria viver em Aljezur.

Esta espontaneidade está presente em outros discursos e no caso de Luísa (2005) estava relacionada com a falta de direção de vida em que se encontrava na altura. Nas palavras de Luísa,

Eu na verdade nem queria emigrar. Eu não desgosto da Alemanha - eu gosto da Alemanha - e voltaria a viver lá, (...) a Alemanha tem imensas vantagens e eu sinto saudades de algumas coisas. Isto aconteceu numa fase da minha vida em que eu não sabia o que fazer.

Luísa menciona que a emigração aconteceu numa fase em que se sentia à deriva e que, tal como Sarah, as coisas foram acontecendo. No entanto, durante este processo, que é encarado como algo quase aleatório, as coisas vão realmente acontecendo, as vidas vão-se estabilizando e, a dada altura, chega um momento em que estes indivíduos adquirem a autoconsciência e se apercebem da dimensão do que estão a fazer. De facto, Luísa também faz parte dos que não planearam o percurso e, como tal, tem mais facilidade em se imaginar a regressar ou até a emigrar para outro país porque não tem de lidar com expectativas pré-concebidas, algo que é mais comum em migrantes que planeiam. Desta forma, a referência às vantagens da Alemanha poderá servir de porto seguro para alguém que na verdade continua a não ter a certeza se a emigração é mesmo algo que se quer ou não.

Não há uma regra definida para analisar quem e quando poderá sentir a necessidade de migrar. Para avaliar a questão da suscetibilidade e disposição para emigrar quando, na verdade, não existe uma necessidade premente, será talvez necessária uma pesquisa mais aprofundada à infância dos indivíduos e também a certos momentos-chave que tenham influenciado a posterior disponibilidade de deixar o país. Porém, tanto os que planearam como os que pouco ou nada planearam eventualmente emigraram. Este é o grande denominador comum que une todos estes indivíduos. Será que a pré-disponibilidade para emigrar é algo que está mais presente nos indivíduos que planearam o seu percurso migratório ou a pré-disponibilidade para emigrar é um fator comum a todos? De facto, os que sempre quiseram emigrar planearam mais detalhadamente sendo que os que nunca tinham pensando nisso geralmente não planearam nada ou quase nada.

Nos discursos dos entrevistados que pouco ou nada planearam está frequentemente subjacente uma abertura para outros lugares e novos processos de decisão como também, de certa forma, um desapego emocional para com o lugar. Estão ali mas poderiam muito bem estar em outro lugar.

O seguinte excerto de Laura demonstra perfeitamente esta quase indiferença para com o lugar, ou a abertura para tentar a sorte em outro lugar e como o ato de emigrar em si deixa de ser um processo que tenha de ser minuciosamente planeado

e ponderado. No discurso dos entrevistados que pouco ou nada planejaram nota-se que eventualmente nem usariam a palavra “emigrar” para caracterizar a mudança, ou em certos casos, as mudanças de países. O que transparece pelas entrevistas é que são mais encaradas como estações na qual se permanece enquanto tudo estiver bem, mas se algo interferir com o bem-estar ou se eventualmente outra oportunidade lhes for apresentada há uma forte tendência de mudar novamente o rumo da vida.

Eu, na verdade, desde sempre quis ir embora. Sempre quis ir para uma cidade. Eu estudei Administração e Gestão num Instituto Superior Técnico [na Alemanha] em que era obrigatório estudar no estrangeiro durante quatro semestres. (...) Eu fiz os quatro semestres em Madrid e disse logo que quando terminasse os estudos ia viver para Madrid, sim, aquilo lá é tão fixe. E depois ainda estive um ano em Londres e depois pensei, ,ok, então vais para Londres. Laura (2003)

Neste caso, e eventualmente numa primeira fase, não importa o lugar, o que importa é a experiência que irá ser vivida.

Há toda uma complexidade de fatores que desempenham papéis importantes na disponibilidade migratória e, neste caso específico, nenhum dos entrevistados decidiu emigrar por razões económicas, bélicas ou religiosas, ou outras razões que pusessem a sua vida e a sua existência em risco. A ausência de fatores existenciais que impulsionassem a migração, e consequentemente, a livre vontade envolvida são, precisamente, os denominadores comuns da *lifestyle migration*. Entrevistados referem uma sensação como se fosse uma pequena premeditação de que algo não estava certo, uma sensação de que a vida em outro lugar lhes poderia trazer mais felicidade. Em seguida houve um movimento proativo em direção a esse passo, se bem que muitas das vezes esta vida melhor (*the better life*) ainda só existisse no imaginário. Porém, não podemos, de forma alguma, menosprezar estes imaginários que precedem a migração, pois desempenham um papel importante no processo de assentamento e de integração. Como Benson refere (Benson, 2011: 1) a relação que o migrante posteriormente constrói com o seu novo ambiente define-se por negociações complexas entre o imaginário e a experiência vivida.

Depois de conhecermos sucintamente os entrevistados e a forma como o processo migratório se desenvolveu nas suas vidas, põe-se a questão das motivações. O que levou os entrevistados a sair do seu país de origem?

Ludwig e a sua mulher são dos poucos entrevistados que vieram para Aljezur num típico caso de *retirement migration*:

Eu antes [na Alemanha] era um político local, isto é, um pequeno presidente da câmara de uma localidade com 100.000 habitantes. Mas depois de entrar na reforma, pensamos em mudar. Ludwig (2005)

Foi durante uma visita a um amigo que vivia em Portugal que o casal se apercebeu que a concretização do sonho de sair da Alemanha era mais realista que anteriormente pensado e que, de repente, se tornou em algo possível. Enquanto apreciavam o que o amigo tinha construído para si próprio, decidiram que também iriam fazer algo semelhante e, assim, não só recuperar alguma soberania sobre a própria vida, tomar a vida pelas próprias mãos, como também construir algo novo, tudo isso elementos muito recorrentes nos imaginários de *lifestyle migrants*.

Stefan, por sua vez, fez uma viragem de 180 graus quando se focou no malabarismo depois de começar um curso de serralheiro:

Eu estava a tirar um curso técnico de serralheiro na Alemanha e entretanto comecei a fazer malabarismo. O que antes ainda era só um hobby rapidamente se tornou em algo que me dava imenso prazer. E, depois de um tempo, li numa revista de circo algo sobre uma escola de circo em Lisboa – o Chapitô. E foi assim que tudo começou. A minha namorada da altura era meio inglesa, meio alemã e em conjunto escrevemos a candidatura em inglês e em 1992 vim para o Chapitô. Stefan (1992)

Stefan tem um percurso menos linear que a maior parte dos outros entrevistados. Antes de ir viver para Aljezur, já tinha vivido vários anos em Lisboa e em outros lugares em Portugal. No entanto, refere que é em Aljezur que agora se sente em casa. Stefan continua a viajar com muita frequência, dando espetáculos em todo o país e visita regularmente festivais internacionais de circo e malabarismo.

Daniel é um jovem arquiteto de interiores que, depois de alcançar um sucesso relativo na cidade em que vivia na Alemanha, veio para Portugal para se encontrar e para fugir do ritmo de trabalho alucinante em que se sentia preso. É na década de 2010 que chega grande parte dos imigrantes que procuram conciliar a procura pela paz interior com um lugar remoto:

Porquê saí da Alemanha? Por causa do trabalho. Sim, em primeiro lugar, por causa do trabalho. 7 dias por semana, 12 horas por dia para no fim do mês pagar mais de metade do ordenado num apartamento em que quase nem dormia. Daniel (2015)

A vinda para Portugal funciona como um escape da vida que Daniel vivia. A negociação necessária para que esta transição entre a vida atribulada e um lugar remoto ou certos *standards* de vida alcançados e a ausência de luxos nem sempre é algo fácil. De repente, o Eu que se procurava tem tanto espaço e passa a estar tão presente num dia a dia menos stressante e preenchido que nem todos se habituam a tanto isolamento. Tal como Eimermann (2015) indica, quando a realidade não corresponde aos imaginários, a negociação poderá tornar-se de tal forma insustentável que leva ao retorno dos migrantes, ou, no mínimo, faz com que a ideia do retorno se torne cada vez mais presente.

Como vimos antes, o sol, o mar, o sul, a calma, o sossego são amenidades que, para além de representarem elementos importantes na idealização destes lugares, aparentam ser motivações comuns e intemporais, isto é, estão subjacentes em todos os discursos, independentemente em que ano ou com qual intuito para cá vieram. “Lifestyle migration, more often than not, implies a search for an idyllic lifestyle in a new, often romanticised environment” (Sardinha, 2015: 1).

Anaís é uma fotógrafa de 36 anos de idade que em 1994, com 15 anos, conheceu uma portuguesa durante umas férias com os pais em Portugal e manteve o contacto com esta, por carta, durante anos. Aos 23, decidiu vir visitar a amiga que nunca mais tinha voltado a ver e acabou por se apaixonar pelo país e pelo *surf*. Encontrou Aljezur numa viagem espontânea pela costa e cá ficou, na altura, acampada no parque de campismo. Desde 2012 que vive em Aljezur com o namorado que dá *business coachings* para pessoas que estão à beira de passarem ou que já passaram por *burn-outs* e que aqui encontram a paz e o sossego necessários para voltarem a um ritmo normal de vida, isto é, para desacelerarem. No fundo, Anaís e o seu namorado aproveitam exatamente as amenidades mais apreciadas para, com alguma orientação, curarem pessoas e paralelamente manterem um negócio. Anaís explica por suas palavras e, talvez por ser fotógrafa, de forma muito visual o que mais a fascina em Portugal e em Aljezur:

Tenho uma aversão contra as cores na Alemanha, aquela coisa sempre arranjada, os edifícios sempre como novos. Eu sempre gostei disso em Portugal, os rebocos [das casas], a forma como as cores sobressaem, que dá literalmente para ver que aqui há muito sol e muita luz. Não dá para comparar. Existe uma força presente nestas paredes, este vento agreste e mesmo assim esta luz. Anaís (2003)

A fuga ao “sempre novo” e “sempre arranjado” da Alemanha sublinha a vontade de viver num meio autêntico, com menos ordem imposta e mais liberdade. Adicionalmente, a densidade populacional extremamente baixa de Aljezur dá a Anaís aquilo de que ela estava à procura: Viver o sonho do isolamento. “O meu maior sonho é viver aqui mas não ter vizinhos absolutamente nenhuns”.

Aqui está expressa mais uma importante motivação mencionada por alguns dos entrevistados. O isolamento consciente. Tal como Lawson (2017:64) indica no seu estudo dos britânicos no Ariège, “there are people (...) who deliberately choose to live in isolated (...) regions”. A atratividade de Aljezur caracteriza-se, em parte, pela facilidade com que este isolamento é possibilitado, quando assim desejado. De certa forma, o Parque Natural em que Aljezur se insere conseguiu manter afastado tanto o desenvolvimento urbano excessivo como descontrolado, tal como o turismo em massa. Estas características fazem de Aljezur um lugar atrativo para quem procura um contacto mais direto com a natureza e um isolamento consciente.

No entanto, este isolamento não só diz respeito a “vizinhos” em si, portugueses ou alemães ou de outras nacionalidades; diz também respeito a um distanciamento específico dos outros alemães. Muitos dos migrantes mencionaram que não vieram para Portugal para estar em contacto com alemães, que o que procuram é viver a vida em paz, um casal até referiu que só após a compra da casa, num vale em que vivem quase exclusivamente alemães, é que se apercebem de que havia tantos outros alemães. Esta atitude demonstra que inicialmente há a intenção de distanciamento, eventualmente para estar a sós ou para se integrarem mais com a população da comunidade acolhedora; no entanto, após análise das entrevistas, evidencia-se que há uma discrepância entre a intencionalidade e a realidade, sendo que a maior parte das relações sociais dos migrantes são com alemães.

Existem também motivações que se foram alterando ao longo do tempo e que poderão estar relacionadas com transformações sociais e, tal como Benson indica, demonstram que há, de facto, uma relação entre *lifestyle migration* e “wider global processes of social and economic transformation” (Benson, 2015: 10). Em relação às motivações relacionadas com transformações sociais verifica-se, por exemplo, uma forte motivação ideológica nos migrantes da T1, que, na sua grande maioria, fazem parte da geração de 68. São os filhos do pós-guerra na Alemanha e têm ideias muito

concretas sobre aquilo de que não gostam na Alemanha e sobre o que querem encontrar num outro lugar.

No seguintes três excertos, Anna, Bruno e Marco falam sobre como a insatisfação que sentiam na Alemanha em relação à situação política, social e ecológica da altura os levou a procurar outros lugares.

Bruno (1982) é doutorado e estava empregado como professor na Alemanha quando começou a desgostar do conservadorismo da instituição em que lecionava.

Eu achava aquilo aberrante. Era aquele tipo de aula frontal, com aqueles velhos professores, que provavelmente tinham participado no Nazismo, e eu pensei para comigo, não, isto aqui não é para mim, e aquela vaga dos 68 estava a desmoronar, estávamos a voltar ao conservadorismo, (...) e então decidimos que vamos à procura de um outro lugar. (...) Estávamos todos envolvidos no movimento antinuclear e, em geral, envolvidos em todas as áreas relacionadas com ajuda contra opressões. Bruno (1982)

Sim, nós éramos contra energia nuclear e contra tudo o que fizesse lixo. Obviamente também contra tudo o que poluísse o meio ambiente, mas em primeiro lugar isso [energia nuclear]. Tínhamos um nome: Oponentes de Energia Nuclear e outros Lixos. Anna (1982)

A minhas motivações principais foram: a) que eu queria sair da Alemanha e b) que procurava um país em que nem tudo estivesse regulamentado e onde o indivíduo ainda tem, ou melhor, tinha, mais liberdades pessoais. Marco (1989)

A liberdade do indivíduo e o receio do retorno do conservadorismo são apontados como razões para sair do país. Porém, na verdade, estes fenómenos não afetavam só a Alemanha. Como queriam estes entrevistados encontrar um lugar privado destas influências? O lema era lutar e mudar para viver num mundo melhor. Isto poderá ter sido um dos grandes incentivos para sair do país e tentar construir algo que se assemelhasse à sociedade na qual acreditavam. Todo este processo esteve, naturalmente, carregado de imaginários e de visões ideológicas que, após a chegada a Portugal, tiveram de ser renegociados.

Relativamente às motivações, há um contraste marcante entre os entrevistados da T1 para os da T2. Sven e Jonas, por exemplo, ambos vieram para Aljezur na década de 90. Grande parte dos entrevistados que se estabeleceram em Aljezur nesta década, e também na década de 2000, não foram impelidos por questões ideológicas, mas sim por motivos pessoais ou simplesmente de forma espontânea. Os entrevistados identificaram este processo como uma jornada, uma

procura por algo sendo que esse algo não era um destino definido. Era algo que estava por definir.

Eu vivi uma história na RDA (República Democrática da Alemanha) de jovem rebelde que, na realidade, não sabia bem o que queria, mas sabia muito bem o que não queria. E sabia que não queria envelhecer numa cidade. Na altura vivia em Hamburgo. E rapidamente notei que era apertado e anónimo. Era como um vegetar anónimo. Jonas (1994)

O não saber o que se quer mas o saber o que se não quer torna um indivíduo aberto a experiências que eventualmente indivíduos mais focados e concretos (planeados) não viveriam com tanta facilidade. Neste discurso torna-se nítido que a cidade e a vida urbana, o “vegetar anónimo” está relacionado com o que este entrevistado não quer. O restante percurso, nomeadamente, para qual país emigrar ou como lá sobreviver não foram aspetos planeados. No fundo, este movimento migratório não tem um objetivo concreto pela frente ou um imaginário pré-definido, tem muito mais a ver com um escape de uma realidade com a qual não se identificava.

De facto, os anos 90 foram marcados por uma onda de turistas e migrantes relativamente despreocupados (T2), que tinham como objetivo principal simplesmente viver em paz. Muitos deles tinham tido problemas com o estado ou, depois do auge da heroína nos anos 70 e 80, com drogas, ou simplesmente com o estilo de vida regulamentado que obrigatoriamente se leva na Alemanha e sentiam a necessidade de começar uma nova vida e de encontrar um outro lugar.

Eu estava bem financeiramente, mas tinha muitos amigos que eram toxicodependentes, consumiam coca ou algo assim e que durante o dia já nem saíam da cama. E eu necessitava de alguma companhia durante o dia também, então aquilo tudo tornou-se insuportável para mim e isto aqui era bonito, muito sol, pessoas simpáticas, praia, eu tinha mais tempo para a minha filha. Bettina (1992)

Ambos estes discursos simbolizam um tipo de fuga ou de evasão. Bettina descreve como a ideia rural representa uma evasão dos problemas sociais que estava a ter na Alemanha.

Nos discursos dos migrantes da T1, motivos relacionados com a vontade de viver uma vida longe de sociedades de consumo, mais orientados para uma vida em comunidade e, se possível, autossuficiente.

Basicamente o plano era aquela história da autossustentabilidade. (...) Viver isolado. Till (1980)

No princípio [em Aljezur] éramos seis adultos e começámos a viver de acordo com aquele livro, a nossa “bíblia”: Seymour, *O Livro da Autossuficiência*¹⁸ (...) e assim começámos com a autossuficiência”. Ada (1984)

Nos anos 80, assistiu-se a uma onda de migrantes ecológicos orientados para um modo de vida autossuficiente, antiurbano e antimoderno que trocaram vidas de bem-estar relativo contra vidas simples, sem eletricidade nem água corrente e com um dia a dia árduo, porém gratificante, nos campos, a trabalhar a terra ou a lavar roupa no rio.

Como mencionámos antes (cf. 3.5.), a primeira vaga de imigrantes alemães que chegou a Aljezur na década de 80 veio carregada de uma forte índole ideológica. Na altura, o sistema alemão requeria, comparativamente a Portugal na mesma altura, uma muito maior envolvimento legislativa e burocrática dos cidadãos. A obrigação de estar constantemente a prestar declarações sobre onde, o quê e como se vive era um ponto de atrito destes migrantes para com a sociedade alemã e limitava-os no que consideravam ser a sua liberdade pessoal, retirando-lhes a possibilidade de viver livremente e, se assim o desejassem, à parte da sociedade. Portugal tinha acabado de sair de uma ditadura e representava, no imaginário destes migrantes, um país menos legislado, menos estruturado burocrática e socialmente e, por assim dizer, menos “monitorizado”. À parte disso, e como o primeiro excerto evidencia, o retorno ao conservadorismo (no fundo, seguindo o ritmo natural e elíptico de inúmeras ondas sociais, modas, vogas e também orientações políticas) fez com que grande parte da geração de 68 entrasse em conflito com o estado e a sociedade por tudo aquilo em que acreditava. A proximidade geográfica da Alemanha ao desastre de Chernobyl em 1984 e, tal como a construção de centrais nucleares para abastecimento de energia da população e o consequente movimento antinuclear também constituíram motivos de peso para ponderar deixar o país.

Atualmente e, “com a entrada de Portugal na CE tudo ficou igual, Portugal já não é aquele Portugal que eu conheço e amava”. E de facto, Marco não é o único a frisar este ponto que é interessante na medida em que o que torna Portugal atraente

¹⁸ <https://we.riseup.net/assets/160572/John%20Seymour%20o%20livro%20da%20auto-suficiencia.pdf> (17.03.2016)

para *labour migrants*, o torna menos atraente para *lifestyle migrants*. De facto, a entrada na UE não só abriu fronteiras como também aumentou a burocracia e a fiscalização, duas características que vão contra a ideia de liberdade perseguida pela maior parte dos migrantes da T1 e T2.

Curiosamente, alguns dos migrantes da T3 questionaram durante as entrevistas se não há um centro de apoio a imigrantes ou algum serviço que os ajude a lidar com a burocracia portuguesa. Ficou claro que há uma grande preocupação em seguir os passos burocráticos corretos. Quer dizer que o que para uns vai contra o imaginário que tinham construído e vai contra a noção de liberdade pessoal, para outros é encarado como um passo natural e perfeitamente óbvio. É nítido que esta mudança de atitude tem a ver com a transformação social que Portugal e mais concretamente a UE sofreram a nível burocrático.

Outra grande motivação nos alemães em Aljezur, principalmente na T3, é o *surf*. Atualmente e mais precisamente desde os anos 2000 assiste-se a uma aumento estrondoso de praticantes de *surf*.

In a favorable strategic location, Portugal cannot be dissociated from the sea that embraces it and from which it depends on. Since most tourists were motivated by the sea, and taking into account the growth of activities and companies linked to this natural resource, the trend for active vacations justifies the increasing demand for water sports activities, including *surfing*.¹⁹

A expressão de se viver “em busca da onda perfeita” sintetiza a procura por lugares que lhes pudessem proporcionar o estilo de vida perfeito dentro das idealizações do mundo *surf*.

[Foi em] 2012, logo após a tese de bacharelato. Vim aqui para baixo e aprendi a surfar e depois comecei a trabalhar de vez em quando num outro *surfcamp* a dar massagens, para ganhar algum dinheiro extra e porque conheci o pessoal do outro *surfcamp* e me dei bem com eles e eles deram-me a ideia de vir para cá e oferecer massagens. Sandra (2012)

Sandra relaciona o *surf* com a amizades que travou dentro da comunidade de surfistas. Este relacionamento possibilitou-lhe um sentimento de pertença, não só à

¹⁹ Reis, P.; J.P. Jorge (2012). *Surf tourism: segmentation by motivation and destination choice* <https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/1044/1/Reis%20e%20Jorge%202012%20Surf%20tourism-%20segmentation%20by%20motivation%20and%20destination%20choice.pdf> (07.01.2017)

comunidade de surfistas enquanto desportistas, mas também enquanto comunidade na sua grande maioria imigrante.

O meu marido é apaixonado pelo *surf* e portanto ele quis vir sempre ao longo da costa e quando cá chegámos ficamos por aqui. Sarah (2011)

Apesar de Sarah e o marido apresentarem um dos percursos menos planeados de todos os entrevistados, havia, na verdade, um critério bastante rigoroso que tinha de ser seguido: tiveram de se deslocar sempre ao longo da costa – por causa do *surf*. Desta forma, o *surf* torna-se num motivo condutor e onnipresente, algo que basicamente moldou todas as restantes decisões.

À questão o que o levou a vir para cá, Urs responde:

Acho que são todas aquelas pequenas coisas que me parecem muito positivas: é o clima, e eu aqui posso surfar – o que eu gosto muito, muito e é uma das maiores razões pelas quais aqui estou. É o andar de chinelos. O poder deixar a porta aberta. Urs (2013)

Poderá dizer-se que o *surf* teve um impacto significativo em Aljezur, notando-se consequências em diferentes áreas. Não teve só impactos económicos, principalmente no verão em que o *surf* é praticado intensamente devido à época de férias e às temperaturas mais altas, como também no inverno. O *surf* é um desporto não-sazonal e atrai turistas durante o ano todo. Além de proporcionar rendimentos fora de época aos que vivem do turismo e estão envolvidos na indústria de *surf*, também impulsiona a economia do concelho, em geral. Além disso, o *surf* também alterou a imagem de algumas regiões costeiras do concelho, principalmente no que diz respeito ao turismo e a migrantes relacionados com o *surf*. Uma grande parte dos migrantes que se dedicam ao *surf* é facilmente reconhecível na rua, usando roupas semelhantes, bronzeados marcantes, cabelos aclarados do sol e carros com pranchas de *surf*. O crescimento desta indústria no concelho também criou a abertura de várias escolas de *surf*, lojas de *surf* e pequenas empresas relacionadas com o tipo de turismo que envolve este estilo de vida.

No âmbito deste trabalho, a motivação do *surf* poderá ser entendida de duas formas. Por um lado, como está descrita acima, como uma motivação geral que leva indivíduos a saírem dos seus países em busca da “onda perfeita”; é de comum conhecimento que surfistas viajam tanto quanto possível de *surf spot* em *surf spot*. Por outro lado, neste trabalho, o *surf* e o movimento que dele provém também pode ser relacionado com a escolha do lugar em si (*locational choice*); Aljezur tem-se

tornado num destino predileto de surfistas de todo o mundo e, não obstante, esta característica contribuiu significativamente para o aumento da *lifestyle migration* nestas últimas duas décadas.

4.2. A escolha do lugar ou o importante é saber onde

A tentativa de entender como e porquê migrantes optam por um determinado lugar para se estabelecerem suscita interesse em qualquer área do estudo da migração. No entanto, enquanto na migração impulsionada por fatores económicos ou até bélicos, os países de acolhimento dão ao migrante a possibilidade de melhorar a vida economicamente, através de uma melhor inserção no mercado de trabalho ou através de um sistema social mais justo e seguro, na *lifestyle migration* os fatores decisivos têm geralmente a ver com fatores imateriais. Geralmente são as amenidades do país de acolhimento que, numa primeira instância, são atraentes e espoletam a vontade de viver num lugar onde geralmente se faz férias e, a nível individual, são imaginários de autoconcretização e de escape da vida anterior que, num contexto de *lifestyle migration*, conferem a sensação ao migrante de tomar a vida pelas rédeas.

Qualquer história tem um princípio e é no princípio de tudo que reside a semente que dá vida ao resto. Não nos é portanto possível ignorar o primeiro contacto que estes migrantes tiveram com o lugar que mais tarde vieram a escolher como nova casa. Contra a ideia comum de que “usually, migration is not the result of a spontaneous decision, but the outcome of a long decision process” (Geis *et al.* 2008), alguns dos entrevistados relembram a primeira visita a Portugal como algo inesperado, um acontecimento ingénuo que não tinham planeado minimamente e lhes foi apresentado como uma possibilidade espontânea. Outros, sim, tinham ideias concretas ou foram chamados, por *feedback*, receberam uma carta, em casa na Alemanha, ou um convite para ir visitar um lugar em que, com certeza, se iriam sentir bem.

Neste sentido, volto a frisar que as duas questões que foram colocadas de forma mais penetrante para tentar entender este processo foram o *como* e o *porquê*.

Como é que a escolha do lugar (*locational choice*) aconteceu engloba *como* aconteceu o primeiro contacto com o lugar e *como* foi encontrado explicitamente

este lugar, sendo que o *porquê* se dedica mais ao processo de decisão e às negociações que os migrantes fizeram para tomar esta decisão da *locational choice*.

A Maria (1984) e o Max (1984) são um casal. A entrevista foi conjunta. Para este casal de reformados, Portugal foi, em primeiro lugar, um lugar de passagem. Só depois se tornou num lugar de trabalho e, nesse seguimento, decidiram comprar uma casa em Aljezur. Inicialmente planeavam ir e vir; porém, acabaram por ficar, apesar de que a mudança definitiva só aconteceu realmente depois de Max se reformar. Todos os acontecimentos foram-se concretizando com o passar do tempo, não havia um plano pré-definido.

Max conheceu Portugal, pela primeira vez, em 1966 mas só mais tarde, em 1980, trouxe consigo a mulher e os filhos. Depois de uma ida a Angola, Max começou a trabalhar oficialmente no *Bundespresseamt*, no órgão de relações públicas do governo alemão e seguiu uma carreira pública. Em cooperação com o *Bundespresseamt* começou a trabalhar para o Ministério do Exterior da Alemanha, através do qual conseguiu ser destacado para trabalhar como adido de imprensa em Lisboa. Foi assim que vieram todos, ele, a esposa e os quatro filhos, para Lisboa em 1980.

Maria: Foi em 1980.

Max: Mas eu já tinha estado cá antes. Foi quando fui para Angola, ainda no tempo do Salazar. Fui para Angola durante três meses. E foi aí que passei por Lisboa.

Maria: Isso foi em 1966.

Max: Sim, deve ter sido nesse tempo.

Maria: Tínhamos acabado de casar e estávamos à espera do segundo filho.

Max: E eu queria emigrar para Angola. Eu era doido.

Maria: Ainda por cima com a família. Mas eu opus-me. Não queria lidar com problemas raciais.

O medo de eventuais problemas sociais influenciara a decisão do casal e fez com que este optasse por Portugal, principalmente para salvaguardar a segurança da família. A consciência de que não se queria “lidar com problemas raciais” ou, por outras palavras, de que não queria viver como europeia num país africano e lidar com todas as suscetibilidades que isso poderia suscitar, opôs, durante a escolha pelo lugar, Portugal a Angola, ou, de uma forma mais geral, Europa a África. Posteriormente, quando Max já estava estacionado em Lisboa, o filho de um chefe

dos acólitos da aldeia em que Max vivera na Alemanha radicou-se em Aljezur. Este iria ser o vínculo que posteriormente estabeleceria o contacto com o lugar onde iriam passar grande parte de suas vidas. Desta forma, poderá dizer-se que este casal tem uma relação histórico-social com Portugal que se baseia na relação de trabalho que Max manteve em Lisboa durante anos. De facto, este relato é bastante singular no conjunto de entrevistas, visto que se trata de um casal de reformados que na verdade pouco planeou a migração e que veio para Portugal no âmbito de um contrato de trabalho. A grande maioria dos entrevistados tiveram o primeiro contacto com Portugal e Aljezur num contexto turístico, ou, nos migrantes da T1, relacionado com a concretização de ideais; porém, nenhum dos outros entrevistados veio para Portugal com um contrato de trabalho.

Till (1980), por exemplo, foi metodicamente à procura de um novo lugar. Pertence ao grupo dos imigrantes da T1 que planearam o seu percurso. O imaginário deste lugar estava conotado com ideias bastante rigorosas de autorrealização, liberdade, com visões de comunidades autossuficientes, antiurbanas, anticonsumistas e tinha de satisfazer certas exigências pré-definidas:

Nós éramos um grupo de cinco pessoas que já não queriam viver na Alemanha e então dividimo-nos: dois foram para a Grécia, dois foram para Portugal e um foi para Espanha. E um de nós fez logo um contrato de promessa de compra e venda – que foi a Eva com aquela casa ali em baixo e assim viemos todos para aqui [Aljezur]. Nós depois comprámos aquela casa ali em cima (...). A primeira vez em Portugal foi em 1980.

Tendo em conta que na altura não havia Internet nem telemóveis, a ideia de cinco amigos se dividirem por três grupos e por três países diferentes à procura de um lugar que correspondesse as ideias anteriormente definidas em conjunto, atualmente parece ser um plano bastante arrojado e corajoso. Por outro lado, demonstra também o quão metódico era a procura pelo lugar “ideal” e que este era decisivamente um fator de extrema importância.

Outra razão pela qual Portugal pareceu atraente a alguns dos entrevistados, também da T1, tem a ver com transformações sociais e políticas da altura, nomeadamente, a transição democrática do pós-25 de abril em Portugal.

A primeira vez foi em 1974 – por causa da Revolução. M. e eu éramos estudantes e então vivemos de perto – porque a nossa universidade na Alemanha era uma universidade relativamente moderna e “vermelha”, isto é, de ideologia comunista – e então seguimos todo o acontecimento, que estava a decorrer uma revolução sem

derramamento de sangue assim tão perto e dentro da Europa. Então fomos logo nesse verão para o *campus* [universitário] de Lisboa e vivemos tudo de perto. Anna (1981)

A primeira vez que eu estive em Portugal foi em 1975. Foi um ano depois da Revolução dos Cravos, em agosto, perto de Lisboa, no Monte do Estoril. (...) Eu normalmente não fazia férias em nenhum país onde houvesse uma ditadura. E como a ditadura foi destituída, a meu ver, já poderia viajar para Portugal. E além disso, já há anos que quatro ou cinco colegas meus – portugueses – sempre me contavam muito sobre Portugal. Quando vim, convidaram-me para ficar na casa deles e obviamente que fomos a reuniões da Revolução, porque na altura, em agosto, já estava quase a acontecer a contrarrevolução. E porque sempre fui politicamente interessado, não pude perder esta oportunidade. Mas entender? Nada! Marco (1989)

Tanto Marco como Anna, ambos da T1, vieram para Portugal curiosos para assistirem à revolução mais pacífica do período pós-fascista. Marco, enquanto membro do Partido Comunista, e Anna, como estudante numa Universidade de cariz comunista, reconheceram a importância histórica do momento e reconheceram atempadamente as portas que Portugal abriu na altura, o que, no fundo, possibilitou uma nova imagem do país enquanto destino turístico e de migração.

Um aspeto interessante e repetido com frequência, apesar de não constar diretamente em nenhuma das questões, é a comparação com outros países quando justificavam a escolha do lugar.

Sim, também estive em outros países, mas pensar em emigrar para lá? Não! Havia certos critérios que eu tinha em mente: deveria ser na Europa, isso era o ponto nº 1. Depois ... Itália e Espanha já estavam completamente urbanizados. A minha namorada na altura queria ir para a Grécia, mas eu na altura pensei – o que agora está a ser atual e que na altura as pessoas riram de mim – do outro lado da Grécia está o Mediterrâneo, que não é assim tão grande e do outro lado estão todos aqueles árabes malucos. E, neste momento, dá para ver que afinal este foi um critério relevante. Outro critério é que não houvesse usinas nucleares por perto, nem grandes recursos minerais. Felix (1999)

Analisando a entrevista de Felix permanece a sensação de que existe alguma incoerência no discurso. Anteriormente a este excerto, Felix relata a primeira vinda a Portugal como um acontecimento espontâneo, uma viagem de carro com amigos, seguindo a costa da Alemanha até Portugal e até Aljezur. Fica a impressão de que foi tudo pouco ponderado e planeado. No entanto, depois de analisar este excerto

torna-se notório de que de facto já tinha havido alguma negociação antes de tomar a decisão de emigrar.

O processo de diferenciação é importante no processo de decisão e após uma análise dos discursos torna-se evidente que é um processo consciente e metódico e que tem como primeiro intuito ajudar a escolher o país em que melhor se sentiriam, principalmente a longo prazo, sendo que a segurança individual e da família é um critério recorrente em várias entrevistas.

Beatrix, por exemplo, diz que ainda hoje preferiria viver num país mais quente que Portugal mas quando se recorda dos outros países por onde passou, e nos quais ponderou viver, diz que Portugal lhe pareceu a ideia mais sensata.

Eu experimentei viver em vários países: Marrocos, Índia, onde quer que houvesse mais sol. Mas... com filhos – eu sempre que imaginava isto, imaginava a minha vida com filhos, e esta ideia não me agradava nesses países. (Risos). Pronto, e foi por isso que depois vim para Portugal – acho que foi bom assim. Também ainda ponderei ir para Espanha, mas os espanhóis eram barulhentos demais para mim. Não me agradou. Beatrix (1981)

De alguma forma, este excerto assemelha-se ao de Felix (1999) na medida em que Portugal é apresentado como um país seguro e essa característica lhe confere uma grande vantagem em relação a muitos outros países.

O país comparado a Portugal com maior frequência, provavelmente devido à proximidade cultural e geográfica, foi Espanha. Os entrevistados, principalmente os da T1, descrevem os espanhóis como “barulhentos” e pareceu-lhes que Espanha já estava urbanizada demais. Mais uma vez, mas em outro contexto, Portugal e neste caso específico, Aljezur, trunfa com a tranquilidade, a calma, a Natureza.

[Em comparação a Espanha] isto aqui era mais natural. Não estava tão urbanizado, era... sim, mais natural e ainda mais longe de tudo. E esta sensação de estar no fim da Europa, no fim de um continente ... e, sim, as praias, como é óbvio. Stefan (1992)

Para Stefan, tal como para a grande maioria dos entrevistados, o carácter remoto de Aljezur satisfaz os imaginários. A ideia rural, longe dos grandes “desastres” urbanísticos que se enfileiram ao longo de grande parte da costa mediterrânica, sintetiza-se em Aljezur em forma de um Parque Natural que conseguiu preservar esta região litoral com uma natureza em grande parte intacta.

A Espanha é um dos destinos favoritos dos alemães e existe um imaginário coletivo presente na cultura alemã construído através dos *media* e dos longos anos

de tradição que a Espanha tem enquanto destino turístico preferido dos alemães. De acordo com o *Destatis*, o Instituto Federal de Estatística da Alemanha, de entre 226.000 de estrangeiros da UE residentes em Espanha, no ano de 2010, 53 000 são alemães e representam o segundo maior grupo, logo depois dos britânicos. Além disso, o estudo refere que a maior parte destes alemães residentes em Espanha são indivíduos reformados.

Comparando Portugal e Espanha, este fluxo de alemães reformados em Espanha também poderá ser explicado através da vantagem relativa que Espanha tem em relação a Portugal, nomeadamente, uma melhor rede, uma infraestrutura mais desenvolvida e otimizada para certo tipo de migrantes e, tal como já foi mencionado, uma representação de maior impacto junto dos *media* na Alemanha. Até hoje, muitas pessoas na Alemanha não têm uma noção bem definida de Portugal, sendo um país pequeno e geograficamente escondido; no entanto, os excertos evidenciam que as regiões rurais de Portugal se apresentam atualmente como uma alternativa ideal a Espanha, principalmente para quem procura paz e sossego. Tendo em conta que o turismo tem vindo a mudar muito nesse sentido, notou-se um grande *boom* em todas as áreas mais ligadas à natureza, em tudo o que seja ecológico, biológico e sustentável, com menos ênfase no consumismo, poderá dizer-se que Portugal, com a sua autenticidade bem preservada, se encaixa perfeitamente nestes parâmetros e que, de facto, Portugal atrai cada vez mais turistas e, consequentemente, migrantes.

Outro aspeto decisivo e interessante foi o impacto negativo que a atitude de certos homens face a mulheres teve no processo de decisão do lugar.

Johanna não é a única que relata que esteve em países em que se sentiu abordada de forma indecente por alguns homens. Posteriormente, esta experiência condicionou o processo de decisão.

Ponderei ir viver para lá [Itália]. [Mas] os homens eram muito chatos. A sério! Nós pensámos logo, tipo, não! Não dava para estar em paz! Johanna (1993)

Para Sven e a mulher era imperativo que o país escolhido respeitasse os direitos da mulher sendo que isso lhes permitiria uma vida mais tranquila e estável a nível social e emocional:

Então colocou-se a questão: para onde? E a Christa [esposa] disse que queria ir para um país onde os direitos da mulher fossem respeitados. E eu não queria ir

para uma ilha. E também seria bom se fosse um país que ambos ainda não conhecêssemos. E esse país era Portugal. E também esta costa do Atlântico, é que eu acho o Mediterrâneo um pouco poluído. Sven (1994)

Este casal também tinha ideias bastante fixas sobre o lugar. Esta exigência demonstra, mais uma vez, a importância que a escolha do lugar tem. Naturalmente que nestes casos, em que todo o percurso parece ser traçado e planeado numa fase anterior à migração, há uma hipótese maior de decepção posterior e também a própria procura torna-se mais difícil. Esta é uma vantagem que os não planeadores terão sobre os planeadores.

A escolha do lugar e a decisão ou os fatores que levam a que lugares sejam encontrados e escolhidos está frequentemente relacionada com as redes sociais (*social network*) em que os entrevistados se encontram e, como já tínhamos visto no capítulo sobre o *feedback* e a teoria da *cumulative causation* de Massey, este, muitas vezes, é um processo autossustentável e que cresce como uma bola de neve. Tal como Eimermann menciona, “after migration, these migrants invite friends and relatives and may induce a subsequent cohort of migrants” (2014: 61). E, de facto, muitos dos entrevistados encontraram Aljezur através de amigos ou relatos de conhecidos, ou porque encontraram anúncios em jornais. As redes fazem parte de um processo que estimula a migração, que dá novo impulso e que dá lugar a sistemas migratórios. De acordo com de Haas (2008:19), são os amigos e familiares que geralmente criam esta possibilidade e Epstein e Gang (2004:15) concluem que “people go to where they have information. One type of information is the information one obtains from looking at what others do. Even more important, perhaps, we show is that people want to migrate with friends”. Muitos dos entrevistados mencionaram que ou vieram através de amigos ou conhecidos, ou conhecem alguém que reside em Portugal devido a eles.

Se no estudo da migração “tradicional” o *feedback* é na sua grande maioria “enviado” repleto de informações prementes, que ajudam à rápida resolução dos problemas usuais que migrantes tendem a encontrar, como por exemplo, trabalho, casa, burocracias, etc., na *lifestyle migration*, o *feedback* adapta-se, por assim dizer, às circunstâncias. O que atrai aqui são os relatos da praia e do sol, são as fotografias de palmeiras e de marisco, as promessas de uma “boa vida”.

Os seguintes excertos exemplificam como este processo de *feedback* se desenrola na *lifestyle migration*:

Já cá estavam amigos nossos. E nós queríamos visitá-los – foi por isso que viemos para cá [Aljezur]. (...) Opá, era aquela coisa que se tinha de fazer, tínhamos que ir a Portugal, contavam-nos de como isto aqui era maravilhoso”. Bettina (1992)

Vim viver para cá em 1981. Mas sim, já tinha estado cá antes - só brevemente (...). Eu tinha conhecido o W. em Marrocos, de viagem, por assim dizer. E depois recebi um postal dele: “Tu que querias sempre emigrar, nós estamos em Portugal agora. Vem cá ver isto”. E assim fiz. Beatrix (1981)

Ao analisar os excertos acima torna-se evidente que a ideia “vendida” nunca foi uma ideia de oportunidade monetária ou de grandes oportunidades económicas, tal como seria comum na migração laboral. Os argumentos usados na *lifestyle migration* estão geralmente relacionados com um bem-estar imaterial, com socialização ou com as amenidades dos países em questão.

Adicionalmente, neste estudo, vários entrevistados mencionaram que encontraram Aljezur através de anúncios em jornais. Dentro do *feedback* há um tipo de *feedback* que Bakewell e Jolivet (2015) designam *broadcast feedback*. Estes são os casos em que os *media* ocupam a função de intermediário entre o migrante e o lugar.

Foi através do M. Ele tinha um anúncio num jornal em que procurava pessoas que tomassem conta da sua casa e do seu terreno porque estava a planear ausentar-se mais vezes. E foi assim. O meu marido já tinha telefonado com ele quando ainda estávamos na Alemanha na fase inicial [das preparações para sair do país], e já na altura sabíamos [que iríamos vir para aqui]. Kim (2012)

Foi uma amiga que nos mostrou um anúncio na Taz [jornal]. E era o Phillip a anunciar o seu terreno, e então viemos para cá, juntamente com um amigo. Ada (1984)

Alugámos uma casa aqui dos S. Eles tinham uma casa no Vale da Telha e nós tínhamos lido o anúncio da casa num jornal em Hamburgo. Sven (1994)

Neste estudo, o *broadcast feedback* pode ser encarado como um meio eficaz na propagação de um lugar e eventualmente de impulsionador do sistema migratório. A escolha de um lugar pode, num primeiro plano, aparentemente ser influenciada por um anúncio que se encontra em um jornal.

Voltemos à questão do *porquê*. Neste sentido, muitos dos entrevistados, maioritariamente os da T3, respondem à pergunta *porquê Portugal* ou *porquê Aljezur* com uma referência ao sentimento. É aqui que se sentem bem. Há uma clara ênfase em todas as justificações subjetivas.

Vim cá várias vezes [de férias] e sempre que cá estava sentia-me bem. Parece que aqui conseguia respirar. (...) E sempre que cá vinha, me inseria mais dentro de uma comunidade, e desenvolveu-se tudo muito rápido, desde a primeira vez que cá vim que conheci pessoas que voltei a ver durante a visita seguinte. Jana (2014)

Neste excerto não só transparece a importância do sentimento relativamente ao lugar e à estadia no lugar, como também a sensação de integração transmitida pela inserção numa comunidade.

O que Jana aqui designa por comunidade é uma comunidade que se autodesigna de “Expats” e que, na sua grande maioria, faz parte da T3, vivendo na região entre as praias da Arrifana e Monte Clérigo, isto é, no Vale da Telha, nos Vales, no Espartal, etc. Esta comunidade funciona quase como um “mundo paralelo” de migrantes entre os 25 e os 45 anos, que têm em comum o estilo de vida relacionado com o *surf*, o *yoga*, a meditação.

E depois refleti sobre tudo e pensei que, no fundo, é aqui que quero estar. Porquê é aqui que me sinto bem. Não sei o que fazer aqui, mas o meu sentimento diz-me que aqui estou bem. Urs (2013)

Urs tirou um curso superior de Desporto, trabalhava numa clínica na Alemanha para problemas de costas, 10-12 horas por dia e ganhava muito bem, viajou pelo mundo, viveu na África do Sul, nas Ilhas Filipinas e acabou por vir para Aljezur aliciado por amigos surfistas aqui estabelecidos e acabou por ficar. Tem como objetivo principal levar uma vida tranquila, continua, porém, a regressar à Alemanha durante os meses de inverno, para visitar amigos e família e para trabalhar na clínica de forma a sustentar a sua vida cá.

É comum que os entrevistados que há menos tempo se tenham estabelecido em Portugal ainda procurem formas alternativas para ganhar dinheiro e garantir a sua subsistência, nomeadamente, regressando aos seus países nos meses de inverno para trabalhar. Porém, este também pode ser o reflexo de que os estilos de vida transnacionais são cada vez mais comuns, fortemente facilitados pela UE, a união monetária e a política da livre circulação de pessoas.

Em contraste, na maior parte dos migrantes da T1 sempre esteve omnipresente a vontade de fazer de Portugal a sua casa, facto que até hoje não se alterou:

Eu sou alemão, apesar de que nunca me senti como tal. (...) Mas sim, vou morrer aqui, definitivamente – não vou voltar para a Alemanha. Jonas (1994)

Eu vou ficar aqui. Aqui é a minha casa. Bruno (1982)

Aqui se levanta mais uma questão interessante, a saber, a atitude perante o assentamento no país de acolhimento. Quase todos os migrantes que vieram na década de 80 e que planearam a sua vinda compraram casa no ano em que se mudaram para Aljezur ou no ano seguinte. A vantagem do então marco alemão (DM) em relação ao escudo português (ESC) e, tal como Sardinha (LM in central PT: 2) identifica no seu estudo sobre *lifestyle migrants* no centro de Portugal,

(...) in consequence of the outward migration of those who originate from the interior regions of Portugal and the subsequent abandonment of lands and properties – sometimes even entire villages – has lead to property price devaluation in the local real-estate markets.

O chamado “êxodo rural” proporcionou oportunidades a estes migrantes que aqui encontraram uma mistura de mundo rural quase abandonado com o encanto duma região costeira envolta de praias pouco ou nada exploradas e que, desta forma, se adequava perfeitamente aos imaginários construídos e ao estilo de vida desejado.

(...) na altura estava imensa coisa à venda e nós achámos aquilo lindo, uma aldeia abandonada que se poderia recuperar ... e, pronto. Bruno (1982)

Em comparação, só alguns dos migrantes T3 compraram casa. De facto, os preços imobiliários dispararam alucinantemente nestas últimas décadas e com a Zona Euro desapareceu a discrepância do valor da moeda. Mesmo assim, depois de analisar as entrevistas, nota-se que além disso existe uma diferença na atitude. Enquanto os migrantes da T1 reiteram que compraram a casa planeando que cá iriam permanecer “para sempre”, os da T2 deixam o pormenor da eternidade em aberto planeando ficar enquanto se sentirem bem e enquanto tudo “correr bem”, porém não pondo de parte a possibilidade de mudarem de lugar e/ou de país.

Resumindo, a atitude perante o assentamento pode, por um lado, estar relacionada com o desenvolvimento de todo o processo inicial, isto é, se foi planeado ou não planeado, e, por outro lado, pode também depender da etapa da vida em que a pessoa se encontra a viver (se é jovem, se está na meia idade ou se é idoso). Ou seja, pode não depender apenas do carácter planeado ou espontâneo do assentamento, mas igualmente da idade, pois esta está associada a actividades que fazemos em fases distintas da vida (quando somos mais jovens fazemos um

determinado conjunto de opções / actividades que já não fazemos quando somos mais velhos).

4.3. Ideia inicial – Viver do quê

Independentemente das circunstâncias em que o processo de migração se desenrolou, se foi planeado ou não planeado, a questão da subsistência é uma questão existencial principalmente em indivíduos na idade ativa, tal como a grande parte dos entrevistados do presente estudo é. É uma necessidade que abrange de forma transversal a grande maioria destes perfis.

No estudo da migração tradicional analisou-se repetidamente a relação entre a satisfação do migrante e o rendimento deste. A questão colocada é se, depois da migração, os migrantes se sentem mais felizes quando, por exemplo, obtêm um rendimento maior que nos seus países de origem. A resposta a esta pergunta permanece incerta (Bartram, D, 2013; Wright, K., 2012). “Income, though important, does not solely explain levels of happiness” (Wright, K., 2012). Não é só o aumento de rendimento que influencia o nível de satisfação. Há uma série de outros fatores importantes na construção da felicidade de cada um. No entanto, não podemos pôr de parte a importância do rendimento. A possibilidade de garantir a alimentação e o alojamento enquanto necessidades básicas tornam o trabalho e a remuneração obtida através do trabalho em fatores-chave no processo migratório, principalmente nos casos em que não existe um património significativo e autosustentável. O interessante é que, em vários testemunhos deste estudo, se regista uma situação quase invertida. Não é só um sonho ou uma vontade de viver com menos, é uma atitude proativa, quase um esforço consciente em direção a uma vida menos consumista, fugindo energicamente da ideia de que o dinheiro e o trabalho trazem felicidade.

Como vimos descrito na Tipologia 1, grande parte dos entrevistados tem formações académicas específicas e saem conscientemente de uma vida profissionalmente “segura” rumo a uma incerteza. É, em parte, neste ato que jaz a decisão de orientar a vida por valores imateriais ao invés de bens materiais. Porém, o que para alguns eventualmente no início não é tão explícito – talvez porque estão envolvidos nos imaginários da nova vida e no que ela trará – é que a segurança

monetária é, quer se queira quer não, indispensável para a sobrevivência e a satisfação e que, até num lugar com o qual primeiramente se relaciona férias e sossego, a subsistência terá de ser garantida.

De uma maneira ou de outra, os entrevistados arranjam formas de sobreviver, quer seja através do sonho inicial da autossuficiência, ou de pequenas empresas em nome próprio, ou através de vários trabalhos causais. À parte os dois entrevistados reformados, todos os entrevistados trabalham e, como tal, deixam de ser só consumidores para se tornarem também produtores. É o caso de Sarah, que vende pão, Beatrix e Ada que ambas prestam cuidados de saúde, tanto a população autóctone como à população estrangeira, Josef gere uma das empresas mais bem sucedidas de Portugal, dentro do seu ramo. Estes são só alguns dos exemplos de migrantes que, além de consumidores, também são produtores, na medida em que contribuem para o desenvolvimento e a sustentabilidade da economia. É Eimermann (2015) que identifica *lifestyle migration* como algo que vai para além do consumo e que pode até também ser parte da produção, e/ou uma mistura de consumo e produção. Além disso, Eimermann (2015: 90) afirma que “entrepreneurial incomers not only create jobs, but also foster quality of life in their destinations”.

Outra questão interessante que se poderá relacionar com a troca da segurança profissional por uma incerteza gratificante é o facto de que a maioria dos entrevistados se deslocou de um meio urbano para um meio rural. Este movimento típico do *counterurbanization* não só significa uma mudança a nível geográfico e acarreta a consequente idealização rural, como também, em muitos casos, implica uma grande mudança a nível de oportunidade de trabalho e de realização profissional. Como é que uma pessoa reformula a sua existência quando esta antes estava projetada para funcionar num meio urbano? A questão que aqui se põe é como é que o indivíduo lida com esta reformulação e com esta adaptação? Será que o indivíduo se apercebe da dimensão da “troca” que está a fazer ou só se vai apercebendo gradualmente no período de pós-migração?

Durante a entrevista, tentou-se entender quais foram as ideias iniciais, ainda antes da emigração, e até que ponto estas ideias correspondem à realidade atual. De acordo com Eimermann (2014: 60, *apud* Benson, 2011),

(...) pre-migration romantic and nostalgic imaginings of a rural idyll and authenticities of everyday life are pivotal pull factors constructing

an expected better way of life after migration. However, the actual rurality experienced in the migrants post-migration lives may contradict these expectations.

De facto, a comparação entre a ideia inicial e a vida atual poderá elucidar sobre as negociações que cada um destes migrantes teve de fazer ao longo de todo este processo.

Em contraste com a ideia de que *lifestyle migrants* se mudam de um país com uma economia mais forte para um com uma economia mais fraca (Benson e O'Reilly, 2009b) para que possam usufruir desse desequilíbrio, neste caso, estes migrantes realmente mudaram-se para um país com uma economia mais fraca, porém, muitos deles, adotaram um nível de vida²⁰ inferior ao que tinham antes e optaram conscientemente por vidas economicamente menos dispendiosas e menos luxuosas do que as que levavam no país de origem. Desta forma atestam a afirmação de Benson e O'Reilly de que "life after migration is thus presented as the antithesis of life before migration" (2009b: 3).

Em seguida serão apresentados alguns percursos dos entrevistados relacionados com a questão da subsistência e do *way of life* conscientemente adotado. No seguinte excerto, Bruno fala da idealização da autossuficiência e de como essa ideia se concretizou na realidade:

Tínhamos uma ideia muito concreta do lugar, das circunstâncias e das condições para montar uma agricultura própria. (...) Era uma vida muito básica. (...) Não tínhamos água nem eletricidade. [Não havia máquina de lavar roupa] Lavávamos sempre no rio, juntamente com as crianças. Elas é que lavavam as suas próprias meias e *T-shirts*. Bruno (1982).

Quando eventualmente foi colocada eletricidade no vale onde Bruno mora, este afirmou que não lhe causou agrado, muito pelo contrário, causou-lhe desagrado: não queria eletricidade. Bruno e a sua esposa viveram oito anos da agricultura e da produção de leite, até que voltaram a dar aulas [ambos tinham sido professores na Alemanha e Bruno até tinha tirado um Doutoramento]. Paralelamente, Bruno ainda montou uma carpintaria.

²⁰ É a capacidade de um indivíduo possuir, com o seu rendimento, um determinado conjunto de bens e de serviços. O seu poder de compra é, portanto, determinado pela relação existente entre o rendimento de que dispõe e o preço dos bens de consumo que podem ser adquiridos com esse rendimento. Esta noção envolve não só elementos quantitativos, referentes ao rendimento nacional médio, mas faz também uma avaliação qualitativa do modo de existência médio. [http://www.infopedia.pt/\\$nivel-de-vida](http://www.infopedia.pt/$nivel-de-vida) (10.03.2016)

Bruno veio para Portugal com o sonho de viver em comunidade. Numa comunidade em que se vivesse da troca e do humanismo. 34 anos depois, Bruno reconhece que esse sonho não se concretizou. Havia os meios e o espaço para viver como idealizara, mas não lhe foi possível encontrar a tal comunidade. Apesar das negociações que teve de fazer ao longo destas décadas, Bruno não se arrepende da escolha e afirma com convicção que Aljezur é a sua casa.

Tal como Bruno, também Anna foi uma das migrantes que veio para Portugal com o sonho da autossustentabilidade:

Estávamos aqui a tentar construir uma vida pioneira, tratar do jardim, viver sem água corrente em casa, tudo isso dava imenso trabalho. [...] Só tínhamos a luz das velas, e depois passámos a ter lâmpadas de petróleo e só depois de uns anos visitou-nos o meu cunhado americano e ofereceu-nos os primeiros painéis solares. Foi aí que tivemos a primeira lâmpada [risos]. Isso foram conquistas fantásticas na altura. (...) O M²¹. fazia questão de construir tudo à mão, rejeitava quaisquer máquinas. Ele serrava, punha buchas e perfurava - tudo sem eletricidade. Até os móveis fazia à mão e aquelas janelas ali, foi ele que as fez. Anna (1981)

Anna tinha tirado um curso de oleira e o plano inicial era montar uma olaria, enquanto o marido de Anna tinha sido capitão da marinha mercante, e o casal veio para Portugal com algumas poupanças. Compraram a casa, que na altura parecia mais uma ruína. “Eu de fora nem reconheci que era uma casa porque não tinha janelas”, afirma Anna. Montaram também a olaria e assim o casal viveu alguns anos das poupanças e da olaria, vendendo regularmente em feiras. No entanto, a longo prazo, a olaria não rendeu o suficiente para garantir o mínimo.

Por vezes atingíamos o limite do suportável, vivíamos no limiar do nível de subsistência – é óbvio que não era algo que desejássemos, mas, na verdade, até gostei de ter tido essa experiência, porque eu até venho de uma família boa em que isso nunca seria possível. E eu sempre tive a sensação de ser muito privilegiada, por isso também queria saber como é que era viver assim. Anna (1981)

No entanto, a longo prazo essa também não era alternativa e Anna começou a dar aulas. Foi através das aulas que foi convidada para participar num projeto de acompanhamento pedagógico de menores problemáticos, tendo tido a seu cargo um desses menores durante seis anos. Durante esses seis anos o acompanhamento do menor era o seu rendimento principal.

²¹ M., marido de Anna, tinha sido capitão da Marinha Mercante na Alemanha.

Analisando o discurso de Anna, torna-se visível que também ela teve de se sujeitar a negociações ao longo do seu percurso migratório. No entanto, estas negociações, apesar de crassas, nunca são expostas como algo insuportável ou que cause desagrado. Pelo contrário, depois da análise de várias entrevistas, torna-se nítido que quaisquer alterações ao plano previamente concebido são encaradas como sendo um desafio e como se fizessem parte do percurso.

É de referir também que tanto Bruno quanto Anna vieram para Portugal nos anos 80, antes da implementação da moeda única, o euro. Na altura, o marco alemão valia consideravelmente mais que o escudo português, o que concedia aos migrantes alemães um maior poder de compra e tinha vantagens económicas óbvias. Quase todos os entrevistados da T1 compraram casa ainda no primeiro ano após a sua chegada e, depois de garantirem a casa de família, a ideia inicial era viver conscientemente da forma mais simples possível, sem eletricidade, sem água corrente, se pudesse ser até sem dinheiro e simplesmente viver da troca, viver em comunidade. Os alimentos seriam plantados e colhidos por eles, os livros seriam lidos à luz das velas ou de lâmpadas de petróleo, a roupa seria lavada à mão, no rio – e até as obras ou remodelações que fossem necessárias seriam feitas todas com aparelhos não elétricos.

No entanto, isto não significa que todos os que vieram nos anos 80 perseguissem esta ideologia. Josef, por exemplo, já na Alemanha demonstrava grande espírito empreendedor e depois de um bar e outros projetos fundou, em 1989, uma das maiores e mais bem sucedidas empresas de energias renováveis em Portugal e tornou-se num empregador de renome em Aljezur.

Em contraste, alguns dos imigrantes, nomeadamente os espontâneos, responderam à questão sobre como tencionavam sobreviver no país de acolhimento ou se vieram com algum plano pré-estabelecido, com um encolher de ombros e um sorriso. Não havia ideia inicial, não havia planos alguns e o sorriso demonstrava que isso era exatamente o intuito do processo todo, não seguir um plano e deixar-se levar pelos acontecimentos.

Neste sentido, o caso de Sarah (2011) é interessante: De momento vivem da venda de pão tipicamente alemão. Aconteceu tudo assim, por acaso. Sarah nunca na vida tinha cozido um pão; porém, um dia conheceu uma mulher que cozia e vendia regularmente pão alemão em Aljezur e começou por a ajudar porque gostava

de fazer bolos. Mais tarde obtive a proposta de tomar conta do negócio e é o que faz, juntamente com o marido, até hoje. Sarah conta que a decisão foi tomada pensando, “porque não, não temos nada a perder, assim podemos ficar cá e ganhar algum dinheirinho”. Há lojas em Aljezur onde se vende este pão e todos os sábados Sarah vende no mercado dos agricultores. Não é um trabalho fácil e não é um rendimento exuberante mas chega para, na sua opinião, ser feliz.

Em ambos estes discursos, apesar de afastados em termos temporais, salienta-se uma nítida redução de exigências que parece estar inerente à adaptação à vida nova no país novo, e que, aparentemente, é aceite como se fizesse parte da “troca” de país. Neste caso, um nível de vida inferior, com uma redução dos bens materiais e das exigências de consumo aparentam funcionar como *pull-factors*. No fundo, estes migrantes estão precisamente à procura das consequências inerentes a uma mudança de meio (urbano-rural) e de país. São estas mudanças que lhes vão conferir a sensação de estar a viver um “nova” vida, uma “outra” vida.

De acordo com Eimermann, “post-migration ambivalence can give rise to a new decision process considering returning or a move elsewhere” (Eimermann, 2014: 60). Neste caso, contudo, muito poucos destes imigrantes pondera seriamente retornar ao país de origem ou mudar de país porque está descontente com a situação ou porque não se conseguiu adaptar. Benson (2011: 63) refere que a relação que os migrantes criam com o seu novo meio está intimamente ligada a um processo complexo de negociações entre o imaginário e a experiência vivida. De facto, qualquer dos percursos analisados ao longo deste estudo se caracteriza por eventos e acontecimentos inesperados que levaram a mudanças de planos e rumos.

O que Eimermann designa como *ambivalence*, no sentido em que a ambivalência simboliza a tensão que existe entre a realidade e a imaginação, não aparenta afetar a maior parte dos entrevistados deste estudo. Nota-se, pelo contrário, que existe a tendência de encarar estes imprevistos como algo que faz parte e que lhes é apresentado como um desafio e não como algo que vá descarrilar todo o percurso migratório. A mudança e a adaptação são processos contínuos que, de facto, foram postos à prova de forma extrema com a migração, mas que não cessam de existir ao longo de toda a vida. De facto, os entrevistados de Eimermann foram para a Suécia com ideias muito concretas, sobre salários, sobre trabalho –

imaginários construídos, sendo que a Suécia representa para os países do Norte da Europa, como Holanda e Alemanha, uma subida de nível de vida; em contrapartida, a maior parte dos migrantes que saíram da Alemanha para se radicarem em Aljezur procuraram a mudança para se libertarem exatamente dessas amarras consumistas. Apesar de que, de acordo com o INE²², a taxa de atração do concelho de Aljezur subiu de 2001 para 2011, o concelho continua a ser um dos concelhos com a menor taxa de emprego da população ativa do Algarve. Os atributos de Aljezur são outros. Tal como escreve José Carlos Vilhena Mesquita, um reconhecido historiador, ensaísta e escritor português, “apesar de Aljezur ser inquestionavelmente o último paraíso do Algarve não tenho dúvidas de que se trata de uma vila profundamente carenciada²³”. Segundo o autor,

(...) o povo de Aljezur (a par do de Alcoutim), foi sempre o mais esquecido do Algarve, diria até que o mais marginalizado pelos poderes político-administrativos de Faro e de Lisboa. Durante décadas consecutivas ignoraram a existência daquele povo, privando-o das estruturas básicas de desenvolvimento social.

Os migrantes que escolhem Aljezur como novo lar, optam viver conscientemente com menos privilégios económicos. O trunfo de Aljezur são as amenidades. Para citar de novo o autor português:

A pureza ambiental é a pedra filosofal de Aljezur. Paira no ar um silêncio saudável, uma reconfortante paz natural (...). É um recanto de rara sensibilidade poética, um lugar incomparavelmente único neste Algarve de praias saturadas de gente, de trânsito congestionado, de stressante convivência humana e de florestas de betão armado que nos esmagam o olhar.

Também o autor refere que “existe um outro Algarve” e com isso refere-se a Aljezur e à Costa Vicentina que, de facto, ainda tem para oferecer o que o resto do Algarve já desconhece: calma, sossego, pureza ambiental, praias desertas e tudo isto numa área com uma densidade populacional mínima.

A atratividade do concelho não passa despercebida aos residentes e aos que optam por cá residir e, além disso, traduz-se fisicamente nas receitas turísticas que,

22

http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_publicacao_det&contexto=pu&PUBLICACOESpub_boui=156657607&PUBLICACOESmodo=2&selTab=tab1&pcensos=61969554 (20.08.2016)

23 <https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/5359/1/Aljezur%20Um%20O%C3%A1sis%20no%20Turismo%20Algarvio.pdf> (20.08.2016)

de acordo com o portal Pordata²⁴, têm vindo a crescer gradualmente de ano para ano.

De outro modo, os planeadores, só depois de se apaixonarem por Portugal e por Aljezur e de tomarem a decisão de mudar de país, planearam a vinda com todo o cuidado, principalmente a nível financeiro. Na maior parte dos casos, o plano consistia em regressar à Alemanha para trabalhar, com o objetivo de poupar para comprar uma casa em Portugal e só depois se mudarem definitivamente. Felix (1999) fez como planeara; regressou para a Alemanha para trabalhar e em seguida concretizou o seu sonho da compra da casa:

Eu pensei assim: vou voltar [para a Alemanha] e trabalho muito, poupo dinheiro e volto para cá, compro uma casa com o dinheiro e ainda sobra tanto que não preciso de trabalhar. Obviamente que isso não funcionou. Felix (1999)

A determinada altura chegou o momento em que Felix teve de garantir a sua subsistência e de obter rendimentos. Juntamente com a namorada da altura, que era pedagoga social, pôs-se a hipótese de aceitarem o mesmo trabalho que também Anna referiu na sua entrevista, um “trabalho” que na altura era bastante comum entre os alemães: o acompanhamento pedagógico de jovens problemáticos.²⁵ São jovens que na Alemanha esgotaram todas as suas possibilidades. Quase todas já passaram por várias instituições e por vários tutores e confrontam-se com a prisão ou com a possibilidade de tentar uma ressocialização fora dos seus ambientes comuns, longe dos seus países e hábitos, nomeadamente em Portugal.

Felix, como muitos outros, rapidamente notou que este trabalho, apesar de aliciar com uma remuneração bem acima da média, não é um trabalho fácil, principalmente para alguém como ele, sem qualificações pedagógicas específicas.

O rapaz problemático passou a ser o nosso rendimento. Mas tudo só durou meio ano. Foi quando nitidamente cheguei aos meus limites com o rapaz. Ela [a namorada] era pedagoga social e sabia lidar com a situação, mas isso assim não é vida, com alguém assim na família. Felix (1999)

O acompanhamento pedagógico destes jovens e a inserção destes jovens nestas regiões rurais são vistos com um misto de cetismo e otimismo. De facto,

²⁴ <http://www.pordata.pt/DB/Municipios/Ambiente+de+Consulta/Tabela> (20.08.2016)

²⁵ <http://expresso.sapo.pt/actualidade/jovens-alemaes-em-risco-suicidam-se-em-portugal=f628602> (05.04.2016) <http://eapnimprensa.blogspot.pt/2011/02/13-instituicoes-recebem-jovens-alemaes.html>

depois de um recuo, hoje em dia regista-se um novo aumento de jovens e de pessoas envolvidas nestes projetos.

Depois do “trabalho” com o jovem, Felix foi subsistindo através de trabalhos ocasionais; porém, acrescenta que, no fundo, também não necessita de tanto dinheiro assim – entretanto trabalhou durante 13 anos para uma senhora de idade, a arranjar o jardim e fazer trabalhos diversos, o que lhe garantiu uma subsistência satisfatória. Adicionalmente optou por investir no mercado das energias renováveis e comprou o equipamento necessário para a produção de eletricidade e a consequente venda da mesma. De momento não sabe como vai continuar, dado que o trabalho da senhora de idade terminou – mas a ausência de trabalho não é algo que lhe cause um receio existencial, aparenta mais ser encarada como um caminho novo que se avizinha, algo desconhecido que está para vir, mas que é bem-vindo.

Principalmente nos migrantes que vieram nos últimos anos (T3), há casos em que a realização profissional e eventualmente também as exigências pessoais são mais elevadas; porém, é nitidamente visível que isto também tem a ver com a mudança global dos estilos de vida que subiram mais do que,, proporcionalmente o aumento do PIB²⁶.

Daniel, arquiteto de interiores, por sua vez, chegou em 2015 a Aljezur, com grandes planos. Concretiza projetos de remodelação de casas, isto é, investe em casas, modifica o *design* e decora a casa e os seus *designs* são em seguida publicados em revistas de *design* de interior conceituadas. A sua estadia em Aljezur é o seu trabalho.

Não obstante a localização geográfica de Aljezur e a riqueza em amenidades, um outro setor frequentemente explorado enquanto atividade laboral é o turismo. A Luísa estudou turismo e, tal como outros, aproveitou um dos principais setores económicos de Aljezur e montou uma escola de *surf*. Em Aljezur, o *surf* é, sem dúvida alguma, um imã cada vez mais forte e que, além disso, tem a característica de não ser um desporto sazonal. A comunidade do *surf* começou a crescer de forma alucinante na última década e até conseguiu repovoar áreas anteriormente quase desertas, como o Vale da Telha (cf. 3.5.). A proximidade do mar e eventualmente as características da infraestrutura daquela região (vivendas

26

https://www.destatis.de/EN/FactsFigures/SocietyState/IncomeConsumptionLivingConditions/IncomeReceiptsExpenditure/Tables/IncomeExpenditure_D.html (16.04.2016)

modernas que só eram usadas durante o verão) fizeram do Vale da Telha um lugar aliciante para esta nova comunidade de imigrantes. Obviamente que um crescimento tão acentuado de um só setor também traz aspetos negativos. Durante as entrevistas, aquando da pergunta “do que se gosta mais e menos em Aljezur” foi repetidamente referido pelos entrevistados que não praticam *surf* que o aumento estrondoso de escolas de *surf* nas praias é motivo de desagrado, pois o areal reservado aos banhistas é cada vez mais reduzido.

Marco (1989) e a sua parceira da altura também começaram por idealizar a sua existência apoiada no setor turístico e acabaram por concretizá-la, porém, com menos sucesso. Compraram um terreno onde basicamente a ideia era transformar a casa lá existente em restaurante e construir casas para alugar. Qualquer tipo de licença significava um esforço burocrático desmesurado. O facto de Aljezur estar inserido num parque natural traz consigo inúmeras limitações a nível de licenças de construção e habitação, o que em alguns dos casos leva à desistência de alguns destes projetos. Nestes casos há um redirecionamento involuntário que obriga a negociações dos imaginários prédefinidos. Depois da análise das entrevistas, nota-se que estes indivíduos, em contexto de migração, lidam surpreendentemente bem com obstáculos e redirecionamentos de trajetos anteriormente elaborados. Eventualmente este processo de descontextualização cultural e de identidade confere ao indivíduo uma força interior e uma tolerância maior para com imprevistos. De facto, e tal como foi mencionado no estudo de Sardinha (2011) sobre os migrantes no centro de Portugal, os problemas e obstáculos burocráticos foram mencionados por muitos dos imigrantes como maior causa de problemas e transtornos em toda a sua estadia em Portugal.

Outros, por sua vez, conseguiram continuar a trabalhar nas suas áreas de formação profissional. A Johanna, por exemplo, tinha tirado o curso de cabeleireira, a Bettina tinha tirado um curso de pintora e a Ada tinha tirado um curso de medicina. São trabalhos que em termos de execução não estão restritos a um determinado círculo cultural. Todas continuam a trabalhar nas suas áreas, de forma independente. Ada, por exemplo, não só foi, durante muito tempo, a única médica de medicina alternativa, como também se tornou na alternativa ao Centro de Saúde, isto é, ao Sistema Nacional de Saúde.

Outro caso interessante é o de Till²⁷. Till (1980) foi dos primeiros a estabelecer-se em Aljezur; começou por viver o sonho da autossustentabilidade previamente estabelecido. Quando se começou a aperceber, gradualmente, do número cada vez maior de alemães no concelho, começou a dar aulas de português aos alemães que cá chegavam e, desde então, tem permanecido em contacto com línguas e o trabalho em torno delas. Quando não dá aulas de português, traduz textos e documentos e, além disso, foi um dos fundadores da associação cultural, a Tertúlia. Adicionalmente, foi convidado pelo presidente da Câmara Municipal para fazer parte da Assembleia Municipal de Aljezur, sendo assim, juntamente com Marco, o único alemão da Assembleia. Till sublinha, porém, que continua a tentar não ocupar o tempo todo só com trabalho. O tempo é mais valioso que o trabalho e ele e a esposa, que também é alemã, optaram por ensinar o filho mais novo (9) pelo método de *homeshooling* sendo que os outros dois filhos, já mais velhos, frequentaram a escola portuguesa pública de Aljezur.

Till também reflete sobre as negociações a que se tiveram de submeter e conclui que a ideia inicial não foi concretizada:

Não foi possível concretizar a autossustentabilidade a 100% sendo que requer muita dedicação e trabalho, e de qualquer maneira é necessário ganhar dinheiro, sem dinheiro não dá e com crianças e tudo o resto ... portanto está tudo um pouco diferenciado, adaptado à realidade. Till (1980)

Mais uma vez, este excerto evidencia que são poucos os percursos que se desenvolvem de forma linear. Negociações e redirecionamentos fazem parte do processo migratório, tal como, na verdade, fazem parte de qualquer percurso de vida. Ainda assim, seria justificável questionar até que ponto estas negociações são acarretáveis sem que o migrante pondere regressar ao país de origem.

A questão da subsistência e do rendimento parece ser resolvida de forma tão heterogénea quanto os migrantes em si o são. A disponibilidade de se adaptar a situações inesperadas é uma característica transversal nestas entrevistas. Há que frisar, no entanto, que o trabalho e o dinheiro são, na grande maioria dos casos, temas secundários.

²⁷

<http://www.tsf.pt/vida/interior/calor-atrai-europeus-para-viver-em-portugal-3019507.html>
(10.06.2016)

Uma das questões que se levantam, principalmente quando se trata de uma migração que se desloca de um país mais desenvolvido para outro menos desenvolvido é a questão do retorno laboral.

Não é fácil tomar a decisão de deixar o país de origem e imergir de imediato e a 100% na sociedade de um novo país. Em alguns casos deste estudo, este é um processo de transição ao qual o migrante se vai habituando, muito de acordo com o seu grau de empenho. Aqui evidencia-se a ténue linha que separa o turismo da migração e que tem enriquecido tantos debates académicos na área da *lifestyle migration*. É difícil definir quando começa e acaba o turismo, sendo que uns referem que turismo tem de, por exemplo, situar-se num espaço temporal, com um retorno dentro de uma ano e sendo definido basicamente por tudo o que não representa, como por exemplo, trabalho, casa, etc. (O'Reilly, 2007: 144).

De facto, em contraste com os migrantes da T1 e T2, há alguns dos entrevistados da T3 que ainda retornam à Alemanha com regularidade e que são os que mais se encaixariam na definição de “turismo residencial”. São os migrantes que há menos tempo estão em Portugal e que ainda não cortaram todos os laços burocráticos com o país de origem e que, eventualmente, com a cada vez maior mobilidade, nem ponderam em cortar definitivamente esses laços. Vivem a maior parte do ano em Portugal, porém, obtêm a maior parte dos rendimentos na Alemanha.

Em seguida são apresentados três migrantes que se sustentam através de retorno laboral.

Urs (2013) tirou um curso superior de Desporto e, na Alemanha, trabalhava numa clínica direccionada para tratar de pacientes com problemas de costas. Urs trabalhava 10 a 12 horas por dia e ganhava relativamente bem. Além disso, viajou pelo mundo, viveu na África do Sul, nas ilhas Filipinas e acabou por vir para Aljezur aliciado por amigos surfistas e acabou por ficar também. Tem como objetivo principal levar uma vida tranquila, surfar e gozar a vida. Para financiar a sua vida em Portugal, continua a regressar à Alemanha durante os meses de inverno, para visitar amigos e família e para trabalhar na clínica em que trabalhava antes. Neste caso, a emigração aparenta ser um prolongamento das férias. Apesar de que Urs também já se está a esforçar para trabalhar na sua área em Aljezur, nitidamente o rendimento

maior ainda provém da Alemanha e Portugal é, tanto no imaginário como na realidade, um lugar para descansar e relaxar.

Kim (2012) vive nos montes de Aljezur com o marido e os quatro filhos. Até encontrarem Portugal, o casal passou por um processo de decisão algo complexo, sendo que o marido de Kim queria ir viver numa comunidade com características específicas, como por exemplo Damanhur²⁸ ou, em Portugal, Tamera, uma das maiores ecovilas do país, que se designa de *Centro Internacional de Pesquisa para a Paz*, sediado no Alentejo, no Sul de Portugal. Depois de algumas visitas a estas comunidades, Kim sentiu que ela não se encaixava na vida de comunidade e o casal optou por se estabelecer em Portugal. Uma das razões pelas quais o casal optou por Portugal é que se pode optar, por lei, pelo método de *homeschooling*. Assim, enquanto Kim cuida dos filhos e se responsabiliza pela educação dos mesmos, o marido regressa regularmente à Alemanha de forma a sustentar a família.

Sandra (2012) mudou-se para Portugal em 2012 e começou por trabalhar num *surf camp* em Aljezur. Na Alemanha tinha tirado o curso de Fisioterapeuta e rapidamente começou por dar massagens no *surf camp*. Mais tarde surgiu a oportunidade de cooperar com um estúdio de massagens e fisioterapia. Mesmo assim, durante a época baixa, Sandra trabalha na Áustria, numa estância de esqui. Isso não só lhe confere uma maior estabilidade financeira, como também lhe proporciona uma alternância bem-vinda à pouca movimentação que Aljezur tem nos meses de inverno. Ao mesmo tempo que mata saudades da cultura do norte da Europa, mata também saudades da paisagem do Norte, do inverno, da neve e das árvores, amenidades atípicas do Algarve.

À primeira vista poderá afirmar-se que o retorno laboral ainda se mantém devido a fatores temporais. Todos estes três indivíduos emigraram há menos de cinco anos e será de esperar que, numa fase inicial, a disposição para o retorno laboral seja maior. No entanto, há que referir que além do fator temporal parece existir também uma diferença de atitude, visto que, em contraste, grande parte dos entrevistados que vieram nos anos 80 (T1) tinham definido desde o princípio que iriam sair do país de origem e que iriam permanecer no país de acolhimento de forma permanente. Fecharam, metaforicamente falando, a porta da Alemanha quando saíram. No grupo da T3, que ainda só se estabeleceram em Portugal há

²⁸ <http://www.damanhur.org/en/what-is-damanhur> (10.02.2017)

relativamente pouco tempo, ainda existem laços estreitos e muitos dos imigrantes da T3 afirmam nas entrevistas que não sabem quanto tempo irão ficar, que ficarão enquanto se sentirem bem e que não se querem comprometer com um lugar. Com este discurso, atestam “a moda flexível” referida por O’Reilly.

4.4. Integrar ou não integrar?

Nesta secção iremos analisar os indicadores de integração previamente definidos. Como foi referido no capítulo sobre integração, estes migrantes não visam uma integração estrutural mas sim, em primeira linha, social.

O primeiro indicador a analisar é a língua, a importância que os entrevistados atribuem ao domínio da língua e a forma como lidam com a barreira linguística. De acordo com o Conselho Europeu, o indicador da língua é um indicador relativamente fácil de medir; no entanto, acrescento que carrega em si mais nuances do que a simples determinação do domínio. As entrevistas refletem sentimentos de culpa e de vergonha, tal como mecanismos de adaptação quando ainda não existe domínio suficiente para ser classificado. É também notório que nenhum dos migrantes, nem os da T1 que já estão há mais de 35 anos no país, optou por se nacionalizar em Portugal.

4.4.1 Língua

Os primeiros alemães que vieram para Aljezur estabeleceram-se muito pouco depois da revolução e encontraram uma população local quase dizimada, vítima do êxodo rural.

A quantidade de alemães em Aljezur proporciona a qualquer novo membro desta comunidade uma rede social heterogénea e um acesso direto, dentro da comunidade, a informações essenciais sobre qualquer tipo de obrigação institucional ou legal. Até nem é realmente imperativo falar português, poderse-ia sobreviver perfeitamente com o inglês e o alemão – o único senão é que dessa forma não haveria integração e interação linguística com o povo acolhedor. Felix exprime esta realidade nas suas próprias palavras:

Se não quiseses não precisas de falar português. Aqui podes sempre falar alemão, ou inglês, se quiseses. E isso é natural – no entanto, não sei ... – 90 % das portas permanecerão fechadas. Não terás acesso a essas portas. Felix (1999)

Felix menciona que haverá portas que permanecerão fechadas; no entanto, muitos dos migrantes movimentam-se em círculos quase exclusivamente alemães e o único contacto com portugueses é o contacto casual e superficial com vizinhos ou em espaços públicos, como o supermercado ou os correios. É um facto que, em Aljezur, até no supermercado ou nos correios se poderá ser atendido em inglês e que isto acontece com alguma naturalidade, pois Aljezur é um lugar de grande afluência turística.

Não obstante este facto, muitos dos entrevistados, nomeadamente os planeadores, decidiram ter aulas de português quando ainda estavam na Alemanha. A decisão de se mudarem para Portugal acarretava consigo um curso de português para garantir pelo menos o mínimo de comunicação. E, em muitos destes migrantes, este passo não foi só uma vontade inicial de se integrarem e de, por assim dizer, cumprirem a sua parte do “acordo bilateral”. Na verdade, este passo selou a decisão de encarar este movimento migratório em algo permanente e sério.

Marco (1989) foi um dos entrevistados que assim que tomou a decisão de emigrar voltou para a Alemanha e planeou os passos seguintes com prudência. Um dos objetivos era também aprender a língua e, portanto, frequentou, juntamente com a sua parceira da altura, um curso intensivo de português, para que já houvesse uma base linguística quando viessem. Marco afirma que depois de cá chegarem já entendiam bastante, mas que, ao contrário, os portugueses não os entendiam. Entretanto, o Marco teve muito contacto com portugueses, quer pelo trabalho no ramo da restauração ou pelo envolvimento político e apesar de afirmar que ele próprio não tem muito jeito para línguas e que já veio para cá muito tarde para dominar a língua perfeitamente, aprendeu de tal forma que foi escolhido pela coligação política CDU como candidato à presidência da Câmara Municipal de Aljezur e durante a campanha eleitoral teve de fazer inúmeros discursos, em português, em frente a público. Conseguiu, inclusive, arrecadar mais de 15% dos votos, o que para um candidato estrangeiro e para um partido que no período legislativo anterior não tinha ganho muitos votos, lhe indicou que o seu português não deveria estar assim tão carente.

Desta forma, Marco serve de exemplo tanto para o domínio da língua que lhe proporciona um maior envolvimento na sociedade de acolhimento, como pelo envolvimento político de migrantes dentro de uma sociedade estrangeira.

Para Urs (1999), a definição de integração parece estar estreitamente interligada com o domínio da língua, isto é, com a capacidade de comunicação verbal. Argumenta que não se sente integrado porque não fala a língua. A falta de domínio da língua pode resultar numa barreira que dificulta a integração. “Cultural proximity between the cultures of country of origin and receiving country – for instance a common language – will ease the socialization process. Cultural distance does not impede integration, but makes the learning and socialization process harder, and necessitates more effort.”²⁹

Quando Till (1980) decidiu que viria para Aljezur para seguir o sonho da autossustentência, paralelamente optou por frequentar cursos de português na Alemanha para já vir com uma base linguística que facilitasse o entendimento e a integração. Na altura, quando se estabeleceu, ainda não havia muitos alemães em Aljezur e quando notou que chegavam cada vez mais alemães decidiu começar a dar aulas de português. Assim foi aperfeiçoando o seu português e ao mesmo tempo contribuía para a melhor integração dos que se seguiam. Hoje em dia trabalha como tradutor e diz que domina o português bastante bem.

Este é um exemplo perfeito de como este tipo de migrante pode muito bem ser consumidor e produtor. Till soube aproveitar a situação e, ao mesmo tempo, proporcionar aos novos migrantes uma integração social de maior sucesso através da aquisição da língua.

A Laura, por exemplo, também tentou ter aulas, mas desistiu rapidamente. A desistência das aulas foi mencionada por vários entrevistados. Até no grupo de pessoas que já está em Portugal há mais de 15 anos ainda há alguns que dizem que conseguem ter uma conversa e de tratar de quase tudo a nível burocrático, mas que não conseguem seguir uma conversa quando falam muitos ao mesmo tempo, ou muito rápido, ou quando a conversa gira em torno de temas menos comuns, como por exemplo, notícias.

²⁹ Intpol Study - <http://www.efms.uni-bamberg.de/pdf/INTPOL%20Final%20Paper.pdf> pp.19 (23.08.2016)

Quando alguém fala comigo diretamente, consigo falar. E consigo ir à Câmara Municipal e fazer-me entender mas se estiver sentada numa mesa com muitas pessoas e eles todos começam a falar já não consigo seguir a conversa e fico só ali sentada, sem entender nada. Laura (2006):

O excerto de Laura demonstra como a língua é um fator de união. O não conhecimento da língua impede-a de participar na conversa e faz com que fique sentada “à parte”. Este sentimento e a não aquisição da língua, mesmo após de 15 anos de permanência, faz com que naturalmente as relações sociais se cinjam à comunidade estrangeira.

Alguns dos entrevistados frisaram uma forte vontade de aprender a língua e compararam a pouca empatia que têm perante imigrantes na Alemanha que não aprendem a língua com a forma como lidam com a sua própria situação, sendo que agora se veem na situação que anteriormente menosprezavam, em que eles próprios são os imigrantes que não aprendem a língua. Esta sensação, em alguns casos, dá lugar a um sentimento de vergonha e demonstra uma divergência interior entre o querer e o fazer. Como Lawson menciona (2017:60) “what migrants say they do or value is not always clearly reflected within their actions”.

Ludwig (2005) tinha sido político na Alemanha. Na altura era presidente da câmara de uma cidade alemã com cerca de 100 000 habitantes e relembra como uma das suas funções era alertar os imigrantes turcos para que teriam de aprender o alemão para se integrarem. De momento, ele encontra-se na situação inversa, num país estrangeiro, e não está a fazer o que sempre dizia aos outros para fazerem, usando como desculpa o argumento de que o seu “disco rígido” está estragado devido à idade.

Outros tentaram ter aulas de português depois de se estabelecerem em Portugal.

No ano passado, na primavera, tentei ter aulas [de português]. Comecei. Porque para mim é importante e também acho uma merda quando as pessoas estão na Alemanha há 10 anos e não falam alemão. Então tive 4-5 aulas com a N., mas simplesmente não estudava e isso constrangia-me, era aquela coisa tipo escola. Foi uma experiência amarga, senti que aquilo me rebaixava, porque me confrontava com a minha própria preguiça. (...) E agora vêm os turistas todos e eu só falo alemão e inglês, não preciso de mais – é isso que é bonito aqui. Urs (1999)

O discurso de Urs reflete a ambivalência entre o querer e o fazer. Mas, para além disso, demonstra que, no fundo, a consciência de que em Aljezur não é

necessariamente obrigatório aprender a língua e que isso é um fator positivo na vida em Aljezur.

Mas como lidam os portugueses com a língua estrangeira dos migrantes? Muitos dos entrevistados mencionaram que lhes parece que a maior parte dos portugueses em Aljezur estão habituados aos estrangeiros e ao turismo e até facilitam a comunicação ao optarem pela *lingua franca*, o inglês.

Anaís (2003) diz que:

(...) os portugueses sabem falar muito bem inglês e têm orgulho disso. Acontece-me frequentemente que começo a falar em português, mas eles [os portugueses] continuam a conversa em inglês. (...) Também já me aconteceu prejudicar-me com o meu próprio orgulho e querer fazer tudo em português. Fui a um mecânico e teimei em resolver tudo em português. Houve uma palavra ou outra que não entendi e por fim os senhores montaram uma peça no carro de que eu nem tinha noção que tínhamos falado daquela peça.

Outro aspeto interessante é como se lida com a língua do país de acolhimento quando se tem filhos e estes crescem num ambiente bilíngue. Os filhos frequentam a escola portuguesa e em casa falam alemão com os pais. De acordo com estudos sobre bilinguismo, as crianças de imigrantes geralmente preferem a língua do país de acolhimento porque simboliza a língua da comunidade. Como se gere este processo dentro do meio familiar, principalmente quando se começa a notar que os filhos têm a tendência de perder o domínio da língua de família e muitas vezes bloqueiam a aprendizagem de uma das línguas?

A maior parte dos entrevistados fala alemão com os filhos. Há, no entanto, um ou outro que, devido a parceiros portugueses, fala português com os filhos. À questão sobre se houve alguns esforços complementares para ensinar o alemão aos filhos, a maior parte respondeu que não. Verifica-se um grande interesse pela leitura, na maior parte dos casos, indicado pelos pais e que dá aos filhos uma boa base linguística no alemão.

Mais ou menos, a língua ensinou-se autonomamente porque não tínhamos televisão e as crianças liam imenso, livros alemães, liam tudo aquilo em que conseguiam por as mãos, mas na grande maioria alemão, também liam português, mas mais alemão e assim o alemão foi-se estabelecendo na língua falada e na escrita. Ada (1984)

Ada, que veio para Aljezur em 1984, é médica e também já tinha frequentado um curso de português antes de se mudar para Portugal, porém, afirma que só

aprendeu o português através do contacto regular com os seus pacientes. Segundo Ada, 50 % dos seus pacientes são portugueses e acrescenta que, dependendo de que tema se trata, até se exprime melhor que alguns portugueses, nomeadamente sobre temas específicos da sua área. Por outro lado, sobre outros temas, políticos, por exemplo, a proficiência linguística chega aos seus limites. Com as filhas sempre falou em alemão, mas nunca se teve de esforçar para ensinar o alemão escrito às filhas, sendo que não tinham televisão e as filhas liam imensos livros alemães. Esta foi uma forma de preservar a língua de família num meio de ensino autónomo e autodidata.

De uma forma geral, os pais transmitem aos filhos a língua materna e dão importância ao domínio do alemão, principalmente da língua falada. Apenas uma minoria dos pais se esforçou para ensinar aos filhos o alemão escrito, a maior parte dos pais argumentou dizendo que os filhos iriam aprender o alemão quando achassem necessário.

A Sarah (2011), por exemplo, fala inglês com o marido e com os filhos fala maioritariamente alemão. Os filhos falam alemão, inglês e português. Um dos filhos do casal frequentou um jardim de infância alternativo, em que o filho realmente não aprendia muito português porque a percentagem de crianças alemãs é muito elevada, de tal forma que a língua mais falada era o alemão. “Por isso optei por inscrevê-lo no jardim de infância português [do ensino público]”. Parece que o pequeno gosta de frequentar este jardim, não teve problemas de adaptação e entretanto, depois de um ano, já fala português e está, de acordo com a mãe, bem integrado.

4.4.2. Relações sociais

Migration to a country has the effect that the size and the composition of the population of the receiving country and society are changed and that the newcomers have to relate to the people and institutions that are already there, and vice versa.”³⁰

Qualquer tipo de imigração pressupõe um mínimo de contacto entre os dois grupos coexistentes. A questão que se põe aqui é que tipo de relação foi criada entre os migrantes e a população local e/ou portuguesa. Há amizades e

³⁰ Integration And Integration Policies - Imiscoe Network Feasibility Study - Efms Intpol Team
<http://www.efms.uni-bamberg.de/pdf/INTPOL%20Final%20Paper.pdf> (21.08.2016)

relações mais íntimas entre alemães e portugueses ou as relações existentes tendem a restringir-se a contactos superficiais? Da perspectiva dos alemães, como se classifica a dinâmica existente entre estes dois grupos?

Durante as entrevistas tornou-se evidente que as relações sociais dos imigrantes alemães são, na sua grande maioria, dentro da comunidade estrangeira. Há, como é evidente, contacto com portugueses, a nível profissional e também de amizade e de relacionamento amoroso. No entanto, as amizades mais íntimas são geralmente entre estrangeiros.

Amizades portuguesas acontecem mais assim de lado. Antigamente tinha mais contactos, mas a minha vida social agora é bastante restrita, porque vivo muito isolada aqui no monte.” Sobre a vivência entre alemães e portugueses diz que “há poucos pontos de contacto. Imagino que os portugueses olham para nós com um olhar cético, porque não sabem como nos categorizar. Anna (1980)

O discurso de Anna reflete que apesar de haver pontos de contacto, as relações não passam de contactos superficiais. A razão para isto pode ser, por um lado, o isolamento consciente pelo qual muitos dos migrantes optam, mas também, de acordo com Anna, um distanciamento por parte dos portugueses face à divergência cultural de ambas as comunidades. De facto, de acordo com a análise das entrevistas poderá dizer-se que a migração dos alemães se baseia numa abordagem multicultural, isto é, as culturas migrantes continuam a viver a sua identidade e cultura quase como se fosse no país de origem e consequentemente os pontos de contacto tornam-se mínimos.

Apesar de a segunda geração de migrantes alemães já apresentar um número elevado de relações amorosas entre portugueses e alemães, também há casos em que os migrantes da primeira geração têm parceiros portugueses.

A maior parte dos amigos de Bettina (1992) são alemães e ela própria admite que nunca aprendeu a língua corretamente; contudo, o seu parceiro de longa data é português. Outro dos entrevistados, Jonas (1994), é viúvo e esteve casado durante 17 anos com uma mulher portuguesa que, inclusive, lhe ensinou o português e muito sobre os costumes portugueses. Devido ao facto de que, num contexto familiar, Jonas falava português com a esposa, hoje em dia fala maioritariamente português com o filho. Nestes casos, regista-se uma interação entre as duas comunidades.

Interaction is a case of social action characterized by mutual orientations of actors and the formation of relations and networks.

Examples of social integration via interaction would be the establishment of friendships, of love or of marriage relations, or generally of membership in primary groups.³¹

Sobre a vivência entre alemães e portugueses em Aljezur, Bettina diz que ambas as partes vivem juntas porque têm de viver juntas, alguns dão-se bem, outros menos bem. Tem a sensação de que os portugueses acham, por um lado, que os alemães têm todos dinheiro, mas que, por outro, são todos “camones” e que principalmente nos anos 90, os alemães em Aljezur só bebiam e, obviamente, que os portugueses não gostavam disso. Há portanto uma autoconsciencialização das razões que eventualmente levam ao distanciamento entre as duas comunidades, mas não há uma evidência de um esforço proativo para mudar algo nesta situação.

Beatrix tem cerca de 80% de clientes portugueses na clínica de homeopatia e tem um contacto mais próximo com portugueses maioritariamente porque uma das suas filhas está casada com um português:

É lógico que através das crianças conhecemos portugueses. Uma das minhas filhas já está junta com um português há 12 anos e agora também tem um filho com ele. E é óbvio que temos contacto com eles, também com a família, mas não diria que estamos propriamente integrados. Mas acho que isso é mais culpa nossa – tenho a certeza absoluta de que isso é culpa nossa, porque nós não estamos ao mesmo nível que eles, estamos noutra nível, temos outros interesses, falamos sobre outros assuntos. Beatrix (1981)

Mais uma vez, a divergência cultural é mencionada como um dos fatores que impede um relacionamento mais próximo entre portugueses e alemães. Há que ter em conta que a maior parte dos alemães que veio para cá tinha terminado o ensino superior e inseriu-se num meio rural com uma taxa de analfabetismo alta. De acordo com o Portal Podata³², nos anos 80, a taxa de analfabetismo em Portugal atingia os 18,6%, sendo que em 2011 diminuiu para 5,2%.

Em alguns dos discursos nota-se que é feita a distinção entre os portugueses locais e os portugueses das maiores cidades, como Lisboa e Porto. De acordo com os entrevistados, a diferença entre os autóctones e os portugueses de Lisboa e do Porto é significativa e é notória nos temas de conversa e na abertura de mente,

³¹ <http://www.efms.uni-bamberg.de/pdf/INTPOL%20Final%20Paper.pdf> pp.9 (25.08.2016)

³² <http://www.podata.pt/Portugal/Taxa+de+analfabetismo+segundo+os+Censos+total+e+por+sexo-2517> (21.08.2016)

sendo que há um contacto intelectualmente mais semelhante com os portugueses de Lisboa e Porto.

Sinceramente, tenho que dizer que também tenho pacientes que vêm de Lisboa. Vêm esporadicamente, de quatro em quatro meses, por aí. E com eles já é totalmente diferente. Também estão na casa dos 30, 40 (...) e já dá para notar que estamos mais em sintonia, entendes? Dá para trocar impressões, dá para ter conversas. Beatrix (1981)

Nitidamente, nestes casos evidencia-se um grau maior de identificação do que com a comunidade autóctone. A identificação com um grupo leva à integração social dentro da comunidade.

Identification as a dimension of social integration indicates the identification of an actor with a social system by which he sees himself as an element of a collective body. Identification has cognitive and emotional sides and results in a “we - feeling” towards a group or collective.³³

Nos migrantes da T3, inseridos na comunidade do *surf*, o contacto com portugueses de Lisboa e Porto é mais frequente, uma vez que todos eles estão unidos pelo interesse numa atividade em comum – o *surf*.. Há, de facto, uma grande comunidade de portugueses, do Porto e de Lisboa, que também optaram por viver em Aljezur.

Eu conheço bastantes portugueses e tenho amigos portugueses cá, mas a grande maioria são do Porto, há muitos do Porto aqui, que também imigraram para cá. Mas portugueses mesmo de cá, será que algum deles é de cá....? Teria de pensar e perguntar a eles, porque realmente a grande maioria é do norte. Sandra (2012)

Tenho muitos amigos cá, principalmente alemães, mas também ingleses e também portugueses, alguns amigos de Lisboa e do Porto. Luísa (2005)

De todos os entrevistados só um mencionou que tem mais amigos portugueses que alemães. Analisando o percurso de Marco (1989) poderá assumir-se que, em parte, a sua integração está intimamente interligada com sua vida ativa no meio político. Já na Alemanha, Marco fazia parte do Partido Comunista e assim que veio para Portugal inscreveu-se no Partido Comunista Português. Isto não só lhe proporcionou um contacto intenso com portugueses, como também uma troca de ideias e valores. Além do mais, tem uma namorada portuguesa e um sócio português. Em contraste com o estudo de Janoschka e Haas (2013) sobre a

³³ <http://www.efms.uni-bamberg.de/pdf/INTPOL%20Final%20Paper.pdf> pp.9 (25.08.2016)

participação política de migrantes em Alicante, o número de migrantes alemães em Aljezur é muitíssimo mais baixo. Desta forma, a participação política de Marco ganha um estatuto especial tendo em conta que é um caso singular em Aljezur e possivelmente tem mais a ver com a orientação pessoal (e política) do migrante do que necessariamente com a necessidade de haver participação política por parte dos migrantes devido ao elevado número de reinvidicações e/ou exigências que possam existir dentro da comunidade migrante. Mesmo assim, pode ser considerado como um indicador de integração e, adicionalmente, abre portas à possibilidade de uma maior participação política de migrantes no futuro.

4.4.3. A integração pessoal e a coletiva

No âmbito da entrevista e deste subtítulo foram colocadas duas questões pertinentes aos imigrantes. Por um lado, se acham que estão integrados e o que para eles significa estar integrado e, por outro, se acham que os outros alemães estão integrados.

Apesar da subjetividade das respostas dos entrevistados, a imagem traçada não perde a sua importância, muito pelo contrário, serve como indicador de integração na medida em que confere uma ideia geral das atitudes e dos sentimentos dos migrantes perante esta questão. No fundo, um migrante poderá satisfazer vários indicadores de integração e mesmo assim não se sentir integrado, ou vice-versa.

Uma das respostas mais comuns, principalmente na T3, é que estão integrados, mas não na comunidade local – estão integrados numa comunidade paralela, na comunidade de estrangeiros – de “Ex-pats”.

Mais ou menos, sinto-me integrada numa comunidade da qual tenho consciência que é uma comunidade de *Ex-pats*. E sim, agora já me sinto integrada nessa comunidade. Mas obviamente que essa não é a comunidade portuguesa. Jana (2014)

No discurso de Jana evidencia-se a consciência de que existe uma diferença entre a integração numa comunidade paralela da integração na comunidade de acolhimento, mas que essa diferença não prejudica a sua própria noção de estar integrada. Tal como foi referido antes, numa região turística em que vive um elevado número de estrangeiros a integração na comunidade autóctone não é vista como

uma necessidade premente. Desde que haja identificação e interação com indivíduos, há uma base social que permite o migrante sentir-se parte de um determinado grupo. Isto vai ao encontro do conceito de multiculturalismo, ao invés dos conceitos de aculturação e assimilação.

Na T1 e T2 as opiniões sobre integração divergem e sublinham a subjetividade do conceito. Nota-se que a definição de integração é um tema ambivalente e que suscita dúvidas. Em parte, a resposta inicial é anulada após uma análise mais profunda:

Não, de modo algum [risos]. Não ... digamos que talvez me esteja a exprimir mal. Tenho mesmo a sensação que tem a ver comigo. As pessoas conhecem-me e vêm falar comigo e sabem o meu nome e tal, não há nada de negativo, digamos assim, mas não se tem amizades mais íntimas com eles [os portugueses] – com nenhum.
Beatrix (1981)

Felix, por exemplo, menciona que o seu telefone não toca muitas vezes e portanto, numa primeira resposta afirma que não está realmente integrado – porém, ao analisar a sua vida social e o leque de amigos e os contactos que tem, afirma que sim, afinal está integrado, principalmente quando se compara com os outros migrantes que não estão minimamente integrados, aqueles que, como ele diz, vivem numa vida paralela.

Nota-se nestes discursos que há uma diferenciação interna entre os migrantes que é, em parte, baseada na proficiência linguística e na atitude perante a integração:

Não, a maior parte [dos alemães] não está integrada. Estar integrado para mim significa, em primeira linha, falar a língua pelo menos assim que dê para comunicar sobre temas do quotidiano, isso é muito importante e depois também é importante que as pessoas se consciencializem de que estão a vir para cá e que se tem de ter em atenção como é que as coisas aqui funcionam e só depois entrar em ação. Muitas vezes acontece o contrário: muitas das pessoas vêm para cá com ideias pré-concebidas sobre como é a vida no Sul e quando depois a realidade não corresponde, há a tendência de resmungar e eu sinto-me constrangida quando estou presente nessas situações. Ada (1984)

Ada menciona que sente algo como vergonha alheia quando observa a falta de tato dos outros migrantes ao tentarem impingir os seus imaginários à realidade. Esta diferenciação interna entre migrantes faz com que se formem grupos distintos

dentro da comunidade estrangeira com base na atitude que têm perante a integração.

Para Marco, uma integração bem sucedida tem a ver também com o conhecimento e o interesse demonstrado pelo país e pela história do mesmo. Tendo em conta que Marco se interessa intensamente por História e por Política, usa essa sua própria faceta para o diferenciar de outros:

Não posso dizer que a maioria dos que vieram depois de 1989 estejam integrados. E muitas das vezes tenho a sensação de que nem existe um grande interesse em fazê-lo. Tanto poderiam ter a casa na África do Sul, o mais importante é que haja sol. Não vejo praticamente ninguém a interessar-se pela História do país, ou por questões arqueológicas – ou sobre o que se passa na vila. Marco (1989)

Além disso, Marco diferencia entre os que vieram antes de 1989, o ano em que ele emigrou para Portugal, e os outros que vieram a seguir. Este discurso demonstra como há a tendência de medir e analisar a atitude do outro com base na sua própria pessoa e/ou comportamento.

Alguns dos entrevistados definiram o seu nível de integração através do contacto direto e amigável com autoridades, como por exemplo o Presidente da Câmara. Esta definição de integração está interligada com uma sensação de aceitação dentro da comunidade de acolhimento.

O Stefan mudou-se para Lisboa aos 23 anos, em 1992, com o objetivo de estudar numa escola circense. Entretanto, mudou-se e já vive em Aljezur há uns anos. Stefan trabalha como palhaço profissional, atua em festivais de rua no mundo todo e empenha-se ativamente em projetos de teatro e de animação sociocultural, principalmente aqui em Portugal e mais concretamente em Lagos e Aljezur. Através do seu trabalho tem constantemente contacto direto com entidades oficiais e autoridades e é em Aljezur que se sente em casa.

Acho que realmente nunca me senti tão acolhido numa comunidade como aqui em Aljezur. Quando encontro o Presidente da Câmara na rua damos um aperto de mão e conversamos. Stefan (1992)

Stefan menciona também o orgulho que sente quando por vezes é convidado para animar um casamento:

Por vezes trabalho em eventos privados – fiz mesmo muitos casamentos (...) e isso para mim é um orgulho enorme, poder atuar num casamento de portugueses. Isso para mim também é integração. É óbvio que eu sou estrangeiro e é a festa de

família deles e eles convidam-me a mim (...). E estão 400 convidados no casamento e eu sou o único estrangeiro e a esse estrangeiro eles dizem, és tu, podes atuar aqui, nós confiamos em ti e integramos-te na nossa festa de família. É um orgulho imenso.

Till (1980) também diz que se sente integrado. Além de ele próprio ser uma mais valia para a integração dos estrangeiros, por dar aulas de português aos alemães, diz que se sente integrado porque conhece imensas pessoas e muitas pessoas o conhecem a ele. Além do mais, foi convidado pelo Presidente da Câmara para participar da Assembleia Municipal e fundou, juntamente com Max (1984), uma associação sociocultural, a Tertúlia – que basicamente nasceu do sonho de unir a comunidade alemã à população portuguesa. Till entretanto já não está ativo na associação. Ainda assim, o seu envolvimento na sociedade civil pode ser também identificado como indicador de integração. A associação Tertúlia é uma associação cuja maioria de membros são estrangeiros; contudo, durante as entrevistas muitos já nem se lembravam de que lá eram sócios ou realçaram que só são sócios mas não participam ativamente. Uma das entrevistadas mencionou que se tornou sócia porque teve a possibilidade de pedir emprestadas cadeiras para um evento. De acordo com o Conselho Europeu³⁴, a inscrição de migrantes em associações com uma maioria de membros migrantes não pode ser considerada como indicador de integração, sendo que poderá servir mais para objetivos pessoais do migrante do que para a associação em si.

Alguns dos entrevistados, nomeadamente dos que já cá estão há mais tempo, mencionaram a sensação de que, apesar de amavelmente aceites na comunidade, nunca perderam a sensação de serem estrangeiros. Como se houvesse sempre algo, uma barreira que os separa, uma barreira dificilmente delimitável, algo cultural.

Josef (1980) foi um dos primeiros a chegar a Aljezur e sente-se integrado, mas afirma que teve a experiência de que, no fundo, “somos só estrangeiros e ainda somos estrangeiros, apesar de que hoje tudo se passa num outro patamar, num outro nível”.

Anna, que vive em Portugal há 35 anos, também refere que nota constantemente que é estrangeira. “Não se é privilegiado como se fosse uma

³⁴http://www.coe.int/t/dg3/migration/archives/documentation/Series_Community_Relations/Measurement_indicators_integration_en.pdf (23.08.2016)

portuguesa local, mas sim, geralmente se é tratado como estrangeiro e aí sim, é notório que não estamos completamente integrados”.

De acordo com um estudo da Intpol Team sobre Integration e Integration Policies³⁵,

(...) integration is a two way process. This is not only a moral or political claim, but a social reality. The “openness” of the receiving society is a necessary precondition for the Integration of immigrants. Thus integration research must not only be on immigrants, but also on natives and the openness of their institutions.

Desta forma, apesar de ser, em primeira linha, uma condição imperativa que a comunidade migrante demonstre vontade de se integrar, há também a comunidade de acolhimento que tem de estar disposta a integrar.

In order for successful integration to take place, certain wider conditions need to be in place; in other words, for the migrants to become part of the local community relies, in part, on the response of that community (Benson, 2011a: 62).

É principalmente no contexto de contacto com autoridades burocráticas que surge a ideia de que a integração não é algo facilmente exequível.

De uma outra perspetiva, foi analisado o que os alemães acham dos portugueses e vice-versa, o que os alemães pensam que os portugueses acham deles. Estes excertos sublinham o já referido distanciamento e concede uma imagem das razões que, de acordo com os migrantes, levam a esse distanciamento.

De uma forma geral, os portugueses são vistos pelos migrantes alemães em Aljezur como um povo “discreto, aberto, amável e prestável”, que aparenta ter algumas tendências melancólicas e que poderiam e deveriam ter mais autoconfiança do que a que demonstram. Mais uma vez, foram salientadas comparações com os espanhóis, argumentando que os portugueses são mais calmos, menos barulhentos, mais cuidadosos e menos arrogantes que os espanhóis - e que aqui “nos deixam viver em paz”. Os alemães acham que os portugueses são “um povo tolerante e que, a par de poucas exceções, é muito aberto em relação a estrangeiros”. “Assim que está alguém presente que não fala português, eles falam logo inglês. Nota-se que há uma grande disponibilidade de aceitar os estrangeiros”.

³⁵ <http://www.efms.uni-bamberg.de/pdf/INTPOL%20Final%20Paper.pdf> pp.14 (23.08.2016)

Eu acho que somos nós que temos de induzir o contacto e de aprender a lidar com eles. Eu, por exemplo notei que eles gostam quando dizem “bom dia” e “boa tarde, ou quando mencionamos o nome, apesar de que, quando entro na Câmara [Municipal] ninguém responde quando digo “bom dia”. Isso irrita-me. (...) Mas eles são muito prestáveis, o problema é quando queremos reivindicar algo – direitos – acho que dessa forma não se alcança nada cá. Lena (1982)

Mas como se sentem os alemães aos olhos dos portugueses? De uma forma geral, os alemães pensam que os portugueses olham para eles de uma forma cética. Alguns têm a sensação de que os portugueses não gostam muito dos alemães porque incorporam uma forma de estar e viver diferente, uma maneira de vestir diferente. Outros acham que os portugueses têm a sensação de que os alemães são abastados e que “já não deviam fazer nada, a não ser gastar dinheiro”. “Eu acho que eles acham que nós somos malucos”. Aqui a entrevistada refere-se à divergência entre a forma de viver e de vestir dos migrantes da T1 e T2 em relação com a população autóctone.

Estes discursos refletem que existe uma grande diferença entre o que os alemães pensam dos portugueses e o que eles acham que os portugueses pensam deles. É evidente que neste contexto seria interessante incluir o discurso dos portugueses. Tal como já foi referido anteriormente (Benson, 2015), o estudo da migração tem a tendência a focar-se muito no migrante e no processo de migração e de esquecer de incluir a perspetiva dos autóctones e da comunidade de acolhimento em geral. De certa forma, as duas imagens traçadas nestes discursos não harmonizam. Por um lado, os portugueses são vistos como um povo “aberto e amável”, “disponível para estrangeiros”, mas por outro lado, os alemães sentem-se olhados de lado. De facto, o aspeto exterior, a forma de vestir e de viver são mencionados como causa deste ceticismo por parte dos portugueses e poderá causar algum incómodo numa sociedade portuguesa rural.

A divergência cultural anteriormente mencionada, em combinação com estes fatores superficiais leva a um distanciamento notório entre as comunidades e poderá concluir-se que os alemães residem em Aljezur, de uma forma geral, dentro de uma comunidade paralela. Em contraste ao que Benson (2011a) refere, que os migrantes ingleses na França passam por profundas negociações quando finalmente vivem no local e notam que as relações sociais são mais complexas que anteriormente imaginadas, o desejo consciente de isolamento faz com que o grupo estudado no

presente trabalho encare o contacto superficial mas simpático com a população acolhedora como algo natural. Desta forma, não há indícios de grandes negociações ou esforços sistemáticos para alcançar aceitação ou integração dentro da estrutura social autóctone. Na verdade, não parece que seja algo de extrema importância para o emigrante e, por outro lado, não há indícios de tensões notórias entre as duas comunidades.

5. Conclusão

Apesar de a *lifestyle migration* enquanto fenómeno social ainda estar pouco estudada em Portugal, não é possível ignorar que certas regiões do país aparentam ser especialmente atraentes para emigrantes oriundos do norte da Europa. No seu estudo sobre o interior e centro de Portugal, vitimizado pelo êxodo rural, Sardinha (2015) apresenta um grupo de *lifestyle migrants* que, no idílio rural, encontram a possibilidade de se autoconcretizarem longe da civilização e do consumo, em parte atraídos pelos preços imobiliários acessíveis e pela autenticidade que o contacto com a natureza e o contacto com a simplicidade do povo português lhes confere. Torkington (2010), por sua vez, estudou os *lifestyle migrants* que se estabeleceram no sul do Algarve, caracterizando-os como indivíduos, na sua grande maioria reformados e inseridos em grupos homogéneos, atraídos pela idealização de férias prolongadas que o Algarve oferece, com os seus condomínios e hotéis e uma infraestrutura adaptada ao turista.

O presente trabalho debruçou-se sobre emigrantes alemães em Aljezur, um concelho da costa sudoeste de Portugal, inserido num parque natural e que se distingue significativamente, não só em termos geográficos, como também urbanos, da restante costa algarvia. Aljezur é, a nível nacional, o concelho com o maior número de estrangeiros residentes, sendo a maior parte deles oriunda do norte da Europa. Isto faz de Aljezur uma região importante para o estudo da *lifestyle migration* em Portugal e, como tal, serviu de ponto de partida para este estudo. O objetivo deste estudo foi traçar uma imagem do migrante alemão em Aljezur. Num primeiro ponto, foi analisada a corrente migratória, nomeadamente, como optaram pelo lugar, como se desenvolveu a corrente, quais foram as motivações e as negociações necessárias para concretizar a migração e, num segundo ponto, foi analisada a integração e a noção de integração desta comunidade.

Para responder à questão da decisão do lugar argumentámos que são as amenidades que desempenham o papel principal. O sol, o mar e a luz são as razões mais comuns para justificar a escolha do lugar. Adicionalmente, Aljezur une em si as características correspondentes às três categorias definidas por Benson e O'Reilly (2009b): o *Rural Idyll*, o *Coastal Retreat* e o *Bohemian Bourgoise*. A natureza intocada correspondente ao idílio rural, a proximidade do mar característica do *coastal retreat* e, de acordo com a orientação do migrante, pode também satisfazer

as necessidades culturais da categoria do *bohemian bourgoise*. Por outro lado, os emigrantes veem em Aljezur, e mais concretamente em Portugal, um país seguro e, em comparação a Espanha, um país mais calmo e sossegado que, com estas características, vai mais ao encontro do que procuravam. Argumentámos que, em parte, é esta diversidade de cenários que faz com que Aljezur atraia migrantes igualmente diversificados.

Para melhor definir esta diversidade foi criada uma tipologia que se orienta, em primeiro lugar, pelo fator temporal e, em segundo lugar, pelas motivações que levaram os migrantes a emigrar. Assim, os migrantes da T1 são os ideologistas. Muitos destes migrantes vieram para Portugal ainda antes da entrada do país na UE, estavam insatisfeitos na Alemanha e procuravam um lugar específico para concretizarem as suas ideias antiurbanas, anticonsumistas e antimodernas. Tinham motivações políticas, ecológicas, sociais. Estes migrantes refutam a ideia de que os *lifestyle migrants* optam por viver em países de economia mais fraca para usufruírem de um poder económico maior, trocando conscientemente um estilo de vida elevado por um quase arcaico, sem eletricidade ou saneamento. Os migrantes da T2 são os despreocupados; conheceram Aljezur num contexto de férias e foram permanecendo sem pensar muito no desenrolar do processo. Para muitos, a migração representa uma forma de escape sem conexões profundas. Os migrantes da T3 são os surfistas, quase todos motivados pelo *surf*, baseiam as suas decisões no sentimento e espelham a cada vez maior mobilidade característica da atualidade, deslocando-se muitos deles com frequência entre a Alemanha e Portugal. Os emigrantes da T3 são pessoas urbanas à procura de ondas e de sossego que permanecem enquanto se sentirem bem.

Analisando a forma como o processo de migração se desenvolveu e como os migrantes tomavam decisões ou lidavam com situações inesperadas, este trabalho argumenta que, tal como Eimermann (2014) tinha referido, há dois tipos de emigrantes: os planeadores e os espontâneos. Alguns dos emigrantes planearam a migração meticulosamente, enquanto outros nem queriam necessariamente emigrar e foram simplesmente agarrando as oportunidades e os imprevistos que lhes eram apresentados. Estas duas características atravessam os percursos dos emigrantes de forma transversal. Geralmente é o emigrante espontâneo que planeia menos, lida melhor com negociações, sofre menos com imprevistos, integra-se menos e também

se sente menos ligado e unido ao lugar. Para os planeadores todo o processo é de extrema importância, imprevistos podem causar desconforto, há renegociações dos imaginários quando a realidade não corresponde, mas sentem que é importante integrarem-se, fazer parte da comunidade, tiraram cursos de língua portuguesa e muitos deles querem permanecer no lugar, não são tão aventureiros e desligados como os espontâneos.

Outro aspeto recorrente é o da *countryside solitude*, um termo usado por Sardinha. Tendo em conta que a maior parte dos migrantes se deslocou de um meio urbano para um meio rural, a vida na *countryside solitude* é um dos imaginários repetidamente referido pelos entrevistados. É o “viver em paz” que está no topo da lista destes emigrantes. Não há uma vontade explícita de querer pertencer a algo, quer seja a comunidade acolhedora ou a comunidade alemã, inglesa ou, digamos, a comunidade paralela. Não quer dizer que estes migrantes não queiram ou precisem de contactos alguns; porém, não estão dependentes de contactos ou da aceitação dentro de uma comunidade. Este distanciamento por vezes até é dirigido especificamente ao grupo dos outros alemães, que de alguma forma serve para criar mecanismos de diferenciação uns dos outros. Não só, mas especialmente no contexto de integração, os emigrantes usam a sua própria noção de integração para se diferenciarem dos outros alemães, que não se integram ou que nem tentam. Esta diferenciação e o distanciamento interno refletem-se até na dispersão geográfica dos emigrantes pelo concelho. Os alemães da T1 residem maioritariamente no interior do concelho, os da T3 vivem no litoral, enquanto os da T2 se dispersam mais.

No que diz respeito à forma como esta corrente migratória se desenvolveu, este trabalho argumenta que a migração para Aljezur foi impulsionada por *feedback*; pelo menos metade dos migrantes vieram porque alguém lhes contou de Aljezur, amigos, amigos de amigos, anúncios em jornais, relatos de desconhecidos. Isto, por outro lado, também faz com que a rede social se desenvolva de forma mais coesa e unida. A afirmação “se não quiseses, nem é preciso falar português” reflete perfeitamente a possibilidade que a rede social de alemães existentes neste concelho oferece a um recém-chegado.

Este estudo conclui que a noção de integração tem mais um peso moral que um peso propriamente dito, o que cria incoerências entre o que o emigrante quer e sabe que deveria fazer e o que ele realmente faz. Isto é, o emigrante demonstra

sentimentos de culpa pela falta de integração mas não demonstra esforços evidentes para a concretização da mesma. No entanto, apesar da integração social aparentemente ser escassa e os contactos com a comunidade acolhedora só superficiais, não há indícios de tensões significativas entre os dois grupos e não há evidências de que a falta de integração social seja encarada como um problema maior. Os alemães sentem-se bem no seio dos portugueses, com liberdade de se autoconcretizarem. Reconhecem que os portugueses são um povo calmo, simpático e tolerante. Sentem, por vezes, que são olhados de forma cética, mas geralmente conferem a “culpa” a eles próprios, por não se integrarem mais, por serem diferentes. Sentem uma grande lacuna cultural, não só devido à diferença de culturas, como também devido à diferença de interesses e de educação. No entanto, isto é algo que se aceita, não é algo que crie atritos. Tal como Lawson (2017:65) registou, “for those living a self-sufficient lifestyle in the mountains, integration maybe more about a feeling of acceptance by the community, and perhaps even a life embedded in the landscape”. De facto, esta definição vai ao encontro daquilo que os emigrantes transmitiram. O contacto com a natureza tem um peso extremamente importante, neste caso, até mais importante do que a integração a nível social. No contexto deste trabalho, argumentámos que no caso dos alemães em Aljezur, a pouca integração, quer a nível linguístico, quer a nível social, não é considerada como um fator impeditivo de coexistência harmoniosa e de respeito mútuo.

Para finalizar, a maior parte dos estudos da *lifestyle migration* analisam a perspectiva do migrante. Quero frisar que, para melhor compreendermos este fenómeno e o real impacto que ele tem na sociedade, será necessário ter em conta também a perspetiva da sociedade de acolhimento (Benson 2011). Só com estes dados poderemos avaliar esta migração de forma transversal e assertiva. Recomenda-se um estudo que analise a perspetiva da comunidade de acolhimento, nomeadamente o que os portugueses acham dos alemães, como se sentem com um número tão elevado de alemães na sua comunidade, mas também analisar o impacto (económico, urbano, cultural) que estes *lifestyle migrants* têm nos lugar onde se estabelecem.

Outro ponto de interesse seria analisar as razões que levaram a migração alemã a diminuir e a inglesa a aumentar. Alguns dos entrevistados mencionaram que a entrada de Portugal na UE (1986) mudou Portugal de forma a que já não

correspondia aos imaginários construídos. Assim sendo, o que tornou Portugal mais atraente para *labour migrants* poderá ter tornado Portugal menos atraente para *lifestyle migrants*. Será esta uma das razões ou será que as redes sociais inglesas estão mais desenvolvidas, o *feedback* inglês funciona melhor?

A *lifestyle migration*, enquanto objeto de estudo ainda relativamente recente vai ganhando cor e forma com cada estudo terminado. Os americanos no México, os ingleses na França, os ocidentais na Índia, os japoneses na Austrália, cada trabalho enriquece o estudo deste fenómeno com a definição de hipóteses e a formulação de resultados, sendo que haverá sempre alguns denominadores comuns e outros tantos fatores que os fazem divergir uns dos outros. Nesta panóplia de estudos, este trabalho serve de contributo académico que reflete a diversidade existente dentro do contexto da *lifestyle migration* e a complexidade dos padrões da migração alemã em Aljezur.

6. Bibliografia

- Amelina, A.; Horvath, K. and Meeus, B. (2016) Migration and Social Transformation: Interdisciplinary Insights and European Perspectives in An Anthology of Migration and SocialTransformation. Springer International Publishing Switzerland
- Bakewell, O.; de Haas, H.; Kubal, A. (2011) Migration systems, pioneers and the role of agency, NORFACE MIGRATION, Discussion Paper No. 2011-23 http://www.norface-migration.org/publ_uploads/NDP_23_11.pdf - 23.10.2016)
- Bakewell, O.; Jolivet, D.; (2015) Broadcast feedback as causal mechanisms for migration. Working Papers, Paper 113, International Migration Institut. University of Oxford.
- Bakewell, O.; Kubal, A.; Pereira, S. (2016) Introduction: Feedback in Migration Processes in Beyond Networks: Feedback in International Migration. Bakewell, O.; Engbersen, G.; Fonseca, M.; Horst, C. (Edt.), Palgrave Macmillan, UK.
- Beck-Gernsheim, E.; Beck, U. (2002). Individualization: Institutionalized Individualism and its Social and Political Consequences. SAGE Publications. London.
- Benson, M. (2011a) The British in Rural France. Lifestyle migration and the ongoing quest for a better way of life. Manchester University Press.
- Benson, M. (2011b). Landscape, imagination and experience: processes of emplacement among the British in rural France.pp.63-77
- Benson, M. (2015) Lifestyle migration: from the State of the Art to the future of the field. Online Magazine Dve Domovini, Two Homelands. Issue 42. <http://twohomelands.zrc-sazu.si/en/articles/show/40/lifestyle-migration-from-the-state-of-the-art-to-the-future-of-the-field> (10.06.2015)
- Benson, M.; O'Reilly, K. (2009a) Lifestyle migration: Escaping to the Good Life. In Benson, M.C. and K. O'Reilly (Eds.). Lifestyle migration: Expectations, Aspirations and Experiences. Ashgate, Aldershot.
- Benson, M.; O'Reilly, K. (2009b) Migration and the Search for a Better way of Life: A critical exploration of lifestyle migration. The Sociological Review. 57(4): 608-625.
- Biernacki, P.; Waldorf, D. (1981) Snowball sampling: problem and techniques of chain referral sampling. Sociological Methods and Research, 10:141–163
- Castles, S. (2016) Understanding Global Migration. A social transformation perspective. em Migration and Social Transformation: Interdisciplinary Insights and European Perspectives in An Anthology of Migration and SocialTransformation. Amelina, A.; Horvath, K. and Meeus, B. (edt.) Springer International Publishing Switzerland
- Castles, S., Ozkul, D., Cubas, M. (2015). Social Transformation and Migration: National and Local Experiences in South Korea, Turkey, Mexico and Australia . Basingstoke, UK: Palgrave Macmillan.
- de Haas, Hein (2008) Migration and development. A theoretical perspective. International Migration Institute, University of Oxford, Working Papers - Paper 9
- de Haas, Hein (2010) The Internal Dynamics of Migration Processes: A Theoretical Inquiry,

Journal of Ethnic and Migration Studies, 36:10, 1587-1617, DOI:
10.1080/1369183X.2010.489361

- Denzin, N.; Lincoln, Y (1994). *Handbook of qualitative research*. Sage Publications, Thousand Oaks
- Drake, H.; Collard, S. (2007) 'Brits' in France – a Case-Study of Intra-EU migration in the 21st century Paper for the Workshop: "Everyday Life in World Politics and Economic". Centre for International Studies LSE. London
- Drake, H.; Collard, S. (2008) A case study of Intra-EU Migration: 20 Years 'Brits' in the Pays d'Auge, Normandy, France. *French Politics*, 6, pp.214-233.
- Dresing, T.; Pehl, T. (2013) *Praxisbuch Interview, Transkription & Analyse. Anleitungen und Regelsysteme für qualitativ Forschende*. 5. Auflage. Marburg. Fonte: www.audiotranskription.de/praxisbuch (Data do download: 18.07.2015)
- Eimermann, M. (2014), Ambivalent Dutch Lifestyle migrants in rural Sweden. *AEMI Journal*, 12: 48-57
- Eimermann, M. (2015). Lifestyle migration beyond Consumption – Production Binaries: Dutch Migrants and Multifunctional Rural Land Use in Sweden. *Dve Domovini / Two Homelands*, (42): 81-96
- Epstein, S.; Gang, Ira N. (2004) The Influence of Others on Migration Plans. Discussion Paper No. 1244. Forschungsinstitut zur Zukunft der Arbeit. Bona, Alemanha
- Esser, Hartmut (1990). Prozesse der Eingliederung von Arbeitsmigranten. In Charlotte Höhn; Detlev B. Rein (Ed.), *Ausländer in der Bundesrepublik Deutschland* (pp. 33-53). Boppard: Boldt.
- Fonseca, M. L.; Góis, P. et al. (2013) *Migrações na Europa e em Portugal*, Coimbra: Almedina
- Fountain, J.; Hall, C. M. (2002) The Impact of Lifestyle migration on Rural Communities. A Case Study of Akaroa, New Zealand in *Tourism and Migration, New relations between production and consumption*. pp 153-168
- Fronteira, L. (2002). A ilusão do imigrante: relações internacionais, identidade e cultura. (2002) p. 79-104, Belo Horizonte, Brasil.

- Fussell, E.; Massey, Douglas S. (2004) The Limits to Cumulative Causation: International Migration from Mexican Urban Areas. *Demography*. Vol. 41, No. 1, pp. 151-171, Retrieved from <http://www.jstor.org/stable/1515217>
- Geis, W.; Uebelmesser, S.; Werding, M. (2008) How Do Migrants Choose Their Destination Country? An Analysis of Institutional Determinants To be presented at the CESifo conference: "Reform of the Welfare State: A New European Model" 31 October - 1 November 2008, Munich, Germany
- Haug, Sonja (2000) Soziales Kapital und Kettenmigration, Italiensische Migranten in Deutschland. Leske&Budrich: Opladen.
- Haug, Sonja (2000), Klassische und neuere Theorien der Migration, Mannheim: Arbeitspapiere - Mannheimer Zentrum für Europäische Sozialforschung ; 30) ISSN 1437-8574
- Hoey, B. (2009). Pursuing the Good Life: American Narratives of Travel and a Search for Refuge Lifestyle migration: Expectations, Aspirations And Experiences (eds. Benson, Michaela and Karen O'Reilly) Aldershot: Ashgate, 31–50.
- Jan Fidrmuc (2001), Migration and Adjustment to Shocks in Transition Economies, Center for European Integration Studies, Rheinische Friedrich-Wilhelms-Universität Bonn - <http://www.zei.uni-bonn.de/dateien/working-papaer/B01-23.pdf> (14.01.2016)
- Janoschka, M.; Durán, R. (2014) Lifestyle migrants in Spain. Contested realities of political participation. Pp. 60-75 in Haas, Heiko e Janoschka, Michael. *Contemporary Geographies of Leisure, Tourism and Mobility*, Volume 41. Contested Spatialities, Volume 41. Migration and Residential Tourism. Routledge.
- Janoschka, M.; Haas, H. (2013) (eds). *Contested Spatialities, Lifestyle migration and Residential Tourism*, London: Routledge
- Kluge, S. (2000). Empirisch begründete Typenbildung in der qualitativen Sozialforschung [14 Absätze]. *Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research*, 1(1), Art. 14, <http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0114-fqs0001145>.
- Korpela, M. (2014a) in *Understanding Lifestyle migration: Theoretical Approaches to Migration and the Quest for a better way of life*. M. Benson, N. Osbaldiston (edt.). pp. 27-46. Basingstoke: Palgrave Macmillan
- Korpela M., (2014b), 'Lifestyle of freedom? Individualism and lifestyle migration', in Benson M. and Osbaldiston N. (eds), *Understanding Lifestyle Migration: Theoretical Approaches to Migration and the Quest for a Better Way of Life*, 27–46, Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- Kvale, S. (1996) *Interviews: An Introduction to Qualitative Research Interviewing*. London. SAGE, Chapter 7: The Interview Situation, pp. 124-135; Chapter 8: The Quality of the Interview, pp. 144-159.
- Lawson, M. (2017) Narrative positioning and integration in lifestyle migration: British migrants in Ariège, France, *Language and Intercultural Communication*, 17:1, 58-75.
- Luísa, I.; Landesmann, M. (2013) Do I stay because I am happy or am I happy because I stay? Life satisfaction in migration, and the decision to stay permanently, return and out-migrate. NORFACE MIGRATION. Discussion Paper No. 2013-08

- http://www.norface-migration.org/publ_uploads/NDP_08_13.pdf (14.03.2016)
- Massey, D.; Arango, J.; Hugo, G.; Kouaouci, A.; Pellegrino, A.; Taylor, J. (edt.) *Theories of International Migration: A Review and Appraisal*. Population and Development Review Vol. 19, No. 3 (Sep., 1993), pp. 431-466
- Massey, D.S. (1990). Social structure, household strategies, and the cumulative causation of migration. *Population Index*, 56 (1): 3-26.
- Nagatomo, Jun. From tourist to migrant: the interaction between work-oriented lifestyle, tourism experience, and migration decision among japanese lifestyle migrants to australia. School of Social Science. University of Queensland.
<http://artsonline.monash.edu.au/mai/files/2012/07/junnagatomo.pdf> (17.03.2016)
- O'Reilly, K. (2007). *Emergin Tourism Futures: Residential Tourism and its Implications*. In: Geoffroy, C. and Sibley, R. (2007) *Going Abroad. Travel. Tourism and Migration*. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing. Pp 144-57
- O'Reilly, K./Benson, M. (2009a). Lifestyle migration. Escaping to the Good Life?, in M. Benson/K. O'Reilly, (eds.). *Lifestyle migration. Expectations, Aspirations and Experiences*. Farnham: Ashgate, pp. 1-14.
- Reynolds, T. (2008) *Ties That Bind: Families, Social Capital and Caribbean Second-Generation Return Migration* Working Paper No 46. Sussex Centre for Migration Research. University of Sussex
- Russell King (2002), *Selected Studies in International Migration and Immigrant Incorporation*, Marco Martiniello/Jan Rath (eds.), Amsterdam: University Press, Amsterdam, pp. 111-140.
- Rystad, G. (1992) *International Migration Review*, Vol. 26, No. 4, The Center for Migration Studies of New York, Inc., pp. 1168-1199.
<http://graduateinstitute.ch/files/live/sites/iheid/files/shared/summer/IA2010/JH1.pdf> (12.05.2016)
- Sardinha, J. (2013). Lifestyle migrants in central Portugal. Strategies of settlement and socialisation in Janoschka, M.; Haas, H. (eds). *Contested Spatialities, Lifestyle migration and Residential Tourism*, London: Routledge
- Sardinha, J. (2015) *Idyllic Seekers and Liminal Beings: Lifestyle Migrants in the Rural Regions of Central Portugal* in Torkington, K.; Sardinha, J.; David, I. (edt); *Practising the Good Life: Lifestyle Migration in Practices*. Cambridge Scholars Publishing
- Sheller, M. (2011). *Mobility*. Sociopedia.isa. DOI: 10.1177/205684601163
<http://www.sagepub.net/isa/resources/pdf/mobility.pdf> (16.06.2016)
- Snijders. T. (1992) Estimation on the basis of snowball samples:how to weight.Bulletin Methodologie Sociologique, 36:59–70
- Spalding, Ana K., (2013) *Lifestyle migration to Bocas del Toro, Panama: Exploring Migration Strategies and Introducing Local Implications of the Search for Paradise*.
http://irsr.eu/issue07/04_Spalding_p67-86.pdf (10.05.2016)
- Torkington, K. (2010) *Defining Lifestyle migration*, ESGHT, Universidade do Algarve:
<https://sapiencia.ualg.pt/bitstream/10400.1/1403/1/torkington%202010.pdf>

Torkington, K. (2011) The discursive construction of place - identity: British lifestyle migrants in the Algarve'. PhD Thesis, Lancaster University